

DM

**Estudo da poesia do Séc. XIX
a partir da Antologia Flores da Madeira
de José Leite Monteiro e Alfredo César d'Oliveira**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cláudia Filipa Coelho Sousa
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2025

**Estudo da poesia do Séc. XIX
a partir da Antologia Flores da Madeira
de José Leite Monteiro e Alfredo César d'Oliveira**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cláudia Filipa Coelho Sousa

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO

Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz



Faculdade de Artes e Humanidades

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas

Ano Letivo: 2024/2025

Estudo da poesia do Séc. XIX

a partir da Antologia *Flores da Madeira* de José Leite Monteiro e Alfredo César
d'Oliveira

Cláudia Filipa Coelho Sousa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Estudos Regionais e Locais

Orientadora: Doutora Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

Setembro de 2025

Resumo:

Esta investigação, na área da literatura, centra-se no estudo de poemas dedicados à Ilha da Madeira, escritos por poetas madeirenses do século XIX, publicados na Antologia *Flores da Madeira*, coligida por José Leite Monteiro e Alfredo Cesar D' Oliveira, no Funchal, em 1871. Partindo desta antologia de poesia, esta investigação estabelece relações entre a poesia do século XIX e a identidade insular e procura encontrar aspetos identitários e aspetos geográficos específicos nos poemas contemplados.

No primeiro capítulo, é apresentada a Madeira no século XIX, sendo feita uma contextualização desse século na ilha. De seguida, são apresentadas as novas conformações sociais na época e, por fim, é explicado como o simbolismo insular se reflete na literatura madeirense. No segundo capítulo fixamos a nossa atenção na poesia produzida na ilha, no século XIX, tendo em conta o ultrarromantismo madeirense e a influência de Soares de Passos, um dos expoentes desse movimento, os principais poetas ultrarromânticos madeirenses e a importância de antologias poéticas na Madeira no século XIX, para a divulgação dos respetivos poetas.

No terceiro e último capítulo, centramos a nossa atenção numa análise de poemas selecionados da coletânea *Flores da Madeira*, bem como nos seus poetas. A seleção dos poemas obedece ao critério da sua temática, nomeadamente, as marcas identitárias da Madeira presentes na poesia regional. Por fim, é feito um entrecruzamento da visão dos poetas, com base nos temas presentes na antologia.

Em anexos, encontramos uma tabela-síntese com os principais temas e motivos presentes nos poemas da antologia *Flores da Madeira*, assim como uma imagem da capa de cada um dos volumes.

Palavras-Chave

Poesia; Ilha da Madeira; Antologia Flores da Madeira; Séc. XIX; Identidade.

Abstract:

This research, in the field of literature, focuses on the study of poems dedicated to the island of Madeira, written by nineteenth-century Madeiran poets and published in the anthology *Flores da Madeira*, compiled by José Leite Monteiro and Alfredo Cesar D' Oliveira in Funchal in 1871. Based on this poetic anthology, this research establishes relationships between nineteenth-century poetry and island identity and seeks to find specific identity and geographical aspects in the poems covered.

In the first chapter, Madeira in the 19th century is presented, with a contextualization of that century on the island. Next, the new social configurations of the time are presented and, finally, it is explained how island symbolism is reflected in Madeiran literature. In the second chapter, we focus on the poetry produced on the island in the 19th century, considering Madeira's ultra-romanticism and the influence of Soares de Passos, one of the exponents of this movement, the main ultra-romantic poets from Madeira and the importance of poetry anthologies in Madeira in the 19th century for the dissemination of the respective poets.

In the third and final chapter, we focus our attention on the analysis of selected poems from the collection *Flores da Madeira*, as well as the respective poets. The poems were selected according to the criterion of their theme, namely the identity marks of Madeira present in regional poetry. Finally, the poets' points of view are cross-referenced, based on the themes present in the anthology.

In annexes we find a summary table with the themes and motifs found in the poems of the poets featured in the anthology *Flores da Madeira* as an image of the cover of each one of the volumes.

Keywords

Poetry; Madeira Island; Madeira Flowers Anthology; 19th century; Identity.

Agradecimentos:

Quero dirigir um agradecimento especial à minha orientadora, a Doutora Ana Isabel Moniz, pela sua orientação e ajuda constantes na realização desta dissertação.

Agradeço também aos funcionários da biblioteca da Universidade da Madeira, pela sua ajuda no que diz respeito à procura de livros adequados para a minha investigação.

Agradeço ainda a ajuda da Biblioteca da Câmara Municipal do Funchal, pela sua assistência na busca de livros essenciais para a minha dissertação.

Não poderia deixar de agradecer ao meu Pai, à minha Mãe, à minha Irmã e às minhas amigas, por me terem apoiado sempre ao longo desta exigente, mas gratificante jornada.

ÍNDICE

Introdução	9-12
Cap. I: A Madeira no Século XIX	13-24
1.1. Contextualização histórica da época na Madeira	13-16
1.2. Novas conformações sociais na Madeira	16-18
1.3. O simbolismo insular: reflexos na literatura madeirense	18-24
Cap. II: A poesia (produzida) na Madeira, no Século XIX	24-38
2.1. A poesia ultrarromântica madeirense: reflexo do Romantismo Português e da poesia de Soares de Passos	25-33
2.2. Principais poetas madeirenses ultrarromânticos no século XIX	33-36
2.3. Antologias poéticas e sua importância na Madeira no Século XIX	36-38
Cap. III: Flores da Madeira e os seus poetas	38-87
3.1. Representações da Identidade Insular madeirense	42-72
Alfredo César d'Oliveira	44-46
Alípio Augusto Ferreira	46-48
Eduardo Ernesto de Carvalho	48-49
Francisco Vieira	49
Januário Justiniano de Nóbrega	50-59
João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos	59-60
João Fortunato de Oliveira	60-64
João de Nóbrega Soares	64-65
José António Monteiro Teixeira	65-67
Leolinda Jardim Vieira	67-68
Luís da Costa Pereira	68
Luís de Ornelas Pinto Coelho	68-70
Maurício Carlos de CastelBranco Manuel e Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha ..	70
Marcelliano Ribeiro de Mendonça	70-71

Viscondessa das Nogueiras	71-72
3.2. Recorrências temáticas presentes na Antologia	72-75
3.3. Confluências de visões poéticas	75-87
Conclusão	88-89
Referências Bibliográficas/Net gráficas	90-95
Apêndices	96-103
Anexos	104

Introdução

Esta investigação, na área da literatura, em particular da poesia, realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Regionais e Locais, centra-se no estudo de poemas dedicados à região da Ilha da Madeira, escritos por poetas madeirenses do século XIX, publicados na Antologia *Flores da Madeira*, coligida por José Leite Monteiro e Alfredo César d'Oliveira, no Funchal, em 1871. Partindo desta antologia «*de* (não *da*) poesia», (Pimentel, 2006, p. 7), este estudo procura estabelecer relações entre a poesia do século XIX e a identidade insular. Visa, portanto, analisar aspetos identitários e aspetos geográficos característicos da Madeira em alguns dos seus poemas. Optámos por selecionar poemas de acordo com a temática que se relaciona com aspetos relativos à cultura e identidade de uma região, neste caso particular, da Ilha da Madeira.

A literatura permite estabelecer relações estreitas com a identidade a partir de obras que expõem marcas da experiência do Ser Humano. O que cada um entende sobre identidade é a representação que os sujeitos fazem sobre si e sobre o mundo, garantindo um sentimento de coesão e de existência. Ou seja, a identidade é o significado que adquire o real: «lugar», região física, geográfica, exposta nas representações, nos símbolos, objetos, gestos, entre outros. Logo, consideramos importante entender a identidade como parte da subjetividade. A literatura faculta novos modos de o leitor se rever a si mesmo e ao seu lugar no mundo. Neste sentido, permite transmitir experiências humanas e organizar as que são díspares, abrindo espaço para uma reflexão sobre a identidade.

A escolha deste tema deve-se ao facto de a Antologia intitulada *Flores da Madeira*, coligida por José Leite Monteiro e Alfredo César d'Oliveira, ser ainda pouco estudada e por conter descrições relevantes para podermos entender a relação que se estabelece entre a poesia do século XIX e a identidade madeirense. A investigação deste tema justifica-se, também, pela necessidade de conhecermos e divulgarmos os poetas que publicaram os seus textos nesta antologia dividida em dois volumes, na Madeira.

O primeiro volume contém poesia de D. Emília Acciaioly Rego, Senior; D. Leolinda Jardim Vieira; D. Luísa Maria Pereira; D. Maria da Costa Pereira; Viscondessa das Nogueiras (Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt); Affonso de Almeida Fernandes; Alfredo César de Oliveira; Alípio Augusto Ferreira; António

Alves da Silva; António Policarpo dos Passos Sousa; Augusto Carlos Escórcio; Francisco Clementino de Sousa; Francisco Vieira; Januário Justiniano de Nóbrega; João Augusto de Ornellas; João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos; João Fortunato de Oliveira; João de Nóbrega Soares; José António Monteiro Teixeira; José Marciano da Silveira; Júlio da Silva Carvalho; Luíz Alexandre Ribeiro de Mendonça; Luíz da Costa Pereira; Luíz de Ornelas Pinto Coelho; Manoel Luíz Viana de Freitas; Marcelliano Ribeiro de Mendonça; Maurício Carlos de Castelbranco Manuel e de Maurício Carlos de Castelbranco Manoel & Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha.

O segundo volume é constituído por poemas de D. Luísa Maria da Costa Pereira; D. Leolinda Jardim Vieira; António Policarpo dos Passos Sousa; Alfredo César d'Oliveira; Alípio Augusto Ferreira; Afonso de Almeida Fernandes; Diogo Berenguer, Júnior; Eduardo Ernesto de Carvalho; Francisco Vieira; Januário Justiniano de Nóbrega; João Fortunato d'Oliveira; João de Nóbrega Soares; José António Monteiro Teixeira; José Marciano da Silveira; Luíz da Costa Pereira; Luíz Alexandre Ribeiro de Mendonça; Luís António Jardim (bacharel); Luíz d'Ornelas Pinto Coelho; Marcelliano Ribeiro de Mendonça; Maurício Carlos de Castelbranco Manuel e de Manoel Luís Vianna de Freitas.

Tendo em conta a relação entre literatura e identidade, procura-se, com esta investigação, encontrar aspetos identitários específicos madeirenses, presentes nos poemas contemplados na antologia, de alguns dos poetas mencionados anteriormente, em particular de Alfredo César d'Oliveira, (1840-1908); Alípio Augusto Ferreira, (1837-1915); Eduardo Ernesto de Carvalho, (- 1879); Francisco Vieira, (1848-1889); Januário Justiniano de Nóbrega, (1824-1866); João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, (1829-1902); João Fortunato de Oliveira, (1828-1878); João de Nóbrega Soares, (1831-1890); José António Monteiro Teixeira, (1795-1876); Leolinda Jardim Vieira, (1841-1903); Luíz da Costa Pereira, (1818-1893); Luíz de Ornelas Pinto Coelho, (1843-1920); Maurício Carlos de Castelbranco Manuel, (1842-1910) e Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha, (1845-1924); Marcelliano Ribeiro de Mendonça, (1805-1866) e Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras, (1805-1888).

Este estudo pretende, assim, contribuir para uma melhor compreensão da relação que a poesia referente à Ilha da Madeira, no século XIX, na antologia *Flores da Madeira*, estabelece com a identidade insular. Neste sentido, ao analisarmos os poemas propomo-

nos a referir os aspetos identitários, culturais, e geográficos específicos da Madeira. Esta dissertação visa, assim, refletir sobre a importância destes poetas e da sua poesia para um maior entendimento e conhecimento da realidade insular madeirense. Ao mesmo tempo, tem como objetivo divulgar a antologia e a obra destes poetas assim como entender a importância da poesia como veículo de ideias e pensamentos sobre uma região, na época em que foi produzida.

A nível metodológico, para a realização desta investigação, procedemos a uma leitura e análise exaustiva dos poemas e poetas selecionados, que integram a antologia *Flores da Madeira*. Consultámos as obras de carácter biobibliográfico sobre os poetas a serem analisados, e de carácter teórico sobre a relação literatura e identidade. Procedemos ainda à consulta de livros, revistas e jornais, que analisam a poesia destes escritores, e que fazem referência à escrita dos mesmos. Foram também consultados documentos sobre o século XIX, na Madeira, e sobre alguma da literatura produzida na Madeira.

O primeiro capítulo, de carácter mais teórico, incide na Madeira no século XIX, apresentando uma contextualização dessa época na Ilha, das novas conformações sociais e, por fim, descreve os reflexos do simbolismo insular na literatura madeirense. O segundo capítulo, também de cariz mais teórico, propõe-se focar na poesia produzida na Madeira, no século XIX, contextualizando a poesia ultrarromântica madeirense. Tentámos constatar se esta terá recebido influências do Romantismo Português, mais especificamente, da poesia de Soares de Passos.

De seguida, a nossa investigação refere alguns dos principais poetas madeirenses ultrarromânticos, e procura incidir nas antologias poéticas madeirenses e na sua importância para a tomada de conhecimento dos poetas da Ilha da Madeira. Por fim, o terceiro capítulo, de carácter mais prático e analítico, incide nos poemas da antologia e nas marcas identitárias madeirenses, analisando-as e descrevendo-as, a partir de excertos dos mesmos. Constituindo ainda nosso objetivo apresentar as recorrências temáticas presentes na mesma, de forma a adquirir uma compreensão mais alargada sobre a identidade madeirense, a partir da literatura/poesia regional, e por fim, tentamos entrecruzar a visão dos poetas na antologia.

Na secção “Apêndices” do nosso trabalho encontramos uma tabela-síntese com os temas e motivos refletidos nos poemas que são posteriormente analisados no primeiro

subcapítulo do terceiro capítulo, como já fora mencionado no parágrafo anterior. E, em “Anexos” consta a cópia das capas de cada um dos volumes da coletânea *Flores da Madeira*.

Este tema parece-nos pertinente para a realização de uma investigação no âmbito do Mestrado em Estudos Regionais e Locais, na área da literatura e dos estudos de identidade, pois permite-nos explorar diversos aspetos e temas recorrentes na Antologia relativos à identidade madeirense na escrita desses poetas, tais como a saudade, a natureza, o amor, a religiosidade, acontecimentos históricos, identidade, cultura, tradições e costumes. Consideramos, pois, relevante esta temática por acreditarmos poder contribuir para um maior conhecimento e valorização da Região, a partir dos poetas madeirenses do século XIX que escreveram sobre a Ilha, refletindo sobre estas questões e permitindo ao leitor conhecer a identidade insular de uma maneira mais ampla. cremos, pois, que o diálogo entre literatura e identidade contribui para a análise e descrição da cultura de uma região/lugar, neste caso particular, da Ilha da Madeira.

Capítulo I - A Madeira no Século XIX

O século XIX é considerado um período de mudanças a nível mundial, e a diversos níveis, que se refletiram também na Ilha da Madeira. Foi também uma época em que a ilha se transformou num importante centro turístico e comercial para onde os turistas, sobretudo da aristocracia europeia, eram atraídos pela amenidade do clima, o ar puro e as paisagens verdejantes. Nessa época, o principal tipo de turismo era o terapêutico, pois o clima da ilha era considerado ideal para o tratamento de doenças respiratórias, tais como a tuberculose. Por essa razão foram construídos hotéis, jardins botânicos e outras infraestruturas, para atender à crescente procura turística, transformando a Madeira num destino turístico reconhecido a nível internacional.

A nível económico, o comércio expandiu-se, não só em Portugal Continental como também no estrangeiro com a produção e exportação do Vinho da Madeira para a Europa e os EUA, impulsionando a economia da ilha. Contudo, no final do século XIX, a filoxera, uma praga, devastou as vinhas europeias, tendo atingido também a Ilha, causando uma grave crise económica. A nível social, muitos madeirenses emigraram para o Brasil e para os EUA, em busca de melhores condições de vida. Foi muito importante para a ilha a vinda de diversas personalidades que passavam pela ilha para a visitar ou apenas como ponto de passagem. Muitos permaneceram na ilha. Disso poderá ser exemplo a influência britânica cujos marcos da sua presença são evidentes na arquitetura, nos costumes, na economia e na língua.

O século XIX foi, pois, um período de grande transformação na Madeira, tendo esta passado de uma economia baseada na agricultura para uma economia mais diversificada, com o turismo e o comércio a desempenharem um papel relevante.

1.1. Contextualização histórica da época na Madeira

Ao longo deste subcapítulo, procuraremos referir os principais acontecimentos que marcaram o século XIX na Madeira, até 1872, já que a antologia *Flores da Madeira*, foi lançada em 1871 e em 1872, sendo os seus poemas referentes a acontecimentos anteriores a essas datas e, portanto, reenviando para esse século.

Seguindo a cronologia presente na obra *Funchal 500 anos: Momentos e Documentos da História da Nossa Cidade* (Guerra & Barros, 2010, pp. 159-180), retiram-se as seguintes datas consideradas relevantes para entender a época. «The Napoleonic Wars led to the occupation of Madeira by the British for two periods, the first in 1801 and 1802, and the second from 1807, when Junot entered Lisbon, till the close of the Peninsular War¹», (s/a, 1920, p. 22). Na Madeira, em julho de 1801, as tropas inglesas comandadas por Henry Clinton ocuparam o Funchal, tendo permanecido até janeiro de 1802. Em 1806, o Bloqueio Continental decretado pela Inglaterra em maio causou alterações no tráfego marítimo. Contudo, o fecho dos portos europeus viria a aumentar a exportação do vinho insular. Em 24 de dezembro de 1807, o Funchal foi ocupado por uma força inglesa, sob o comando do Major-General William Beresford.

1810 foi feito um tratado comercial com a Inglaterra e, em 1814, foi possível notar-se que, desde o Bloqueio Continental, a produção do vinho na ilha aumentou assim como a sua exportação. Em outubro, as tropas inglesas partem do Funchal. Em 1815, a polícia inglesa que transporta Napoleão Bonaparte para o exílio em Santa Helena passa no Funchal. Em 1817, a exportação de vinho sofreu um colapso. A Princesa real D. Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, passa no Funchal. Em 1819 foi realizada a primeira travessia do Atlântico de barco.

Em 1821, a cidade do Funchal aderiu à Revolução Liberal que começou no Porto e, a 28 de janeiro, obedece às Cortes e à Constituição instituída; devido à queda da exportação do vinho, o seu preço baixou. Em junho de 1823, é tomado conhecimento do Golpe de Estado Absolutista e do fecho das Cortes e da suspensão da Constituição. Foi mandado elaborar uma lista com elementos pertencentes à Maçonaria. Em agosto de 1826 é jurada no Funchal a Carta Constitucional outorgada por D. Pedro e são realizadas eleições no Funchal para deputados das Cortes.

Em 1827, devido à estagnação do comércio do vinho, é proposto o regresso à plantação da cana-de-açúcar e a construção de fábricas de açúcar. Em 1828 dá-se um golpe absolutista, dissolvendo-se as Cortes Constitucionais, sendo aclamado D. Miguel como rei absoluto, abolindo a Carta Constitucional. «Madeira was to some extent involved in the miguelista disturbances in 1828. The Island was in favour of Dom Pedro and the young queen, his daughter Donna Maria, but had to give way to a force sent out

¹ *Azores and Madeira* (1920), London, published by H.M. Stationery office.

by Dom Miguel in 1828, until the final overthrow of his regime in 1832», (s/a., 1920, p. 22). D. Miguel ordena um bloqueio ao porto do Funchal e, em agosto, as forças miguelistas desembarcaram na baía de Machico, ocupando o Funchal no dia 23. Inicia-se uma repressão e perseguição violenta aos liberais, liderada pelo governador miguelista José Maria Monteiro.

Em 1832, o governador miguelista toma precauções para um ataque das forças liberais ao Funchal. A 5 de junho de 1834, é restaurada a Monarquia Constitucional no Funchal, quando D. Miguel tem de prestar juramento à rainha e à carta. Então, o regime constitucional é restaurado pelos liberais. São extintas as ordens religiosas e é criado um Asilo da Infância provisório no Palácio de São Lourenço. Em 1835, é criado o concelho de Câmara de Lobos. «Convents and monastic institutions were abolished by law in 1835²», (s.a., 1881, p. 36). Em 1836, a Constituição de 1822 é jurada no Funchal. Em 1837 é construído um Asilo da Mendicidade no sítio das Angústias. É jurada no Funchal a nova constituição de 1838.

Em 1839, teve início a construção da Praça da Rainha e da Praça do Peixe. Realizam-se eleições para as Cortes, sendo José Silvestre Ribeiro um dos eleitos. É criada a Sociedade Agrícola Madeirense por iniciativa de Silvestre Ribeiro. Em 1850 aumenta o número de candeeiros de iluminação pública no Funchal. A partir de 1850, com a invenção da hélice, surgem os barcos a vapor, passando, a partir daí, a ser comum o uso de barcos a vapor na circulação marítima. Note-se que havia no Funchal cinquenta comerciantes ingleses, quatro americanos, cinco italianos, dezoito hebreus, um francês e um alemão. Em 1852, considera-se que a colheita de vinho está perdida. Em agosto chega ao Funchal a Imperatriz D. Amélia, duquesa de Bragança, acompanhada da sua filha, a princesa D. Maria Amélia, doente com tuberculose.

Termina o mandato de Silvestre Ribeiro como governador civil do Funchal. Em 1859, é aprovado um contrato para a comunicação regular entre Lisboa e o Funchal através de embarcações a vapor. Em 1862, o bordado Madeira é exportado para Inglaterra, sendo também importantes as indústrias de tecidos de verga, vimes, giesteira e tecidos de palha. Em 1863, são abolidas as instituições vinculares. Até à lei de 1 janeiro 1863, o sistema tributário de Portugal continental é equiparado à Madeira. A replantação de

² *Concise handbook of the Island of Madeira* (1881), London.

vinhas na Madeira desenvolve-se e, em 1866, é criada a Companhia Fabril de Açúcar Madeirense. Em 1870, a iluminação pública da cidade passa a ser alimentada a petróleo.

Nos séculos XVIII e XIX, as ilhas atlânticas eram mais abertas ao exterior devido à sua localização e, por conseguinte, ao foco que despertavam nas redes de transporte e comunicação transoceânicas e a indústria baleeira. Estes séculos conheceram diversas transformações, desde o colonialismo, a industrialização, a urbanização e um mercado internacional mais abrangente. É de sublinhar também que, entre 1828 e 1861, os engenhos de açúcar aumentaram significativamente.

1.2. Novas conformações sociais na Madeira

Segundo Rui Carita (2019), no início do século XIX, a antiga aristocracia madeirense encontrava-se fragilizada durante as guerras napoleónicas, devido às ocupações inglesas³ de 1801 e 1802 e entre 1807 e 1818⁴ e ainda devido aos efeitos do absolutismo entre 1828 e 1834, vendo-se obrigada a emigrar. Ao longo do século, a sociedade madeirense já não se apoiava na aristocracia vinhateira, nem nas suas terras produtoras de vinho, devido à destruição da maior parte da colheita, (1846-1848), causada por *oidium* (1852) e mais tarde por *filoxera* (1872). Apesar de terem tentado diversificar a sua atividade, tal acabaria por não se realizar devido ao domínio da burguesia inglesa na ilha, entre eles, os comerciantes. Radicaram-se na ilha as famílias Blandy⁵ e Hinton, tornando-se nos principais proprietários locais, tendo em conta que a maioria das propriedades na ilha pertencia a ingleses.

Quanto às classes sociais, encontramos diferenças significativas que permitem demonstrar a desigualdade que existia na cidade do Funchal, em meados do século XIX, em que as encostas luxuosas contrastavam com o interior pobre. Apesar da abolição da escravatura em 1767, era comum haver ainda em 1811 descendentes de escravos na ilha. Enquanto as classes urbanas mais cosmopolitas, entre as quais se destacavam as famílias da alta burguesia madeirense, tinham uma vida ao nível das grandes cidades portuguesas,

³ As ocupações inglesas deram-se devido ao valor estratégico da Ilha da Madeira, tendo decorrido sob o olhar curioso da população.

⁴ As tropas inglesas só se retiraram da ilha em 1814.

⁵ Na segunda metade do século XIX, adquirem a Quinta do Palheiro Ferreiro (propriedade importante do Funchal), e o *Diário de Notícias*. Com a Madeira Wine Company, a família Blandy passa a ter o controlo sobre os meios de produção na ilha.

desfrutando de luxos, de comida e bebida em abundância, o mesmo não acontecia com as classes mais desfavorecidas, na sua maioria constituídas por camponeses. Estes viviam do trabalho árduo nos campos agrícolas, alimentando-se à base de vegetais, «semilha», batata-doce, peixe e, mais raramente, de carne, levando uma existência pautada pela pobreza e miséria. Dependiam de contratos de colônia, assente nas benfeitorias, acabando por ter de emigrar, devido ao regime de monocultura, imposto pelos senhorios.

A eclosão de graves crises agrícolas desencadeou a fuga da população dos campos para a cidade, provocando um aumento do desemprego, devido ao insuficiente número de postos de trabalho industriais, o que viria a causar desigualdades económicas e, por conseguinte, sociais. Por essa razão, muitos madeirenses emigraram para outros países, nomeadamente, para a Guiana Britânica, também conhecida por Demerara, para as Ilhas Sandwich (Havai) e para o Cabo da Boa Esperança, na África do Sul, para trabalhar em plantações e em busca de melhores salários e assim também de melhores condições de vida. Partiam com o desejo de regressar à Ilha da Madeira, para desfrutar de uma vida sem preocupações financeiras. Entre 1835 e 1855 emigraram cerca de 40000 madeirenses, tendo provocado uma desertificação do interior da ilha. Refira-se que muitos deles viajaram ilegalmente para Demerara.

Entre os séculos XVIII e XIX, a ilha da Madeira sofreu catástrofes naturais, destacando-se as aluviões de 1803 e 1815, chuvas e inundações em 1842, 1848, e 1856: «A mighty flood in 1803 destroyed 800 lives, another in 1842 did much damage to property, but destroyed no lives⁶», (s/a., 1881, p. 32). Muitos madeirenses acreditavam que a fúria dos elementos naturais se devia a erros dos Homens. Acrescem as fomes cíclicas de 1844 e em 1846⁷ a 1847⁸, que contribuíram para mudanças na ilha. Após a revolução de 1820, surgem publicações liberais, na imprensa que refletiam questões políticas da época, levando o ilhéu a tomar consciência do tratamento injusto na ilha e assim a aderir, em 1821, aos princípios constitucionais. Destaca-se, nesse mesmo ano, o surgimento do primeiro jornal madeirense, *O Patriota Funchalense*, que viria a despoletar a imprensa na ilha. Gostaríamos de destacar que a Madeira foi palco de lutas quando as tropas miguelistas a ocuparam, vigorando na ilha a partir de 1834 um governador civil e

⁶ *Concise handbook of the Island of Madeira* (1881), London.

⁷ Doença que destrói as plantações da batata, causando fome, principalmente nas zonas rurais;

⁸ Muitos mendigos deambulam nas ruas do Funchal.

um militar. Nesse mesmo ano surge também a lei da imprensa, sendo eliminada a censura prévia.

De 1840 a 1847, D. Maria II suspende a liberdade da imprensa. Relevante nesta época é o facto de a maçonaria portuguesa ter-se irradiado na Madeira. Com o passar do tempo, as seitas maçónicas começaram a fazer parte da sociedade funchalense.

Outro facto a sublinhar nesta época é que, no século XIX, no que dizia respeito à religião, havia intolerância religiosa e violenta na ilha, sendo que ao longo do século XIX ocorria um fervor evangélico de instrução e moralização dos pobres. Os madeirenses católicos seguiam os princípios cristãos, desfrutando de festas religiosas e arraiais: «Roman catholicism is established by law⁹», (s/a., 1881, p. 36). Sublinhe-se que as ordens religiosas foram extintas na ilha em 1860. Também a condição da mulher viria a conhecer ligeiras modificações. Casavam-se cedo e podiam sair de casa para participar em procissões religiosas e para visitar amigos e familiares.

Desde finais do século XVIII até inícios do século XX, generalizou-se na Madeira o turismo terapêutico, considerada a primeira manifestação de turismo na Ilha, devido à fama do seu clima ameno. Considerada como um lugar ideal para tratar doenças pulmonares, como a tuberculose, doença muito frequente na época, «the south coast has become a great resort for invalids especially during the winter¹⁰», (s/a., 1920, p.12). Foram criados sanatórios para os doentes, o que atraiu visitantes estrangeiros à ilha por motivos de saúde, mas também por motivos de lazer, devido às suas paisagens naturais. É de destacar que a partir de 1840 as famílias madeirenses mais abastadas alugavam as quintas ou casas mobiladas aos visitantes estrangeiros. Até meados do século XIX, o domínio económico inglês sobre a ilha era evidente, tendo os ingleses promovido a obra de vimes e o bordado Madeira.

1.3. O simbolismo insular: reflexos na literatura madeirense

Partindo da ideia de que a insularidade se inscreve na identidade, cultura e visão do mundo dos ilhéus madeirenses, pretendemos, neste subcapítulo, compreender o modo

⁹ *Concise handbook of the Island of Madeira* (1881), London.

¹⁰ *Azores and Madeira* (1920), London, published by H.M. Stationery office.

como a insularidade poderá ter moldado a produção literária madeirense no século XIX, e como os escritores através do recurso à natureza e a elementos da cultura local poderão expressar diferentes visões do mundo, ideias, e sentimentos pessoais.

Uma ilha surge como paradigma de um espaço fechado e distante, de isolamento e prisão, tendo o mar como fronteiras, mas também como um lugar utópico, paradisíaco, de desejo, de inúmeras descobertas e possibilidades. O termo insularidade refere-se à condição de uma ilha, isto é, ao facto de ser uma porção de terra rodeada de água em todos os lados. Neste sentido, uma ilha como um espaço geográfico fechado tende a simbolizar a pureza e autossuficiência. Considerada um lugar mítico e idílico, e tendo o mar como meio referencial da sua natureza, é frequentes vezes associada à ideia de um paraíso e sempre aberta a novas possibilidades.

A ilha apresenta-se como um espaço que convida a sentir o espírito do lugar, através de memórias e recordações da infância. As mesmas paisagens de um lugar podem ser percecionadas de diferentes formas, tendo em conta a ligação que o sujeito estabelece com o lugar. Ou seja, se se tratar de um espaço onde viveu na infância é frequente que o sujeito sinta uma ligação especial. O que significa que a experiência do lugar é indissociável da identidade. *Place-identity*, conceito apresentado por Harold M. Proshansky, resume a relação entre o Homem e a paisagem, isto é, como um lugar que se torna parte da identidade de um indivíduo.

O olhar sobre a paisagem varia de indivíduo para indivíduo, já que ninguém a percebe da mesma maneira, devido à experiência que cada um tem de um determinado lugar. Ao deslocar-se num espaço geográfico, cada sujeito deixa marcas que podem ser seguidas por outros, que por sua vez poderão acrescentar outras. Também o conceito de Nissologia, criado por Grant McCall, para se referir à ciência das ilhas, ou Nesologia, como defende Alberto Vieira, reflete sobre o espaço-ilha nas suas diversas vertentes. Entendemos que viver numa ilha tende a ter impacto na vida do ilhéu. O acesso à ilha é crucial, pois é realizada uma viagem para chegar a esse «lugar-ilha», seja através da praia, do cais, ou do porto. O modo como se chega à ilha varia consoante o meio de transporte. Se for de barco, ao aproximar-se da ilha, o viajante poderá observar os picos verdes, e quando se aproxima da costa vê a praia e as construções. O espaço torna-se assim relevante para o sujeito insular, com destaque para o mar que faz parte da sua identidade insular e cultural.

A ideia de isolamento, de afastamento e de distância entre ilhas e continentes deriva do facto de estar rodeada de mar, afastando-a geograficamente do resto do mundo. Todavia, ao mesmo tempo, o mar é o elemento que permite uma aproximação à ilha com o resto do mundo, abrindo-a à aventura e à descoberta. O escritor relaciona o espaço real, com o imaginário, ou seja, com o espaço particular que a ilha adquire na pena do poeta. O percurso que encontramos nos textos poéticos ou em outras obras literárias pode ser experienciado pelo sujeito. A consciência de pertença à ilha e a sua natureza de ilhéu é moldada, unindo a cultura, a história, e a identidade individual.

No caso da Madeira, o ilhéu apresenta habitualmente uma ligação com o quadro natural da ilha, onde nasceu e viveu, sendo que a floresta sempre fez parte da história do Homem, incluindo da história da religião cristã. A Madeira ganhou o seu nome devido ao denso arvoredo das suas serras, embora a ação do ser humano na natureza tenha vindo a destruir a área vegetal: «In Madeira progress was delayed by the outbreak of forest fires, which are said to have raged for seven years¹¹», (s/a., 1920, p.20). O Homem interveio na natureza para desenvolver a agricultura na ilha, recordando que a produção da cana-de-açúcar no século XV quase extinguiu a floresta. Saliente-se que o Homem teve de erguer poios para o cultivo da terra para adaptar técnicas agrícolas ao solo madeirense e ainda adaptar-se às condições do solo agreste, tendo construído levadas para que a água chegasse aos terrenos agrícolas mais inacessíveis.

Apesar disso, a ação do Homem na ilha também mostrou que este tinha uma ligação profunda com a natureza, pois criou jardins, transformando-a numa ilha-jardim. De acordo com o pensamento cristão, o jardim está associado à ideia de paraíso expressa através das flores e das fontes, elementos que são frequentemente referidos pelos escritores e poetas madeirenses do século XIX. O jardim pode assim ser interpretado como um espaço de tranquilidade espiritual que simboliza a união do Homem com a Natureza. Num jardim, há elementos naturais como árvores, mas também elementos criados pelo Homem, como cascatas que contribuem para embelezar o mesmo.

Desde o século XV, a Europa procurava o Éden bíblico, o que poderá ter levado a desenvolver o culto pelas árvores, a partir do século XVII. Nessa visão, a ilha tende a ser considerada um símbolo de retorno ao éden. Todavia, com a devastação da floresta no

¹¹ *Azores and Madeira* (1920), London, published by H.M. Stationery office.

século XV essa imagem de paraíso ter-se-á perdido, vindo o seu esplendor a ser recuperado no século XVIII.

É de sublinhar que os ingleses terão sido os primeiros a chegar à Ilha, em Machico, segundo a lenda de Machim¹² que daria nome à referida cidade, na qual um casal inglês, Anne d'Arfet e Roberto Machim, tiveram de fugir para viver um amor proibido porque as famílias, de classes sociais distintas, não permitiam o casamento. Enquanto o «olhar de fora» do visitante contemplava a beleza da ilha, o «olhar de dentro» do madeirense observava a sua ilha de maneira diferente, recordando o esforço de gerações para humanizá-la.

Veja-se que a ilha, nos tempos dos Descobrimentos, servia como porto de escala ou de apoio para as embarcações. Era importante para o comércio, pois fornecia cereais, vinho e açúcar, tendo sido crucial para intervenções portuguesas no Atlântico. O Homem do século XVIII olhava para o mundo com curiosidade. A ilha tornou-se símbolo de ambiente paradisíaco e relaxante, difundindo-se na mesma o turismo terapêutico. O Funchal tornou-se um jardim botânico, mostrando o domínio do Homem sob a Natureza. Note-se que o ilhéu madeirense procurou, desde os Descobrimentos, soluções para os problemas e dificuldades diárias.

A política de reflorestação foi importante, embelezando a cidade, os arredores e as escarpas com elementos vegetais. Destaca-se que o til, o vinhático, o aderno e o barbuzano cativaram os visitantes, salientando a riqueza da fauna e da flora madeirenses. Na ilha é possível encontrar-se a presença de arvoredos, lagos, montanhas e quedas de água, ribeiros de água, regatos e fontes, dando a ver a beleza das suas paisagens naturais. A Madeira era também designada por «ilha das pedras» devido à sua orografia constituída essencialmente por montes e rochedos fragosos: «a range of mountains runs from west to east across the Island, the highest peak of which, Pico Ruivo¹³», (s/a., 1920, p. 9).

Segundo Henriques (2009), as ilhas são territórios vulneráveis, com dificuldades não só decorrentes da sua característica geográfica particular que gera a insularidade, mas também com a questão do mercado de trabalho e a gestão dos solos. A ideia da ilha como

¹² A lenda de Machim é essencialmente oral, embora haja alguns registos escritos. Ver, por exemplo, Francisco Manuel de Melo e a *Epanáfora Terceira Amorosa*, de 1654, bem como o *Elucidário Madeirense*, onde também é referida a lenda.

¹³ *Azores and Madeira* (1920), London, published by H.M. Stationery office.

local isolado não define a «verdadeira natureza dos espaços insulares» (Henriques, 2009, p. 17). Refira-se que o isolamento se relaciona com uma dimensão ontológica da insularidade. A Madeira foi «descoberta» em 1419, por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz da Teixeira, aquando da época dos Descobrimentos, com o aumento da atividade náutica e do tráfego marítimo no oceano atlântico. A experiência da conquista terá trazido uma nova ideia de expansão territorial, passando as ilhas a serem consideradas territórios a resgatar e a ocupar. Este movimento expansionista visava formar o «sistema-mundo», tornando uns lugares «centros» e outros «periferias» que se ajudavam mutuamente.

Imaginar o mundo com ilhas era uma forma de, perante o mar imenso, encontrar outras margens. Note-se que a abertura ao comércio exterior e a dependência de fatores externos foi relevante para o Arquipélago da Madeira. O mar torna-se num obstáculo a transpor, pois este interrompe a continuidade das terras emersas, transformando-se em possibilidade de caminho com a circulação marítima, exponenciada com a invenção do barco a vapor importante para o transporte de pessoas e mercadorias, no século XIX. A ilha é o paradigma do lugar isolado. Refira-se, que, no passado, «estar isolado» era uma forma de existir numa ilha, ou seja, separado pelo mar, e a mesma vista como estar do outro lado, um lugar de alteridade.

Daí ser comum associar-se as ilhas aos espaços do sagrado e do fantástico, a um éden insular e a um paraíso. Neste sentido, podemos afirmar que a insularidade se liga ao sentido do além, ao mundo do sonho e do desejo como já tivemos oportunidade de referir. Junta-se assim aos espaços insulares as ideias de isolamento, confinamento, separação, afastamento, exílio, degredo, exterioridade e limitações a diversos níveis, como escassez de recursos e pequenez dos mercados locais.

No século XIX, as ilhas foram integradas no «espaço global», reforçando-se a emigração insular, importante para a vida das ilhas. Dada a sua posição geográfica, não estavam isoladas, estando, portanto, mais abertas ao exterior. Entendidas como *locus* de concretização do imaginário elísio, ostentam a imagem de ínsula paradisíaca, ou seja, uma imagem idealizada de prazer e de felicidade, associada frequentes vezes a prados verdes e floridos, à abundância, a fontes de água, a cantos, a árvores de fruto, entre outros. Um *locus amoenus* que se aproxima de uma primavera eterna, com noites claras e ambiente de tranquilidade e de conforto. Assim, a ilha apresenta uma paisagem perfeita, um éden bíblico com clima doce e perfumado pelas flores bem como um solo rico e abundante em

frutos. O que significa que no século XIX a ilha, enquanto lugar isolado e distante, era considerada um paraíso terrestre, cuja paisagem, segundo o ideal da ínsula paradisíaca, permitia contemplar as paisagens, sentir a amenidade do clima, apreciar os abismos profundos, os penhascos e o mar. Note-se que a ideia de isolamento e de distância classifica a ilha como um espaço de fuga e de evasão, colocando-a à margem do mundo e do tempo.

As paisagens e as flores contribuem também para uma visão metafórica da ilha protetora e desejada (Moniz, 2021). A insularidade e a ilheidade constituem parte da cultura de raiz, interligando-se o modo de vida particular, composto pelo conjunto de representações e imagens que os ilhéus construíram a respeito do espaço geográfico-cultural, oriundas da sua insularidade, que inclui aspetos geográficos, sociais e culturais, destacando-se a presença de mitos. A identidade do ilhéu madeirense caracteriza-se em função da sua cultura, estando assim ligada profundamente à presença do mar e ao respeito da sua força.

Segundo Teixeira (2005), no século XIX, a insularidade é sentida como uma noção de espaço territorial distinta da do continente, enquanto o isolamento diz respeito à preservação da natureza e da origem do mundo. A relação do ilhéu com o mar intensifica o sentimento de pertença ao lugar das suas raízes culturais, um encontro da paisagem com o «eu», sendo o mar um lugar de passagem para novas oportunidades e de apelo a partidas e a chegadas. Por sua vez, para Alves (2021), o mar emerge como um apelo do ilhéu. Quem parte, leva a saudade, querendo regressar. O mar faz, pois, parte da consciência de ser ilhéu, trazendo o sentimento de tristeza nostálgica pela sua ausência, nos momentos solitários. Consideramos importante referir que a identidade do madeirense se moldou na terra, entre mar e serra.

Ao abrir-se ao mundo, a ilha tende a perder algum peso da insularidade, embora ganhe em ilheidade, devido à sua cultura. Saliente-se que a condição de ilhéu se interliga com o contexto natural da ilha, mas também com a humanização da paisagem. A população moldou a ilha, adaptando a paisagem às suas necessidades. O que significa que o clima, o relevo, a geologia e a biologia da ilha se revelam importantes para as suas gentes. Destaca-se ainda o falar madeirense, que marca a sua origem. A nostalgia do passado, que pode ser representada por paisagens, memórias e o tempo da infância, marca

o ilhéu, que sente o chamamento da ilha, um lugar que parece só poder ser compreendido por quem vive a experiência de ser ilhéu, tendo o mar como marca.

II - A poesia (produzida) na Madeira, no Século XIX

A escrita literária na ilha da Madeira desenvolveu-se com a implementação da imprensa, em inícios do século XIX. Em 1821, no contexto do Liberalismo e da Revolução industrial surgiu o primeiro jornal madeirense, *O Patriota Funchalense*. Era, pois, através da imprensa que os escritores se projetavam para o exterior. É de sublinhar que na primeira metade do século os jornais e os almanaques eram o principal veículo de divulgação literária. No período do romantismo tardio era um meio de promoção da cultura da época, surgindo também cada vez mais gazetas. Na primeira metade do século, a poesia era reservada a uma minoria, salientando-se que «a atividade literária do Arquipélago da Madeira é o reflexo dos autores e das obras do continente português», (Teixeira, 2005, p.25).

Destaca-se na segunda metade do século XIX a predominância do associativismo cultural, de que pode ser exemplo a criação do Grémio Literário e Recreativo do Funchal, em 1871. Nessa época, constituem-se tertúlias literárias e surgem periódicos literários ou periódicos com secções literárias e antologias de poetas madeirenses. Como afirma Santos, «Na Madeira, o reconhecimento do facto literário local encontrava-se ligado ao fenómeno de projetos antológicos que surgem no último quartel do século XIX» (Santos, 2008, p. 570). O autor acrescenta que «o surgimento dessas antologias revela a promoção de uma madeirensidade de base letrada, como sublinham os seus títulos, que integram o nome da terra ou o respetivo gentílico.» (Santos, 2019, p. 785).

Antes de surgirem antologias, tais como *Flores da Madeira* (1871-1872) de Alfredo César de Oliveira e José Leite Monteiro, *Miscelânea Madeirense* (1877) de Rodrigues de Azevedo e *O Álbum Madeirense* (1884) de Francisco Vieira, a poesia lírica encontrava-se dispersa em periódicos literários insulares, nomeadamente *Beija-Flor* (1842), *A Aurora do Domingo* (1862) e *O Archivo Litterario* (1863), com periodicidade

semanal, *O Crepúsculo* (1865) de periodicidade quinzena, *O Monóculo* (1889-1890) e *Semana Illustrada* (1898-1900), de frequência semanal. No campo da poesia, neste século, os géneros cultivados eram o soneto, epigrama e gazetilha, considerados géneros mais rápidos de escrever, tendo em conta que o poeta aproveitava os tempos livres para se dedicar à escrita poética. Nessa época, parecia não existirem muitas condições para a escrita, além de se acreditar que o público insular não valorizava a literatura. Sublinhe-se que a criação da Biblioteca Municipal do Funchal, em 1838, é considerada um marco importante para o conhecimento e divulgação da literatura madeirense.

Com o surgimento do *Diário de Notícias*, em 1876, criado por Alfredo César de Oliveira, eram publicados poemas o que permitia, de certa forma, revelar as preferências literárias do público madeirense da época. A consciência dos poetas desenvolveu-se no horizonte marítimo. Por essa razão, no século XIX, a literatura madeirense anuncia uma nova expressão da relação do Homem com a natureza, tendo o romantismo aproximado o poeta da natureza e assim inspirando os poetas. É relevante caracterizar a literatura como «uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada duma séria missão, colabora para o desvendamento daquilo que o homem, conscientemente ou não, persegue durante toda a ausência» (Moisés, 1987, citado por Nascimento, 2010, p. 14).

2.1. A poesia ultrarromântica madeirense: reflexo do Romantismo português e da poesia de Soares de Passos

Neste capítulo, de carácter mais teórico, procuramos explorar o Ultrarromantismo na Madeira no século XIX, entendendo as suas características e influências principais na poesia, de forma a enquadrar a antologia *Flores da Madeira* do ponto de vista literário. De seguida, focaremos a nossa atenção em alguns poetas madeirenses desse século, referindo aqueles que tiveram maior impacto na literatura da época no período literário do Ultrarromantismo, no qual se incluem os poetas da coletânea que constitui objeto de análise na nossa dissertação, assim como marcas identitárias nela presentes. Por fim, iremos centrar a nossa atenção nas antologias poéticas neste século, já referidas anteriormente, do ponto de vista da sua relevância para a identidade e cultura madeirenses.

Começaremos, pois, por caracterizar o movimento romântico em Portugal, que conheceu três fases, dando mais ênfase à segunda fase, designada ultrarromântica, por ser a tendência seguida pelos poetas da antologia *Flores da Madeira*. Tendo em conta que a Madeira seguiu o Romantismo numa fase tardia, reflexo do Romantismo em Portugal mais concretamente da literatura de Soares de Passos¹⁴, é nosso propósito referir as principais características do Ultrarromantismo presentes nos poemas da coletânea madeirense.

O Romantismo surgiu a partir da segunda metade do Século XVIII muito devido às ideias iluministas de mudança e progresso na Europa, à Revolução Industrial e à Revolução Francesa, que desencadearam enormes mudanças no plano social, político, económico e cultural. Acresce a Revolução Social e a ação da burguesia que viriam a influenciar a atitude do poeta/escritor perante o seu tempo. Desencadeia-se o movimento nacionalista na Europa, trazendo a subjetividade, a emoção e a identidade nacional e cultural para a literatura.

Nos finais do Século XVIII e inícios do Século XIX dar-se-á cada vez mais primazia ao Homem como centro do universo, uma orientação que começará já com o Renascimento. Por essa razão, o «eu» romântico exige reconhecimento dos Homens do seu tempo, isolando-se na sua interioridade. Incapaz de resolver o seu problema existencial, transforma a realidade exterior em espelho da sua existência. O sujeito dominado pelo *tedium vitae* busca inspiração na natureza, espelho da alma, e tenta estabelecer um diálogo com Deus, através de um discurso mitopoético e subjetivo. O movimento romântico trouxe para o mundo literário ideias de nacionalismo, egocentrismo, arcadismo, sentimentalismo, bucolismo, entre outras.

O estado de espírito « *mal du siècle* » viria a contaminar o espírito romântico na primeira metade do século XIX, criando no «eu» romântico, conflitos existenciais assim como um desejo de libertação da opressão só possível através da morte. Refira-se que os escritores dão a ver o seu tempo, mostrando insatisfação pela decadência da época, revoltando-se contra o progresso industrial, o capitalismo e os valores sociais. Recorrem à ironia e ao sarcasmo, denunciando que a identidade cultural está em risco devido ao desprezo da tradição dos valores do Homem. Movido pelos ideais liberais e debruçado

¹⁴ António Augusto Soares de Passos (1826-1860) é um poeta português, considerado o principal poeta ultrarromântico em Portugal.

sobre uma dada realidade, o escritor romântico explica o presente através do passado, que é, ao mesmo tempo, um refúgio onde as ameaças podem ser contornadas.

Gostaríamos aqui de destacar que a expressão « *mal du siècle* » se refere a um estado de espírito típico do Romantismo Europeu, no século XIX, que se caracteriza por uma profunda melancolia, um desencanto perante o mundo, um sentimento de tédio existencial e vontade de escapar da realidade, como já tivemos oportunidade de referir no parágrafo anterior.

O movimento literário romântico português, que ocorreu no Século XIX entre 1825 e 1865, pode ser dividido em três momentos distintos. Na literatura portuguesa (1825-1836), a primeira fase do Romantismo surgiu numa altura em que o país enfrentava uma situação política e social atribulada, com mudanças culturais na sociedade, que se viriam a refletir na escrita literária. Nessa época, dá-se a mudança do rei D. João VI e da família real para o Brasil, em 1807, bem como as Invasões Francesas, em 1817, a Revolução social do Porto, lutas entre miguelistas e constitucionais que só terminam em 1834, subindo D. Maria II ao trono português.

Nesse mesmo ano, instaura-se em Portugal o Romantismo enquanto movimento literário autónomo, movido pelo nacionalismo e pelas ideias liberais do vintismo. A poesia passa a ser memória de mágoas e desventuras do Homem, ecos do futuro e companheira da moral. O Romantismo português tentou recuperar a liberdade e a independência do país, exaltando o herói nacional, invocando a saudade da pátria e contrapondo o sentimento de revolta com o de ordem moral, política e ideológica, sendo solidário com a agitação política. Neste primeiro momento do Romantismo, destacam-se Almeida Garret, Alexandre Herculano e António Feliciano de Castilho, que se mostravam preocupados em reconstruir a cultura do país. Segundo Machado (1986):

« Il s'agit bien plutôt du rétrécissement de l'idéal nationaliste de la première génération romantique, celle de Garret et Herculano, menant à un champ de structure thématique et linguistique très réduit... » (Machado, 1986, p. 265-266).

A segunda fase do Romantismo português (1836-1860), também designada por Ultrarromantismo devido aos exageros românticos na literatura, constitui-se como uma evolução literária do Romantismo, tendo-se caracterizado pelo egotismo, sentimentalismo,

tédio, melancolia e sonho. Refira-se que, segundo Teófilo Braga, a literatura era um resultado da interação entre a vida individual e a situação ideológica e política da época. Daí que as causas do Ultrarromantismo sejam de ordem ideológica e política, sendo que no país havia falta de uma educação científica na geração mais jovem e um conflito de ambições políticas, conduzindo a literatura a seguir as tendências do Ultrarromantismo.

Essa geração parece revelar-se então inadaptada para o progresso da Revolução Industrial, sendo a literatura ultrarromântica movida por propósitos pedagógicos, tais como o avanço moral ligado aos bons costumes e aos modos de vida aculturados. Impõe-se no meio da sociedade burguesa e liberal, repleta de arcaísmos da linguagem e com descrições exteriores devido à falta de conhecimento na época. Por essa razão, os temas e as ideias deste período literário ajustavam-se ao conservadorismo da década de quarenta em diante.

É de referir que a escrita ultrarromântica revelava uma tendência para o estereótipo e para a redundância artística, predominando os temas ligados a amores infelizes, às saudades da infância e da pátria, a uma existência melancólica, à conotação fúnebre, ao isolamento e à tristeza, ao nacionalismo, medievalismo, a uma caricatura do ambiente social e psicológico do país, a uma evocação, através da nostalgia, aos Descobrimentos Portugueses, entre outros. Tendo em conta que são inseridos modelos românticos estrangeiros na literatura portuguesa a partir de 1850, destaca-se o modelo francês de Lamartine, cujo espírito religioso e melancólico dominava na época, sendo por essa razão possível encontrar-se um lirismo sentimentalista de raiz lamartiniana na poesia local e popular. Na perspetiva de Machado (1986):

« L'ultra-romantisme dans l'histoire de la littérature portugaise correspond à une tendance, vers 1840-1850 mais qui se prolonge jusqu'à la fin des années 60, d'adoption tardive des modèles étrangers, surtout français, de la fin du XVIIIe siècle et surtout de la première moitié du XIXe, adoption mêlée seulement à un nationalisme sentimentaliste provincial parfois morbide» (Machado, 1986, p. 265).

Na perspetiva de Castilho, uma das vertentes do romantismo era a poesia como um reduto anti-histórico, anti-cidadino, anti-social e como exaltação da Natureza bucólica

e agrária. Na literatura ultrarromântica predominava o romantismo religioso, sentimental, ossianesco, com a figura de Soares de Passos, liberal, devido à influência de Victor Hugo, e um certo pessimismo de Mussel passível de ser encontrado em Camilo Castelo Branco. Refira-se que a experiência do exílio decorrente de opções político-ideológicas vividas pelos escritores desta geração obrigou alguns a terem de deixar a sua pátria, como é o caso de Almeida Garrett, tendo talvez por essa razão representado nos seus poemas um «eu» lírico como um ser isolado, perseguido e nostálgico. Segundo o ponto de vista de Machado (1986):

Romantisme si l'on considère que le genre dit « ultra-romantique » implique essentiellement une tendance à exploiter les éléments, disons, extérieurs du romantisme, ces éléments que font appel au sentimentalisme et au mélodramatique du paysage, des personnages ou des situations ; si l'on admet notamment que ces éléments contiennent assez souvent un côté « funèbre » (Machado, p. 260).

Contudo, o exílio pode ser entendido como um tempo de formação intelectual, já que permite ao poeta conhecer culturas e literaturas diferentes, nomeadamente, a inglesa e a francesa. É de referir que a Inglaterra e a França, respetivamente, dois países onde o romantismo estava em voga, receberam duas vagas de emigrados do Liberalismo. No campo da poesia, o ultrarromantismo circulou sobretudo em torno de três grupos literários, medievalistas, *O Trovador*, fundado em 1844 por João de Lemos, poesia sentimentalista e *O Novo Trovador*, fundado por Soares de Passos, poesia que se aproxima mais de uma vertente filosófica em detrimento de uma vertente sentimentalista.

Destaca-se que o grupo de poetas *O Novo Trovador* segue de perto a poesia de Lamartine, sendo então Soares de Passos, precursor da poesia de António Nobre, a encarnação do *Mal du Siècle*, expressando a sua vida pessoal sofredora através de um espírito dominado pela morbidez, misantropia, narcisismo e ainda pela tuberculose. Na sua poesia ossianesca é possível encontrar temas ligados à História Universal, ao medievalismo, patriotismo, nacionalismo, à situação social do país, ao erotismo, ao pessimismo em relação à vida em sociedade e à mulher angelical. Caracteriza-se também por ser uma poesia de cariz sentimentalista, pessoal e subjetiva, que encontra na natureza

uma expressão da melancolia, de tonalidades lamartinianas, e que conduz ao pessimismo e à morbidez da vida do poeta.

Sublinhe-se que a escrita de Lamartine é então dominada pelo espírito melancólico causado em parte pelos abalos morais da sociedade, após a Revolução Francesa, tendo sido um escritor incompreendido no seu tempo, que viveu num meio turbulento. Gostaríamos aqui de salientar que na segunda geração romântica, na qual Soares de Passos se insere, dominam as línguas inglesa e francesa. O poeta formou-se na leitura das obras românticas estrangeiras deste período literário, em que dominava o pessimismo, a solidão e a condenação do indivíduo. Encontram-se neste período, na literatura portuguesa, « images d'un extreme mauvais goût qui reprennent toute l'influence negative du lyrisme lamartinien se prolongeant jusqu'aux années 60 » (Machado, 1986, p. 270). O mesmo autor acrescenta que:

« de nombreuses épigraphes, il y a parfois des allusions directes à la figure publique et à l'œuvre de Lamartine ou alors des traductions ou des imitations fréquentes de ses poèmes » (Machado, 1986, p. 274).

Desta geração destaca-se Almeida Garrett, que leu obras de Bryron, Walter Scott, e Skakespeare. Manifesta na sua poesia uma consciência crítica com tom nacionalista, a saudade, instinto de liberdade, assim como uma descrição subjetiva da Natureza, individualismo, extremismo de sentimentos e lirismo amoroso. Movido pelo nacionalismo, procurava estabelecer uma ligação entre o passado e o presente da História, tecendo um diálogo crítico sobre os problemas que abalavam o país. Neste mesmo período, Alexandre Herculano, um escritor de cunho histórico, político e religioso, dava a ver uma poesia que explora temas ligados à liberdade, à nacionalidade, ao destino do povo, ao estoicismo, à dor, à solidão e à guerra civil. Por sua vez, Feliciano de Castilho, um escritor mais sombrio, favoreceu a consagração institucional desta geração.

O aparecimento de uma Literatura Oficial, que se caracterizou pela identificação e convivência entre poder e literatura, entre instituições políticas e culturais dominantes e a instituição literária, seria decisivo para a configuração da poesia da segunda geração ultrarromântica. Por essa razão, a afirmação do mecenatismo político, que poderá

designar uma certa dependência da literatura de diversas instâncias de poder e da apreciação do escritor em função da sua proeminência social, transformaria o escritor numa figura política.

No terceiro momento do Romantismo (1860-1865), a poesia de cunho narrativo e sentimentalista tendia a caracterizar-se pela delicadeza, melancolia e tristeza e cultivava a realidade, a objetividade e a sátira. Entre 1880 e 1890, o Romantismo português esbate-se devido à ideia de decadência nacional e à perda do ideal romântico, dando lugar a outro movimento literário, o Realismo, e assim à crítica social, que surgiria aquando da Questão Coimbrã.

É possível observar-se na literatura madeirense do século XIX algumas influências ultrarromânticas de Soares de Passos com tonalidades lamartinianas bem como o recurso a temas utilizados na segunda fase do Romantismo português. A Ilha da Madeira, que seguiu o Ultrarromantismo numa fase tardia, terá sido influenciada pela literatura portuguesa. A Madeira ficaria conhecida como um espaço de experiência de criação literária, embora não esquecendo que na primeira metade do século XIX a poesia era reservada a uma minoria letrada. Contudo, essa realidade iria mudar na segunda metade do século quando foi criado um círculo literário na cidade do Funchal.

Consideramos relevante referir que desde o início do século XIX os jornais madeirenses foram o principal meio para a publicação de textos literários femininos, encontrando-se também vasta poesia lírica feminina dispersas em vários periódicos madeirenses. Na ilha, o poeta toma consciência de ser poeta, tornando-se paradigma da cultura do seu tempo e próximo da Natureza. É de referir ainda que a maioria da produção literária madeirense se limitava à publicação em jornais e almanaques, até surgir a primeira coletânea de poesia, *Flores da Madeira*, em 1871-1872.

Constata-se que o Ultrarromantismo madeirense, inserido no movimento ultrarromântico português, parece ter desenvolvido um tom mais intimista, pessimista e fantasioso do que o Romantismo inicial. Esse estado de espírito ter-se-á manifestado na Madeira através da exaltação da solidão da ilha, de um sentimento de isolamento físico e espiritual, de uma idealização da natureza entendida como refúgio e de um culto ao sofrimento amoroso, à morte e à nostalgia. Podemos observar, assim, que o estado de espírito « *mal du siècle* » terá caracterizado a literatura madeirense desta época, tendo em

conta que a ilha era cantada pelos poetas como cenário simbólico da interioridade atormentada, onde o sujeito poético procurava fugir da realidade que o oprimia.

No início do século XIX, a poesia madeirense receberia, então, influências do Romantismo europeu, nomeadamente com a valorização do sentimentalismo, da subjetividade e da Natureza, e com a busca da identidade nacional e a ligação à cultura, em que os poetas madeirenses procuravam expressar a beleza da ilha, a cultura insular e a sua identidade. Em meados do século, a poesia insular mergulha nas influências ultrarromânticas, representando sentimentos como melancolia, amor idealizado, saudade, angústia existencial e morte. Também encontramos na poesia madeirense algumas pinceladas do Realismo no modo como era retratada a realidade social da ilha e alguns dos seus problemas, tais como pobreza e desigualdade, com maior expressão nas clivagens entre a vida no campo e na cidade.

Na poesia ultrarromântica madeirense no século XIX que pode ser vista nas antologias da época o poeta tende a refugiar-se na natureza, exaltando a beleza da ilha, como forma de expressar os seus sentimentos mais profundos. Trata-se de uma poesia subjetiva, em que o sujeito lírico mergulha na sua individualidade para exprimir as suas emoções e experiências. Encontramos também a idealização da mulher, que era vista como um ser angelical para ser amada de longe, enquanto o «eu» lírico sofria com essa distância.

Também as temáticas recorrentes presentes na poesia são sobretudo o amor, a morte como uma fuga ao sofrimento, a saudade derivada da distância forçada ou consentida do ilhéu à ilha, a natureza que se liga a diversos elementos do espaço insular, como flores, levadas, mar, montanhas, entre outros. Acresce o sentido de pátria e o apego do ilhéu à sua terra, à religiosidade, aos ideais do cristianismo e às questões sociais, como a pobreza ou a escravatura. Julgamos importante referir ainda que, na poesia madeirense, encontram-se traços da cultura popular, nomeadamente, através de lendas insulares ou palavras típicas madeirenses assim também como um interesse pela identidade local, traduzido pela exaltação da beleza natural, da cultura e da História da ilha.

A identidade cultural da Madeira é representada nos poemas através de uma caracterização exaltada da natureza insular o que permite constatar o profundo afecto do ilhéu ao seu lugar natural. Aborda também aspetos da História do Descobrimento da ilha

e da cultura madeirense, como por exemplo, a construção de poios e levadas, de tradições, para referir apenas alguns. Podemos, por isso, afirmar que ao revelar a união do madeirense ao seu espaço natal, sem nunca perder os laços que o ligam à sua terra e à sua cultura, a poesia madeirense pode ser considerada como um contributo para a valorização do património natural e cultural da ilha.

No estudo da poesia madeirense do século XIX, a influência de Soares de Passos, poeta português que tivemos oportunidade de referir anteriormente quando analisámos a segunda fase do Romantismo em Portugal, não deve ser descurada. Na obra deste poeta, escorre um lirismo exacerbado, encontrando-se temas como a natureza, o amor, a saudade e a morte, tratados também pelos poetas madeirenses. Ao ler alguns poemas de Soares de Passos é possível encontrar-se algumas semelhanças em termos de linguagem. Sublinhe-se que este poeta tinha uma visão pessimista da vida, refugiando-se na natureza, uma temática que é também encontrada na escrita de poetas insulares desta época nas antologias.

Julgamos poder assim afirmar que a poesia de Soares de Passos se caracteriza pela presença do sofrimento, que encontra ecos na poesia ultrarromântica madeirense, sofrimento acentuado pela insularidade, isolamento e solidão da ilha. A influência de Passos tende a processar-se através da paisagem convertida em espelho da dor e da escrita melancólica. A poética pessimista deste escritor oferece aos poetas madeirenses uma influência sobretudo modelo de fuga emocional perante a realidade, uma linguagem estética melancólica e uma ética de sofrimento. É, pois, na ilha que a ideia de uma subjetividade enclausurada da poesia de Passos ganha uma dimensão mais profunda, levando a interpretar a noção de «desterro» como condição existencial da própria insularidade.

Na perspetiva de Pavanelo (2009), na poesia de Soares de Passos, os temas mais recorrentes são a decadência do país em contraste com a grandeza do seu passado, a glorificação das navegações portuguesas e dos heróis nacionais, a imagem de uma decadência passageira por existir ainda esperança de renovação da nação, injustiças sociais, salvação na morte ou no retorno de Cristo, exaltação do Cristianismo, pequenez do Homem, da terra e do universo perante Deus, descrição da paisagem para demonstrar o amor e exaltação de Deus, devoção ao amor, o ideal de mulher associada à imagem de um anjo, realização do amor na morte e retratos realista, para referirmos apenas alguns.

Além da influência de Soares de Passos na poesia madeirense parece-nos também pertinente referir Lord Byron, poeta britânico que alimenta o imaginário ultrarromântico e o estado de espírito « *mal du siècle* ». O herói byroniano, que estava sempre em conflito consigo próprio e com o mundo, pode ser encontrado na poesia ultrarromântica madeirense através da fuga ao sofrimento da realidade através da imaginação e da literatura. Também Goethe, através da sua obra *Os sofrimentos do Jovem Werther*, terá despontado na Europa uma sensibilidade melancólica. Nesta obra encontramos Werther a incarnar a desilusão amorosa, a perda de sentido e a auto-destruição. É de destacar que este modelo terá influenciado decisivamente o ultrarromantismo madeirense, que retoma o sofrimento como parte da identidade e a necessidade de fuga dessa realidade.

Assim, na poesia madeirense no século XIX, é possível encontrarmos a grandeza do passado da ilha em contraste com a degradação do quadro presente. Para tal, é feita alusão aos Descobrimentos Portugueses, mais concretamente, o descobrimento e o desbravar da ilha e a descrição da paisagem para exaltar Deus e o serviço ao amor, ao referir, por exemplo, a paixão de Anne d'Arfet e Roberto Machim na alusão à ilha como um lugar de amor. O poeta madeirense também descreve espaços particulares da Madeira, como Santana e a paisagem envolvente, com particular destaque para aspetos culturais insulares.

2.2. Principais poetas madeirenses ultrarromânticos no século XIX

No Século XIX, na Madeira, começou-se a valorizar a cultura e a identidade madeirenses, tendo os poetas trazido a ilha para os seus textos e, desse modo, transformado a literatura da ilha, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente. Nessa época, a Madeira passava por transformações a nível político, económico e social, provocando nos intelectuais momentos de reflexão e de tristeza. Nesse sentido, frequentes vezes, a poesia surgia como um refúgio para os poetas expressarem os sentimentos e preocupações, fruto da influência do movimento literário romântico português, no pensamento ultrarromântico e nas ideias de Soares de Passos, explorando os temas ligados ao amor, à Natureza, à saudade e à morte.

É nosso propósito neste capítulo referir alguns dos poetas madeirenses mais relevantes dessa época e que publicaram alguns dos seus poemas em antologias madeirenses, começando pelos poetas de *Flores da Madeira*. Alfredo César d'Oliveira, poeta sensível que buscava a beleza, apresenta uma vasta produção literária, tendo publicado uma antologia poética *Flores da Madeira*, com José Leite Monteiro, outra figura literária que tem relevância para o estudo dos poetas madeirenses do século XIX. Outra figura que se destacou na época, como poeta romântico, foi António Policarpo dos Passos Sousa, cujos versos evidenciam um tom melancólico e pessimista ultrarromântico.

Por sua vez, Alípio Augusto Ferreira era um poeta que escrevia com alguma fluência e Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha, um poeta lírico que demonstrava ter uma cultura bem consolidada. D. Emília Acciaioly Rego Senior e Leolinda Jardim Vieira versejavam num tom romântico. João Augusto de Ornelas possuía uma imaginação fértil e Francisco Clementino de Sousa, poeta que escrevia versos originais num tom satírico cantava as belezas e virtudes das mulheres. Destaca-se também a vertente satírica de José António Monteiro Teixeira, Francisco António Ferreira e José Marciano da Silveira. Dois poetas que não poderíamos deixar de mencionar pelo seu contributo para a valorização da cultura e da identidade madeirenses são Januário Justiniano de Nóbrega e João Fortunato de Oliveira, pois cantaram as belezas da ilha, desde o céu às montanhas e ao mar, tecendo também quadros da História local e das lendas insulares. Saliente-se que Fortunato tende a ser um dos poetas que melhor representou o ambiente e o clima local.

D. Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, mais conhecida como Viscondessa das Nogueiras e por a “Nova Alcipe”, destacou-se na poesia da época por ter publicado os seus textos na imprensa local e pelo facto dos seus poemas apresentarem o amor e a saudade como temas. Júlio da Silva Carvalho era um poeta que recorria ao uso de temas bucólicos, influenciado pelo poeta português Feliciano de Castilho. Destaca-se ainda a poesia dramática de Luís da Costa Pereira, com influências de Herculano, poeta português. O nome incontornável de João de Nóbrega Soares também sobressai nesta época, cantando os mares de forma profunda. Podemos também referir Manuel Luís Viana de Freitas e Luís António Jardim (bacharel).

É de sublinhar que todos os poetas que estão contemplados nos dois volumes desta antologia, que a seguir elencamos, tiveram relevância para a época: D. Maria da Costa Pereira/D. Luísa Maria Pereira/D. Luísa Maria da Costa Pereira, Afonso de Almeida

Fernandes, António Alves da Silva, Augusto Carlos Escórcio, João da Câmara Leme de Vasconcelos, José António Monteiro Teixeira, José Marciano da Silveira, Júlio da Silva Carvalho, Luís Alexandre Ribeiro de Mendonça, Luís de Ornelas Pinto Coelho, Marceliano Ribeiro de Mendonça, Maurício Carlos de Castel-Branco Manuel, Diogo Berenguer, Júnior, Eduardo Ernesto de Carvalho, João César Coutinho Gorjão, José Marciano da Silveira e Francisco Vieira. Refira-se que este último organizou a antologia *Álbum Madeirense*, cujos poetas passamos a apresentar.

Destacamos a poetisa D. Joana de Castel-Branco, colaboradora em diversos jornais e periódicos, que publicou duas obras, *As minhas flores* e *Flutuações*, salientando que os seus versos exploram diversos temas, entre os quais a saudade. Acresce a Viscondessa das Nogueiras, o poeta Januário Justiniano de Nóbrega, João Fortunato de Oliveira, João de Nóbrega Soares, José António Monteiro Teixeira, Carlos Acciaioli, António Policarpo dos Passos Sousa, Dr. Luís da Costa Pereira, Francisco Clementino de Sousa, Alípio Augusto Ferreira, João Augusto de Ornelas, Manuel Luís Viana de Freitas, e todos os outros poetas aí presentes. São eles D. Arsénia de Bettencourt Miranda, D. Maria da Costa Pereira, D. Georgina Dias d'Almeida, Visconde do Canavial, Maurício Castel-Branco, Luís Alexandre Ribeiro de Mendonça, Luís de Ornelas Pinto Coelho, Francisco Vieira, Jacinto Pinto Coelho, Júlio da Silva Carvalho, Eduardo Ernesto de Carvalho, João F. Sousa, Joaquim Pestana, Gabriel António Franco de Castro, Alfredo de Paula Sardinha, João César Coutinho Gorjão, Dr. Luís António Gonçalves de Freitas, Jorge Luís de Nóbrega, João António Bianchi e Manuel Alexandre de Sousa.

Sabemos que é uma tarefa desafiante tentar mencionar todos os poetas madeirenses do século XIX. Inúmeros estudiosos já o tentaram, permanecendo a dúvida se conseguiram referir todos. Contudo, as listas que elaboraram são valiosas para o estudo não só de poetas, mas também de escritores madeirenses. Destacamos o *Registo Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX* de Luiz Peter Clode (1983). Os primeiros dois volumes de *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, de Visconde do Porto da Cruz, *Musa Insular* (1960) e os 16 volumes de *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira* (1970), de Luís Marino, o *Dicionário (Incompleto) de escritoras madeirenses e de textos de autoria feminina* (2019) e *Entre a voz e a pluma: textos madeirenses de autoria feminina: do século XV à Primeira metade do século XX* (2021),

da autoria de Laureano de Macedo, e ainda *Tendências da literatura na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX* (2005), de Mónica Teixeira.

Procurámos apresentar alguns dos trabalhos já elaborados por estudiosos, que se concentraram no estudo biográfico dos escritores madeirenses do século XIX. Ao consultar estes trabalhos encontramos uma panóplia de nomes literários madeirenses que podem ser alvo de estudo, de forma a tecer uma lista dos poetas madeirenses desta época, podendo apenas listar os de maior relevância, mas referindo todos os que estão presentes nas antologias poéticas: *Flores da Madeira*, *Miscelânea Madeirense* e *Álbum Madeirense*, já acima referidos.

2.3. Antologias poéticas e sua importância na Madeira no Século XIX

Segundo Santos (2008), o surgimento das antologias foi crucial para chamar a atenção do público em geral para a existência de uma comunidade literária ativa e criativa na Ilha da Madeira, sendo as mesmas essenciais para traçar uma geografia literária madeirense. Neste sentido, as antologias apresentam-se como um convite para desvendar um movimento literário e cultural de um determinado lugar, mas que permite assinalar frequentes vezes «o variável contacto de alguns destes poetas com os diversos modos e percursos da poesia portuguesa moderna e contemporânea» (Pimentel, 2006, p. 8).

Torna-se relevante referir a etimologia de antologia, para melhor se poder entender este conceito. A palavra deriva do grego *anthología* formada por: *ánthos*, que significa «flor», e por *légein*, que significa colher, recolher e seleccionar. O sentido literal pode ser lido, portanto, como «colheita de flores» ou «coleção de flores», embora a palavra tenha passado a ser utilizada de modo a designar um conjunto selecionado de textos reunidos em um ou mais volumes. Não deixa, pois, de ser curioso o título da antologia que constitui objeto da nossa dissertação: *Antologia Flores da Madeira*.

Nas antologias poéticas, que na visão de Santos (2008) permitem perceber o reconhecimento da literatura local, encontramos não só poetas relevantes da literatura madeirense como também outros desconhecidos ou esquecidos pelo leitor. Nesta época, a compilação de antologias era pouco usual, surgindo por intuito de um sentimento de pertença insular ou para reunir numa única obra, alguma da produção poética dos autores.

Segundo Thierry Santos (2008), é possível identificar 6 tipos de antologias relativos à literatura madeirense:

1- Panorâmica, quando se trata de uma coletânea que reúne diversos textos de diferentes escritores, de forma a apresentar uma visão geral de um movimento literário, período histórico ou tema, captando a variedade de vozes literárias e estilos literários;

2- Intervenção cultural, que reúne textos que têm como objetivo transformar a sociedade;

3- Epocal, que reúne textos de autores vivos, até à data da organização da coletânea, para construir o mapa literário de um período, incentivando à produção de textos inéditos;

4- Temática, que reúne variados textos para criar uma imagem de um tema, incentivando diferentes vozes literárias a explorar um mesmo assunto, criando um quadro de perspetivas e estilos literários;

5- Antologia consagradora, que reúne textos de autores que marcaram um determinado cânone literário, aglomerando textos de autores reconhecidos, que são de grande importância literária e histórica;

6- Configuração regional, que reúne textos, que exploram as características específicas culturais, históricas, geográficas e sociais, relevando a identidade particular de uma região.

As antologias permitem preservar matéria de memória coletiva, ligando os textos literários a uma dada comunidade cultural. A este propósito, aquelas que são realizadas por motivos autóctones testemunham a afirmação da autonomia cultural. Acrescente-se que o paratexto de uma antologia configura uma identidade literária, e muitas das obras de autores madeirenses são dedicadas a nomes importantes do meio cultural ilhéu. Contudo, não podemos deixar de referir que as antologias poéticas madeirenses do século

XIX não possuem elementos suficientes para poderem afirmar o seu mérito ou demérito, pois, em todas elas parece faltar uma seleção cuidada e a inclusão de uma maior diversidade de géneros literários, para se poder formar uma verdadeira coletânea.

O século XIX assume-se como uma época literária importante na Madeira, que contou com a produção de diversas antologias poéticas, que representam a identidade da ilha e os sentimentos dos poetas, contribuindo para a divulgação da poesia local. Constatase que as antologias desta época refletem o sentimento romântico tratam de temas como a paisagem natural madeirense e a identidade insular e reúnem poetas consagrados na literatura madeirense, assim como novos talentos. Destaca-se a antologia *Flores da Madeira* (1871-1872), organizada por Alfredo César de Oliveira e José Leite Monteiro que, na catalogação de Santos, poderá ser lida como uma antologia epocal, que reúne poemas de diversos autores da Madeira, e o *Álbum Madeirense* (1884) organizado por Francisco Vieira, que apresenta uma seleção de poemas que retratam a natureza e os costumes insulares.

Nestas duas antologias destaca-se o uso recorrente dos seguintes temas: natureza, amor e a saudade da terra natal, a religiosidade e a identidade madeirense. As antologias assumem grande importância na sua função de preservar a memória cultural insular, e no contributo para ajudar a formar uma identidade literária e de divulgação da poesia da Madeira.

III - *Flores da Madeira* e os seus poetas

A antologia poética intitulada *Flores da Madeira*, composta por dois volumes, coligida pelo cónego Alfredo César d'Oliveira (1840-1908) e por José Leite Monteiro (1841-1920), no Funchal, em 1871 e 1872, apresenta um «valor histórico literário», na medida em que constitui uma recolha de vários poemas, de diferentes escritores madeirenses do século XIX, pertencentes ao movimento romântico na ilha. É de destacar que a antologia não reúne todos os poetas da ilha que produziram no período de 1820 a 1840, registando apenas os nomes mais representativos desse período literário (Gomes, 1953, p. 20)¹⁵. Destaca-se que esta antologia desenvolveu a metáfora de «florilégio», ao ser intitulada *Flores da Madeira*, ou seja, caracterizando-se como uma coleção de poemas escritos por madeirenses.

Esta compilação literária marca o início deste tipo de publicações na Madeira, que reúne poesia local, constituindo-se como um repositório da memória coletiva, podendo observar-se em anos posteriores o surgimento de outras coletâneas literárias madeirenses. Note-se que esta coletânea alcançou sucesso na época, tendo estado previsto um terceiro volume que não se viria a concretizar devido às regras da imprensa vigentes na época, que exigiam um elevado número de assinantes para que a impressão pudesse ter custos controlados, o que não aconteceu.

Contudo, os compiladores deixaram na Revista *A Lâmpada*¹⁶ indicações sobre o conteúdo do terceiro volume, para quem tivesse interesse em continuar a obra. Segundo Teixeira (2005), *Flores da Madeira* parece despertar interesse naqueles que pretendem enveredar pelo estudo dos valores locais do romantismo madeirense. A ilha da Madeira, no século XIX, era reconhecida como um éden insular, ideia que está patente no título da coletânea, através da palavra «Flores», associada à beleza da ilha.

Refira-se que o primeiro volume da coletânea contém cinquenta e três poemas, vinte e quatro poetas e cinco poetisas. O segundo volume apresenta quarenta e seis poemas, vinte poetas, duas poetisas e um anónimo que não é referido no índice, que assina com três asteriscos. Todos os poetas que integram esse volume nasceram depois de 1787

¹⁵ Gomes, A. F. (1953). «Algumas notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira». *Das Artes e da História da Madeira*. Vol. III. Nº 14. Funchal.

¹⁶ Revista *A Lâmpada*, 25/01/1873, n.º 9.

e faleceram antes de 1925. Saliente-se que nem todos os poetas que integram o primeiro volume constam do segundo, e vice-versa, havendo, porém, alguns poetas que participaram nos dois volumes, de que pode ser exemplo, para referir apenas alguns, Alfredo César d'Oliveira, Francisco Vieira e Januário Justiniano de Nóbrega.

Parece-nos relevante mencionar que os poetas não colaboraram de forma semelhante na coletânea, no que diz respeito ao número de poemas. Por sua vez, houve uma maior colaboração de poetas do que poetisas, cujo contexto social da época, que restringia a participação das mulheres na vida literária, poderá ser uma justificação. Na sua maioria, as mulheres tinham de usar pseudónimos, como é o caso de D. Luísa Maria da Costa Pereira, D. Luísa Maria Pereira e D. Maria da Costa Pereira, que se acredita serem variantes do nome da mesma pessoa. Por sua vez, quando provinham de uma família aristocrática, podiam participar no meio literário, de forma aberta, sem restrições, como é o caso da Viscondessa das Nogueiras.

Muitos destes poetas não surgem em outras publicações da época, tendo-se perdido dados biográficos e literários, parecendo-nos então relevante referir que os compiladores desta antologia escolheram, por um lado, não só poetas que não terão alcançado, na época, o merecido valor, e por outro lado, poetas amplamente conhecidos pelo público, devido à sua participação ativa na imprensa e que por essa razão mereciam ser reconhecidos e lembrados pelas gerações futuras. Podemos afirmar que esta antologia que selecionou poemas com temas que tendiam a interessar ao leitor da época, se afirma como um testemunho da literatura madeirense no século XIX, bem como um reflexo social, filosófico, político, económico e cultural, contendo variados aspetos identitários e culturais da Madeira.

Em *Flores da Madeira*, segundo Teixeira (2005), encontramos poemas que tratam a «emoção religiosa», «hinos patrióticos», «referências a factos e figuras da ilha», «meditações, recordações, dedicatórias, saudações, louvores à Natureza», (Teixeira, 2005: p. 53), assim como poemas que constituem epístolas, sátiras sociais, fragmentos de crónicas, imitação ou tradução. Quase todos os poetas desta coletânea seguem a poesia de Soares de Passos, poeta português que viveu e se destacou no movimento literário Ultrarromantismo. Os dois volumes contêm «os mesmos temas lamentosos em que predominam cenários de morte e solidão, personagens desamparadas e infelizes, distantes e inacessíveis seres angélicos, sentimentos de agrura e saudade, paisagens idílicas ou

dramáticas», (Teixeira, 2005, p. 53), permitindo constatar também que os poetas tendem a suavizar o seu estado de alma romântico com a natureza insular que os rodeava, como se tratando de um local à parte no mundo.

Analisemos um poema de Soares de Passos quanto à ideia de Natureza, intitulado «Póma» do livro *Poesias* (1858), no qual a Natureza aparece como reflexo da melancolia e da transitoriedade da vida, típica do romantismo tardio: «A folha cai... a flor murcha... o dia declina... Tudo passa, tudo morre, e nada nos anima». Podemos perceber que a folha cai e a flor que murcha são imagens naturais que simbolizam a passagem do tempo e a finitude da vida; o dia que declina reforça a efemeridade da vida. Temos, pois, a Natureza como espelho da alma melancólica do eu lírico, constatando-se que os poetas ultrarromânticos madeirenses representam a natureza da mesma forma que Passos, embora a diferença seja insular.

Atentemos na parte paratextual da antologia, presente no primeiro volume, que contém uma carta de Alfredo César de Oliveira dirigida ao senhor Francisco de Andrade e outra com a resposta deste último a Oliveira. Na primeira carta, é apresentada a obra e o seu conteúdo, que contém «poesias de auctores madeirenses antigos e contemporâneos» (Oliveira, 1871: p. 1) e o seu contributo para a literatura madeirense. É «um serviço litterario a esta terra transmitir á posterioridade producções que se perderiam nas folhas dispersas de pouco lidos periódicos insulanos, ou morreriam inéditas, deixando uma lacuna na historia litteraria d'este paiz» (Oliveira, 1871, p. 1). Na segunda carta, dirigida a Alfredo César de Oliveira, Francisco de Andrade refere como era a escrita no passado: uma «língua cheia de garbo e valentia; língua de formas airosas, galhardas, elegantes, senhoris» (Oliveira, 1871, p. 6), contrastando com a daquele tempo presente: «rachitica, titire, sem brilho nem donaire, mixtura hybrida de syntaxe franceza e vocabulário portuguez, (quando é portuguez)» (Oliveira, 1871, p. 6), sendo uma imagem da época inconsistente que se fazia sentir na década de setenta. Refere também que a Ilha da Madeira é «boa geradora de talentos», (Oliveira, 1871, p. 7) sugerindo que «esta publicação seja incentivo á nossa mocidade para se applicar deveras ao estudo» (Oliveira, 1871, p. 8).

Saliente-se que a instância paratextual aborda uma característica na configuração da identidade literária ao esboçar e projetar, de modo crítico, a imagem da antologia. Partindo da perspectiva de Proença dos Santos (2008), *Flores da Madeira* entra na

categoria de antologia epocal, pois «reúne textos de autores vivos, pelo menos até à data da organização da seleta, com o intuito de desenhar o mapa literário de um determinado período. Tal iniciativa pode incentivar a produção de textos inéditos» (Santos, 2008, p. 573).

Neste capítulo, com foco nos dois volumes da antologia, tentaremos analisar as marcas identitárias, culturais e geográficas específicas da Madeira presentes em algumas produções de poetas madeirenses. De modo a melhor podermos compreender o seu conteúdo, apresentaremos alguns dados em jeito de uma nota biobibliográfica dos autores dos poemas que serão objeto de análise, tais como a formação do poeta, vida profissional e pessoal, não descurando o contexto político, económico, social e cultural em que se movimentaram, bem como as influências do movimento literário do Ultrarromantismo.

A partir desta antologia, empreenderemos então uma viagem poética, em busca de elementos identitários madeirenses através das produções de poetas que cantaram a Ilha, podendo o leitor encontrar neles quadros desse espaço insular, sejam eles geográficos, culturais, históricos, políticos ou sociais. De seguida, serão referidas e contextualizadas as recorrências temáticas presentes na antologia, destacando-se aquelas que focam a identidade e cultura madeirenses. Por fim, entrecruzaremos a visão dos poetas, de modo a procurar entender eventuais pontos comuns nos poemas. Como já tivemos oportunidade de referir, os poemas foram selecionados tendo em conta a temática que consideramos relevante para a análise. Neste sentido, serão objeto de estudo dezassete poetas que referem aspetos e temas relacionados com a Madeira e que passamos a elencar: Alfredo César d'Oliveira, (1840-1908); Alípio Augusto Ferreira (1837-1915); Eduardo Ernesto de Carvalho (- 1879); Francisco Vieira (1848-1889); Januário Justiniano de Nóbrega (1824-1866); João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos (1829-1902); João Fortunato de Oliveira (1828-1878); João de Nóbrega Soares (1831-1890); José António Monteiro Teixeira (1795-1876); Leolinda Jardim Vieira (1841-1903); Luís da Costa Pereira (1818-1893); Luís de Ornelas Pinto Coelho (1843-1920); Maurício Carlos de CastelBranco Manuel (1842-1910) e Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha (1845-1924); Marcelliano Ribeiro de Mendonça (1805-1866) e Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras (1805-1888).

Desta seleção de poetas, centraremos a nossa análise nos poemas que contêm marcas identitárias, culturais e geográficas específicas madeirenses, deixando de parte aqueles cujo conteúdo não apresenta elementos relevantes para a análise desta temática.

3.1. Representações da Identidade Insular madeirense

A literatura estabelece relações estreitas com a identidade, já que as obras literárias permitem expor marcas do ser humano (Codeço, 2007). O que cada um entende sobre identidade é a representação que os sujeitos fazem sobre si e sobre o mundo, garantindo o sentimento de coesão e de existência. Ou seja, a identidade pode ser entendida como o significado que adquire o real: lugar, região física, geográfica, exposta nas suas diversas representações, símbolos, objetos, gestos, entre outros. Parece-nos assim importante entendermos a identidade como parte da subjetividade e o facto de a identidade ser construída através da história, geografia, biologia, memória coletiva, religião, para referir apenas alguns.

Daí que a literatura tenda a produzir a realidade, isto é, efeitos do real. Saliente-se a produção do século XIX, em que os autores se debruçam sobre o real, isto é, sobre o que é característico da identidade específica, tendo em atenção aspetos sociais, políticos, económicos e culturais; elementos que pretendem validar o modo de vida, ou seja, a identidade de uma determinada civilização. A escrita não se deve limitar ao exótico ou no rústico estilizado. Deve sim representar o contexto, os problemas sociais e os males que afligem o indivíduo, independentemente da sua classe social. Entenda-se que «a identidade só é compreensível em relação com uma, ou várias, alteridades» (Barrento, 2012 p. 11).

A relação entre literatura e identidade vivida pelo leitor serve para que não se perca a necessidade de refletir sobre o contexto aí retratado. A literatura oferece novas formas de o leitor observar-se a si mesmo e ao lugar em que habita. Nesse sentido, podemos afirmar que a literatura permite construir e reconstruir a identidade, ou seja, narrar permite transmitir experiências humanas e organizar as que são díspares, abrindo espaço para modificar a identidade. Segundo Fernandes «[...] pode-se compreender a identidade

como um processo de construção social, dotado de fontes de significados e das experiências de um povo» (Fernandes, 2011, p. 5).

A Literatura apresenta-se então como um testemunho pessoal da relação do Homem com o meio que o rodeia. Para muitos, a ilha é conhecida como a “Pérola do Oceano” (Atlântico), encarada com deslumbramento. Note-se que a presença de flores nos jardins da ilha e a harmonia da paisagem sublinham a beleza da ilha aproximando-a de um Éden, ideia mencionada na maioria dos poemas que são objeto da nossa análise. A presença do homem nesse cenário paradisíaco não é apagada pela pena do escritor, pois o deslumbramento da paisagem é acompanhado da exaltação do Homem. É destacado em muitos escritos o esforço do ilhéu para transformar ou pelo menos tentar dominar o ambiente agreste, de que a construção de socalcos na terra, para as plantações e as levadas, pode ser exemplo.

A poesia permite exaltar a ilha como espaço paradisíaco. Os poetas madeirenses identificam-se com a ilha de diversas maneiras, seja ao lembrar a paisagem da infância com saudade, seja ao expressar mágoa ao deixar a ilha, por vontade própria ou por necessidade. Segundo Vieira, «a ilha continuará a ser a imagem do Éden, mesmo com as encostas despidas de arvoredo, ou face ao desafio da visão infernal do fogo devorador», (Vieira, 1998: 306). A ilha é um ponto de referência da identidade madeirense, razão pela qual nos parece relevante referir aqui o conceito de *place-identity*, que designa a relação do Homem com a paisagem na identificação que o indivíduo estabelece com o lugar. (Moniz, 2021, p. 49). Trata-se de um conceito no qual Harold M. Proshansky destaca, de forma consciente ou inconsciente, um conjunto de aspetos que envolvem o indivíduo e o lugar ou um determinado contexto ambiental, tais como ideias, sentimentos, valores, entre outros:

those dimensions of self that define the individual's personal identity in relation to the physical environment by means of a complex pattern of conscious and unconscious ideas, feelings, values, goals, preferences, skills, and behavioral tendencies relevant to a specific environment (Proshansky, 1978: 155).

Segundo Fernandes, «a poesia é um tipo de obra literária que oferece a oportunidade de se encontrar representações diversificadas sobre a realidade e sobre a sociedade» (Fernandes, 2011, p.11). Procuraremos, então, apresentar neste subcapítulo uma recolha e análise de aspetos identitários madeirenses encontrados na produção dos poetas escolhidos. Começaremos por fazer uma biografia do autor, seguida da análise e interpretação de cada um dos seus poemas.

➤ Alfredo César d'Oliveira (1840-1908)

Alfredo César d'Oliveira nasceu na freguesia de Santa Cruz, a 22 de maio de 1840, e faleceu em Évora a 19 de abril de 1908. Era filho de Augusto César de Oliveira e de D. Geminiana de Meneses Cabral, tendo concluído o curso do Liceu e do Seminário, no Funchal. Foi sacerdote, político, orador, escritor, poeta e pioneiro na imprensa diária regional. Desempenhou funções paroquiais em São Roque e em Santa Maria Maior e desempenhou ainda diversas funções, como vigário-geral, membro e presidente da junta governativa do bispado, substituto do governador da diocese, tendo sido transferido, em 1880, para a Sé de Évora.

Como poeta escreveu diversas poesias líricas, que podem ser encontradas no *Diário de Notícias*, de que foi cofundador em 1876, com João de Nóbrega Soares, bem como na antologia *Flores da Madeira*, também ele coautor com o conselheiro José Leite Monteiro. Saliente-se que teve uma vasta colaboração na imprensa, tendo sido também fundador e diretor de *A Lâmpada* (1872-1874), um semanário considerado relevante para entender o contexto histórico e cultural da Madeira do século XIX.

Atente-se num dos seus poemas, intitulado «Saudades» (pp.157-159), presente no segundo volume da antologia, do qual se desconhece o ano em que foi escrito. O sujeito lírico solta «suspiros» em direção aos campos onde vivia, à terra da sua mãe, berço de alegria. Recorda «a risonha primavera» que se fazia sentir na ilha, mostrando sentir saudades do canário, do papinho, da mariposa, do «sol luminoso, / a erguer-se lá do mar» (3.^a estrofe, vv. 1-2), da abelha a zumbir entre as flores, da «fonte de prata / límpida, fresca, luzente, / que da penha se desata» (5.^a estrofe, vv. 1-3). O sujeito poético mostra-se saudoso da terra onde nasceu e cresceu, «Terra de amor e poesia», estando longe dela, num lugar diferente e distante da sua ilha.

A temática principal deste poema incide na saudade da sua infância, percebida logo no título, e também na emigração. Entendemos que o poeta se refere à ilha da Madeira, pois tudo aquilo de que sente falta são alguns dos elementos da fauna, como o papinho, nome pelo qual é conhecida a ave pisco-de-peito-ruivo, avistada sobretudo na primavera e no verão, o canário, pássaro originário da ilha, assim como também a mariposa, a abelha e a Natureza, traduzida aqui pela água da cascata que escorre da penha da montanha, logo aspetos identitários específicos da Ilha da Madeira.

Encontramos também uma referência ao clima ameno da ilha, em «risonha primavera», pois a Madeira é conhecida como uma estação primaveril de clima moderado. Acresce a referência específica à «Terra de amor e poesia», que descreve um traço identitário da Madeira, já que esta ficou associada a uma terra de amor, motivado pela “lenda de Machim”, que relata o amor de Anne d’Arfet e de Machim na baía de Machico, lugar onde pisaram a Ilha aquando da sua chegada fugidos do seu país, pelo facto de as suas famílias não aprovarem o seu amor. Acresce o facto de a Madeira ser também associada a uma terra de letras pois nesta ilha nasceram grandes poetas como Baltasar Dias e Francisco Álvares de Nóbrega, mais conhecido por Camões Pequeno, entre outros, que vieram depois destes, ficando conhecida como um berço de poetas.

➤ Alípio Augusto Ferreira (1837-1915)

Alípio Augusto Ferreira nasceu na vila de Santa Cruz a 27 de dezembro de 1837 e faleceu em Nova Iorque a 3 de agosto de 1915, na miséria e no esquecimento. Fez o curso no Liceu do funchal, foi professor de instrução primária, escrivão da Fazenda em alguns concelhos, poeta e escritor de mérito. Colaborou com vários periódicos madeirenses, tais como na *Gazeta da Madeira* e em outros jornais. Foi redator principal no periódico *A Pátria*, e emigrou para Demerara, tendo residido lá muitos anos.

Atente-se no poema intitulado «carta» (pp.107-109), datado de 26 de junho de 1865, presente no primeiro volume. Esta carta dirige-se «aos que escrevem no *Crepúsculo*», um jornal madeirense que teve a duração de cinco meses.¹⁷ Como amigo deste jornal, lamenta

¹⁷ De 15/02/1865 a 31/07/1865.

que, onde vive, «tão longe do Funchal» não tem nem um assinante do *Crepúsculo*, justificando, que se deve ao facto de lá a vida ser atarefada e as pessoas ocupadas com a cultura das semilhas e da vinha.

O sujeito lírico afirma que já não assina jornais, por ser muito caro, não recebendo ele dinheiro para isso: «Eu, por mim, fallando franco, / já não assigno em jornaes, / pois para artigos de luxo / nunca me chegam reaes!» (4.^a estrofe, vv.1-4). Lamenta, também, que escreve tantos contos e não é valorizado por isso, não recebe nenhum tostão: Escrevo contos, milhões, / e metto a mão na algibeira / não acho nem dois tostões!» (5.^a estrofe, vv.6-9). Diz que não lê o jornal nem de manhã, nem à tarde, pois o seu petróleo, ao referir-se à lâmpada a gás, já arde. Afirma só ter conseguido ler o jornal devido a negócios que o levaram ao Funchal, tendo encontrado nele versos seus: «Foi, pois mister que negocios/ me trouxessem ao Funchal» (7.^a estrofe, vv.1-2).

Agradece aos amigos do jornal por terem feito uma segunda edição dos seus versos, mas pede para não serem mais transcritos aqueles versos de amor, por acreditar que não tem talento para versejar: «Que nunca mais me transcrevam/ d' aqueles versos d' amor, / de quando eu acreditava / possuir veia poética...» (8.^a estrofe, vv.6-9). Acabados os negócios que o levaram ao Funchal, despede-se dos amigos do jornal, dizendo que vai voltar para Porto Moniz.

Deste poema destacam-se alguns elementos identitários madeirenses, tais como o jornal *Crepúsculo*; a palavra «semilha», regionalismo utilizado para referir batata; eletricidade a petróleo; a plantação da «semilha» e da vinha. Embora não esteja explícito, o poeta alude à primeira tipografia instalada no Funchal, que funcionava da seguinte maneira: quanto maior o número de assinantes de um jornal, revista ou livro, mais barata ficava a sua impressão. Daí, o poeta fazer referência ao número de assinantes do jornal, tão importante para poder manter-se no ativo.

Analisemos mais um poema de Alípio Augusto Ferreira, sob a forma de carta, intitulado «Impressões de viagem» (pp.73-75), presente no segundo volume da antologia. Por se tratar de um poema em forma de carta, o autor colocou no final o local e a data completa (Ponta do Pargo, 6 de setembro de 1869). Nesta «carta», o sujeito poético sente saudades dos «lindos campos», que estão gravados na sua alma. O poeta questiona-se por

que razão as «fontes cristalinas» lhe causam uma profunda tristeza, referindo a razão disso: «Paragens ledas outr’ora, / porque me estais contristando?» (1.^a estrofe, vv.5-6).

Quando era jovem, abrigava-se na sombra do carvalho, esperando pelo seu «anjo idolatrado», junto ao carvalho, onde «a madressilva / cujo perfume aspirou» (5.^a estrofe, vv. 1-2), recebeu um ramo de acácia, e onde o papinho pousou. Naquele local, para o sujeito, as flores retratam o seu anjo, despedindo-se no final do poema das «águas de cristal», dos «voláteis cantores», da «balsa», da «sebe», das «plantas», das «flores» e do berço que embalou os seus primeiros amores, já que terá de partir.

Destacamos neste poema a temática da saudade e da emigração, que se poderá ler na falta que o poeta sente dos «lindos campos». Recordá-se dos tempos da sua mocidade e dos seus primeiros amores, junto a um carvalho. Neste poema, o poeta descreve a paisagem da ilha que marcou os tempos da sua juventude, mas que infelizmente terá de deixar o lugar onde ficam tantas memórias, atribuindo assim o título de «Impressões de viagem». Encontramos aqui outros elementos identitários madeirenses, ligados à flora, tais como o carvalho e o ramo de acácia, a madressilva, a balsa (madeira), a sebe, plantas e flores, à fauna, como o papinho, e à Natureza, através da presença das «fontes cristalinas» das cascatas e as «águas de cristal» referentes ao mar.

➤ Eduardo Ernesto de Carvalho (- 1879)

Eduardo Ernesto de Carvalho nasceu na Madeira, em data desconhecida, e faleceu cerca de 1879. Foi um poeta-jornalista, de boa cultura literária, versado em mitologia. Os seus versos carregados de emoção apresentam tendências parnasianas. Foi amigo do poeta Marceliano Ribeiro de Mendonça, colaborou na imprensa do Funchal em diversos jornais, como o *Diário de Notícias*, e tem um poema na antologia *Flores da Madeira*, no segundo volume.

Analisemos o poema intitulado «Proscripto» (pp.175-179). O sujeito lírico encontra-se longe da pátria e mostra ter saudades dela, onde deixou as «ternuras d’amante» e os «carinhos de mãe». Preocupado com a mãe «pobresinha / sem arrimo, triste e só» (3.^a estrofe, vv. 1-2) e com a amada. Na sua ausência, questiona-se o que será delas. Estando emigrado nas «terras d’amargor», nos «desertos», sem esperança, tem uma

única certeza, a de que longe do lugar onde se encontra, terá, na sua ilha, «nome, pátria, amor». Ou seja, se um dia regressar, tem quem o receba de braços abertos.

Neste poema, o que tende a ressaltar desde logo é a temática da saudade e da emigração, aspetos que marcou a maioria das famílias madeirenses, sobretudo no século XIX, nas décadas de 1840 e 1850, com a ida de ilhéus para destinos como Guiana Britânica, mais conhecida por Demerara, principal destino de emigração madeirense, para trabalhar na cultura do solo. Nesta região, a colonização foi tardia por ser uma terra desértica, com clima quente e húmido e com terras baixas e alagadiças.

Os emigrantes deixavam a ilha em busca de um futuro com melhores condições de vida, para contrariar a miséria e a pobreza vividas, devido à grave crise económica na Madeira. Referimo-nos ao período de fome de 1846-1847, causado pela propagação de um fungo que se espalhou em grande parte na produção local da semilha, e pela crise da produção vitivinícola, em 1852, devido à praga de oídio que destruiu as vinhas. Ao regressar rico, ficaria conhecido como o «demerarista».

Contudo, ao partir, Eduardo E. de Carvalho deixou para trás os entes queridos, como a mãe e a amada, que viviam desamparadas sem a figura masculina. Vive, pois nesses lugares distantes, sofrimentos em parte causados pela ausência e a saudade de casa e da família.

Francisco Vieira (1848-1889)

Francisco Vieira nasceu a 30 de janeiro de 1849 na Madeira e faleceu a 13 de novembro de 1889, no Asilo de Mendicidade onde estava internado, sucumbindo na sequência de uma doença mental. Era pai do poeta António Vieira. Foi um poeta romântico, muito considerado no seu tempo, tendo alguns dos seus poemas sido publicados na coletânea *Flores da Madeira*. Também colaborou em jornais e esteve algum tempo em França e no Brasil. Saliente-se que é o compilador do *Álbum Madeirense* (1884).

Tentaremos agora analisar o poema contido no segundo volume da antologia, intitulado «Adeus!» (pp.153-155), dedicado a J. Cândido de Freitas. O sujeito lírico despede-se da sua «patria de ricos primores», o «berço d'infância», uma «linda estância»,

onde, na sua juventude, «brincava co'as flores»; da sua «choça» (choupana, cabana ou palhota) e com os seus pais. A barca onde se encontra está no largo da ilha, sendo difícil «inda os olhos á praia lançar!».

Para o eu, partir é tão difícil, como esclarece nos versos 5 e 6 da terceira estrofe: «ver sumir-se / hoje mesmo esta terra virente» (terra verdejante e cheia de vida), e estando cada vez mais distante da ilha só avista céu e nuvens. O «eu» poético leva na alma «mil lembranças da leda morada», onde viveu a infância, acompanhado de saudades desses tempos já idos e da pátria. Irá sempre lembrar-se da sua ilha, «quadra saudosa e feliz», confirmando que é uma angústia crescente deixar para sempre a sua terra «rica de primores».

Este poema aborda o tema da saudade e da despedida, percebido logo à partida pelo título, encontrando aqui algumas marcas identitárias da ilha, como a «choça», o largo, a praia, as flores, «ricos primores», a beleza da ilha e a distância desta na alusão à emigração.

➤ Januário Justiniano de Nóbrega (1824-1866)

Januário Justiniano de Nóbrega nasceu no Funchal a 25 de fevereiro de 1824 e perdeu a vida ao cair de uma rocha a 28 de julho de 1866. Era sobrinho do poeta Francisco Álvares de Nóbrega, mais conhecido como «Camões Pequeno». Foi amanuense da administração do concelho, escrivão, professor, jornalista, defensor dos direitos da sua terra e poeta talentoso, que se destacou no meio literário funchalense, no período de 1845 a 1865. O poeta tinha uma coleção de obras inéditas e editadas, tendo-a destruído devido à doença mental de que padecia e que o levaria ao suicídio.

Saliente-se que a sua produção poética, que se encontra na coletânea *Flores da Madeira*, nunca fora publicada antes. A sua obra é repleta de emoção e drama, no modo como canta a beleza da Ilha da Madeira, a sua Terra natal, dando curiosos quadros da História local e de lendas insulares. Januário Justiniano de Nóbrega foi um autodidata que se dedicou à poesia lírica sentimentalista e satírica, tendo colaborado com diversos jornais e revistas madeirenses.

No primeiro volume de *Flores da Madeira*, encontramos vários poemas da sua autoria, de que analisaremos apenas aqueles que contêm marcas identitárias específicas madeirenses. No poema intitulado «A oração do poeta» (pp.6-11), publicado em 1851, nos primeiros quatro versos o poeta alude à ilha, como um lugar à parte do mundo, um paraíso terrestre, devido à sua posição geográfica e ao fascínio e mistério, que a sua beleza e singularidade suscitam no ilhéu: «Uma terra assim tão linda / Em que parte o globo encerra?! / Terra assim não vi ainda / Linda como a minha terra» (1.^a estrofe, vv.1-4).

De seguida, o eu descreve as características singulares da ilha, paraíso onde nasceu, viveu e morreu, destacando o que permaneceu na sua memória, e que lhe parece mais digno de nota, aludindo à paisagem mítica da ilha. Da «campina» observa: «Correr agua crystalina; / Em cordões de prata fina, / pela encosta d'amply serra» (1.^a estrofe, vv.6-8); as «penhas» altas, «Que o céu parecem tocar, / Que vão d'abysmos erguendo!» (2.^a estrofe, vv.3-4). O sujeito lírico encontra a sua «alma», ou seja, a sua identidade insular nos «bosques verdejantes», nas «selvas flutuantes» e nos «prados tão fragantes».

Descreve ainda o encanto de observar do alto da ilha o nascer do sol, «aurora, toda rubim». Neste poema, faz também referência ao «vale» e ao «verde campo», aludindo à imagem idealizada da ilha de um paraíso (insula paradisiaca) e mencionando que é magnífico o «Nascer em berços de Neve», num dia de inverno. Sublinha os raios de sol que incidem nos «grupos de gelo» que se encontram nos montes.

Menciona também o clima ameno da ilha, «neste vergel de rosas», numa aproximação ao milagre da rainha santa Isabel que transformou pão em rosas num lugar onde «não há invernos estação», e em que «noites tormentosas» sempre trazem «dias de verão» (5.^a estrofe, vv. 3-4). Com a despedida do inverno surgem «noites d'estio» (*locus amoenus*). A ilha é inundada pela luz do sol, onde no céu azul, «raro há nuvem». No final do dia, o sol fica «brando», «sem almo calor / já sem fogo abrasador / matisa de rósea cor / o verde d'esta campina» (7.^a estrofe, vv. 5-8).

Nos montes, quando o sol se põe, ouve-se o canto dorido do papinho (pisco-de-peito-ruivo), saudoso, que no «dia agonisante», «vem juncto áquelle ribeiro / sobre copado loureiro» (8.^a estrofe, vv. 6-7), onde se encontra o seu ninho, descansar, aludindo à paisagem sonora da ilha. Neste poema é referido que o poeta busca inspiração para escrever a Deus, «Soberano Senhor», a quem apela, como sendo criador da ilha, que dirija

o seu olhar para «A filha mais bela / Abatida e pobre» (11.^a estrofe, vv. 18-19) embora destacando que Deus só deu à ilha «floridas galas», numa alusão a um éden bíblico, havendo nela «tanta penúria», contrariando a visão de que a Madeira, por ser uma ilha, seria um lugar de vida fácil.

O «eu» lírico apela ao nacionalismo, «mais amor da pátria», ao «amor pela terra / que nascer nos vira». A ilha já foi império de grande riqueza, não sem deixar de evocar o ciclo da cana-de-açúcar, nos séculos XV-XVI, e do vinho, nos séculos XVII-XIX, mas no presente é o «Painel da pobreza». O poeta relembra, com saudade, o «aroma» do «ameno prado florido», referindo o brilho formoso da noite com as «magas estrelas garridas». Observa a serra e o oceano, «Desde o princípio da terra / Até onde a terra finda» (16.^a estrofe, vv. 4-5). O poeta termina, afirmando que «Uma terra assim tão linda / Eu não vi, não vi ainda» (vv. 6-7).

Ao longo deste poema, Januário Justiniano de Nóbrega enalteceu as características que fazem da Ilha da Madeira única e peculiar, um paraíso terrestre e um lugar de evasão. Tendo em conta que o turismo surgiu a partir de finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, desencadeia-se um novo olhar sobre a montanha e a beira-mar nas ilhas Atlânticas, influenciado pelo sentimento romântico que transforma os abismos, os penhascos e o mar imenso em motivos de deslumbramento.

Devido à pobreza que existia, agravada com as fomes cíclicas e a instabilidade a diversos níveis tais como político, social, económico, deixando a ilha «Abatida e pobre», o poeta defende o nacionalismo, ou seja, a importância do «Amor pela Pátria», para que a ilha volte ao esplendor que tivera no passado. Encontramos, assim, neste poema diversas marcas identitárias específicas da Ilha da Madeira, definida na voz deste poeta como «a filha mais bella» (p. 9).

No que diz respeito ao poema «O lago do trovador» (pp.30-33), datado de 1851, Nóbrega começa por compará-lo com os poetas lácios, considerados mais cultos e espontâneos, ao contrário do poeta madeirense que é «Arbusto inculto, acanhado» devido à «Nociva sombra». Ou seja, na época, o autor refere que os poetas não conseguiam alcançar a visibilidade que mereciam, já que «Cá num cantinho da terra» não tem, nem heróis, nem rios para cantar, mas tem «um lago formoso, / Que retrata o ceo brilhante»,

(4.^a estrofe, vv. 5-6). O mar é, então, «Espelho fulgente / D'extrema beleza» (6.^a estrofe, vv. 5-6), que «retrata / toda a Natureza» (vv. 7-8).

Quando a luz do sol se reflete no mar, «tornou-o lentejoulas / No seu scintillar» (6.^a estrofe, vv. 11-12). De igual modo, a lua refletida no mar «parece que gira». As penhas, que rodeiam a ilha, ao refletirem nas águas, tornam-se brilhantes assim como os ramos que parecem maiores, deixando passar uma «perfumada aragem». O poeta termina, interrogando-se se será poeta, afirmando que «Talvez um nome pomposo / Á minha aldeia legasse, / Se à voz dos cisnes do Tibre / O canto meu ensaiasse» (7.^a estrofe, vv. 3-6). Ou seja, crê o poeta que se não tivesse nascido no meio madeirense do Século XIX, considerado, por vezes mesquinho, poderia ter sido reconhecido como um grande poeta.

Uma marca identitária que surge neste poema é o mar, um elemento relevante para os madeirenses que tem servido de inspiração para inúmeros poetas. O poeta também faz referências às penhas das montanhas que se refletem na água, bem como a aragem doce que a Natureza imprime à ilha, elementos naturais apreciados pelos turistas que visitavam a Madeira no século XIX, admirando as paisagens verdejantes e íngremes assim como a imensidão do mar.

Veja-se, de seguida, «O soldado do Mindelo» (pp.45-51), datado de 1854. Escrito por ocasião do funeral de D. Maria II, como é referido na sua epígrafe, este poema faz alusão ao desembarque do Mindelo, das tropas liberais a norte do Porto, em 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais¹⁸. Os homens que desembarcaram ficaram conhecidos como os «Bravos do Mindelo». Neste poema, é feita uma referência ao batalhão de voluntários de D. Maria II, perceptível logo no primeiro verso «Voluntário fiel do Mindelo». O soldado referido no poema é madeirense, justificado pela referência de que, aos seus olhos, «sumiram-se os montes / Tão virentes da pátria querida» (2.^a estrofe, vv. 1-2).

A coragem deste soldado é louvável, já que jurou vencer ou morrer, tendo escolhido lutar na frente da batalha, liderando um grupo de «bravos» para uma «luta sangrenta». O «soldado inclina / a arma para o chão» / Curvado ao peso de pungente mágoa / jaz a filha

¹⁸ Também designada de Guerra Civil Portuguesa, que ocorreu entre 1832 e 1834, foi uma guerra civil ocorrida em Portugal entre os liberais constitucionais, liderados por D. Maria II, com o apoio de D. Pedro IV, e os absolutistas, liderados por D. Miguel, sobre a sucessão ao trono português.

de Zargo¹⁹», (8.^a estrofe, vv. 3-4; 9.^a estrofe, vv. 1-2). Trata-se de um soldado, mensageiro da dor. A rainha D. Maria II fora uma mártir, «Flor de um só dia, / ao pôr do sol definhou», (25.^a estrofe, vv. 1-2) e termina o poema dirigindo-se ao soldado para que ele erga a fronte abatida para o céu onde está a rainha. Aqui, as marcas identitárias madeirenses poderão ser encontradas na alusão aos montes da pátria e à coragem dos ilhéus.

No poema «Apelido de Zargo» (pp. 78-82), datado de 1850, o sujeito poético faz referência a uma interpretação do apelido de Zargo, referida na *História Insulana* de Cordeiro e no poema de Manuel Tomaz. Este poema retoma o período da História da luta entre cristãos e mouros no cerco de Tânger. Travou-se uma luta entre um mouro e um cristão e, ao fim de três lutas, morreram três cristãos. Um quarto cristão aproxima-se, mas o capitão tenta impedi-lo pois já morreram três cristãos. Este jovem diz que não tem nome nem fama, não teme a morte e refere que «não é deshonra, não / cahir morto aos pés d'um moiro» (11.^a estrofe, vv. 3-4), sendo «deshonra fraquear, / ser covarde» (vv. 5-6). Ao vê-lo tão determinado a seguir em frente, o capitão não o impede.

O jovem parte para a batalha, somente com a darga abraçada e um pedaço de pau, regressando vitorioso e trazendo consigo «cativo o mouro e ferido». Então, D. Henrique, armou o rapaz cavaleiro, que passou a chamar-se Zargo, o mesmo nome do mouro cativo, «Quem descobriu a Madeira, / vergel de aroma e de vida» (15.^a estrofe, vv. 5-6). Este poema refere a figura histórica de Zargo, descobridor da Ilha da Madeira, a «Pérola dos mares», a «terra florida», iniciador da sua História. No final do poema o poeta faz referência a três expressões pela qual a ilha ficou conhecida pelo mundo: «Per'la dos mares», «terra tão florida» e «vergel de aroma e de vida». (p. 82).

Em «O Naufrágio» (pp.118-125), datado de 1865, o sujeito lírico faz menção a uma catástrofe natural, uma inundação que ocorrera na ilha, dedicando este poema à Sociedade Humanitária do Funchal. Os ribeiros transbordavam, o mar rugia, o céu estava cerrado e a baía do Funchal ficou inundada. O povo aguardava o fim dos seus dias por acreditarem que a fúria da Natureza era resultado dos pecados do Homem. No meio desta tempestade, no mar, encontra-se uma família- marido, mulher e filho- a lutar, na nau, para sobreviver, estando a serem observados nas praias funchalenses, por «Tanta gente alvoroçada» e impotente.

¹⁹ João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha da Madeira, em 1419, junto com Tristão Vaz Teixeira.

O eu dirige-se à barca, apelando para que venha aportar à praia, onde encontrará ali «amigo encosto» (p. 122). Com as luzes, a população na praia esperava que o barco as visse e as seguisse. Quando a embarcação se dirigia já para a praia foi desviada devido às rajadas de vento, tendo naufragado. Ouve-se apenas um grito, e mais nenhum sinal da gente. Após a tempestade, o dia começa claro, estando o céu azul e os cumes cobertos com neve. O poeta observa que o pescador já deixou a terra no seu batel, recomeçando-se «a antiga vozeria» (p. 123), na praia.

Do naufrágio sobreviveu uma mulher fraca, subindo «íngreme estrada» (p. 124), levando nos braços um infante, dirigindo-se à Igreja da Nossa senhora do Monte: «D’aquele alto arvoredado entre a ramagem» (p. 125), para pedir-lhe «que sustente aos filhos fortes / d’esta do oceano-flor a gran coragem» (p. 125). O sujeito lírico termina o poema referindo que, na Ilha da Madeira, o cristão conhece os riscos do mar, mas entra nele, sem medo. Constata-se aqui a abnegação heróica, com que os madeirenses arriscam a vida pela dos seus semelhantes, em calamidades como naufrágios, incêndios, inundações ou epidemias. Encontramos, pois, a ilha como porto de abrigo seguro que convida todas as embarcações a aportarem nele.

Em «A viúva e o Órfão» (pp.164-166), datado de 1859, o poeta foca a sua atenção numa mulher viúva que perdeu precocemente o marido, um artista de quem sente saudades. Tiveram dois filhos, mas o primeiro faleceu muito cedo, tendo sobrevivido apenas um e uma vida difícil de miséria e fome para ambos. «Ao pobre innocente a fome / mirrhando os bracinhos vae» (3.^a estrofe, vv. 3-4). Tem como única forma de sustento o bordado, apesar de já ser inútil, pois ela já não consegue ver quase nada, apenas o filho.

No final, são separados. A mãe vai para um asilo da mendicidade e o filho para o asilo dos órfãos. O sofrimento da perda do filho provoca-lhe a morte por desgosto. Separar mãe e filho era comum na época, numa sociedade cristã, sendo cada um abrigado em asilos diferentes, causando dor: «Ausente d’este a mãe triste / Tanto chorou e soffreu» (8.^a estrofe, vv. 1-2). Neste poema, estão presentes marcas identitárias específicas madeirenses, tais como o bordado, a pobreza e os asilos, que permitem retratar aspetos socioeconómicos das mulheres em particular, viúvas.

Passamos agora à análise dos poemas de Januário Nóbrega presentes no segundo volume da antologia. «O pobre escravo» (pp.21-29) apresenta um fragmento de uma

antiga crónica madeirense. A construção de levadas na ilha foi assegurada em parte, por mão de obra escrava²⁰. Neste poema, é feita menção a um escravo²¹ que fugiu, correndo para a serra, livremente, «E na floresta contígua / livre o escravo corria», (p. 22). O Funchal era um meio católico, logo, regido por Deus. Por sua vez, o escravo não era livre lá, porque as pessoas acreditavam que era o Diabo²².

Na segunda parte do poema, «o sino bento da Sé / A preces chama o christão» (p. 23), estando as Madres nas ruas a pregar com a cruz para afastar o «Diabo» (época marcada pelo fervor católico, não sendo aceites outras religiões). Saía do Convento de São Francisco²³ uma comunidade para purgar «da culpa a cidade», acompanhada pela fidalguia e a plebe. Pregavam para que o escravo não saísse da selva, pois estavam a avistá-lo no mato: «Satanaz anda na selva, / brada o vulgacho aterrado» (p. 24). Na terceira parte do poema, o poeta faz referência à lenda de Marcos de Braga, o valente, «apelidado de sem medo», que entrou na selva, «de férreo bastão armado» (p. 25).

Na quarta parte deste poema, é referido o rei D. João, o «Piedoso». Do Palácio de São Lourenço, «ribomba / a tremenda artilheria» (p. 26), por ter fugido o escravo. No Terreiro da Sé, encontra-se uma «imensa turba apinhada». Chega Marcos de Braga com o pobre escravo amarrado. O povo grita: «Mata! Mata! Que é o Diabo!» (p. 28), morrendo o pobre escravo. Nas suas últimas palavras, o escravo exalta que espera que um dia os Homens não julguem os outros pela cor de pele e que chegará o dia do fim da escravatura, pois «branco, que opprime o negro / No negro um irmão verá» (p. 29). O poeta refere ainda que a escravatura foi abolida em Portugal, em 1761.

Neste poema encontramos ainda topónimos da Ilha da Madeira, situados na cidade do Funchal: «Sé», «San Francisco» (Convento de São Francisco), «Palácio de São Lourenço» e o «Terreiro da Sé». Para além das referências geográficas, surge como outra das marcas identitárias o fervor católico que se fazia sentir na ilha.

²⁰ Era importada gente da Europa e das Canárias, nomeadamente, escravos guanches de África.

²¹ Havia na ilha muitos negros escravos, mas também negros livres: escravos forros, fugidos e negros que nunca foram escravizados.

²² Note-se que, quase toda a população na Ilha da Madeira era católica e mostrava ter preconceito racial, julgando as pessoas pela cor da pele.

²³ Fundado por Luís Álvares da Costa e o seu filho Francisco Álvares da Costa em 1473, e construído no ano seguinte. Foi reconstruído cerca de 1750 e extinto em 1835, devido à Reforma Geral Eclesiástica.

Em «Amor e pejo» (pp.51-53), datado de 1847, o eu lírico foca-se no amor da ilha («mãe») para com o ilhéu («filho»): «Quebra com furor / Num grito de amor, / A onda roliça / E quer às areas / Em que s' espreguiça» (5.^a estrofe, pp. 6-10). Ou seja, o mar abraça a praia, mostrando o seu apego à ilha, nesse movimento que pode ser lido como «Amor», «vai dizendo / No seu murmurar, / E quer ao vergel / Que vae fecundar» (vv. 12-15). A «aragem» da ilha também pregou Amor, disseminado pelo jasmim que afaga e a rosa, símbolo do Amor, que se deixa colher. Para além do apego ao mar, neste poema, encontramos elementos da flora madeirense tais como jasmim e a rosa.

Por sua vez, em «O nome sacro» (pp. 67-69), surge referido o nome de «mãe» e o de «amor». Todos têm conhecimento de que o nome sagrado seja «Homem, raça, colónia, nação, / velho, moço, idiota, erudito / musulmano, judeu ou christão» (3.^a estrofe, vv. 2-4), sabendo este nome entoar «a fonte, e a selva, e o prado, / e a brisa, e as vagas do mar, / E os lumes sem conto dos céus» (4.^a estrofe, vv. 1-3). O poeta refere que a mãe crente embala o filho, cantando o nome de Deus, o nome sacro. Como traços identitários aqui presentes, podemos apontar alguns elementos associados ao espaço insular, como a fonte, selva, prado, brisa e vagas do mar, assim como a referência ao regime de colónia²⁴.

O poema «Não sei cantar assim» (pp.81-85) é dedicado à nova Alcipe, nome pelo qual era conhecida a Viscondessa das Nogueiras, ou seja, D. Matilde de Sant'Anna. O poeta busca inspiração aos sons de Alcipe, que transmitem «graça e belleza / D'este ameno vergel, d'aromas cofre, / Que entre o celeste azul de crespas vagas / campea verdejante, encanto d'olhos, / prazer, enlevo d'alma» (p. 81). O «eu» lírico lamenta não saber cantar como Alcipe as «brisas do mar», «as auras da selva», a «fonte que nasce / D'erguida penha no cimo, / e desce por sobre verdes / macios leitos de limo», o «canto dos bosques».

Alcipe «solta, desata a voz livre, inspirada» (p. 84), enquanto a lira do poeta «estéril, frouxa», é voltada a «mundanas paixões», sendo que o génio de um e outro são diferentes, sagrando o poeta «a mentidas perfeições». Neste poema é possível encontrar-se assim a referência à poetisa madeirense, Viscondessa das Nogueiras, e a marcas identitárias da

²⁴ Contrato de exploração de terra em que o proprietário da terra (senhorio) a cede a outrem (colono), tendo este o dever de a cultivar, contruir as benfeitorias e dar ao primeiro metade da colheita. Este regime só seria abolido no séc. XX, através do Decreto Regional 13/77/17, de 1977.

ilha como a amenidade do clima, a beleza e os perfumes da ilha, os campos verdes, as brisas do mar e as cascatas que descem da montanha.

Vejam os poemas «O que foste! O que és!» (pp. 93-96), em que o sujeito aborda o passado e o presente da ilha, «terra de Zargo», «rainha altiva do oceano», que já foi no passado, grande e opulenta²⁵. Campeava «verde e florida, / vaidosa d'áurea fortuna / cheia de viço e de vida» (1.^a estrofe, vv. 4-6). Refere que a Madeira deve a sua descoberta e primitiva grandeza ao Infante D. Henrique, que a tornou formosa no mundo, com as plantações que mandou fazer, na «oculta pérola»²⁶, sendo benéfico que todos os monarcas portugueses olhassem para esta ilha, que tão útil tem sido à Coroa Portuguesa²⁷.

A Madeira é apresentada como um «Ponto invisível do globo» (p. 94), remetendo para a ideia de isolamento, que gerou «filhos gigantes, / varões distintos que foram, / a incultas plagas distantes, / contra o bramir de infiéis / plantar a cruz triunfantes!» (3.^a estrofe, vv. 2-6). Muitos madeirenses distinguiram-se em África, lugar em que portugueses esforçados provaram o seu valor. A Madeira, fora «pátria de heroes, / honra, gloria d'insulares» (4.^a estrofe, vv. 1-2), que gerou «mavórcios génios / orgulhos dos pátrios-lares, / Olinda, Olinda que o diga, / Que o digam d'África os mares!» (vv. 3-6).

João Fernandes Vieira, patricio (nobre) da ilha, expulsou os holandeses de Pernambuco, cuja capital é Olinda, pondo fim a uma guerra que durou mais de sete anos. Foi considerado um dos melhores generais do século XVII, pois restituiu a Portugal um estado dado como perdido. Nomeado em 1658 governador e capitão-General de Angola, dispensou corsários do litoral de África Ocidental. Foi um português honrado, liberal e valoroso, que os filhos da ilha «só cubiçavam / para ti honras e gloria» (5.^a estrofe, vv. 1-2). Ouviam-se «acções pasmosas / cousas dignas de memoria; / altos feitos sublimados» (vv. 3-5), que a História recordava.

Neste poema, considera que os madeirenses são «Homens de crença, de fé», «varões d'inclitas virtudes», para quem no passado a ilha era o mimo dos madeirenses, mas agora é «pobre pátria». Os ilhéus mudaram, não havendo ações suas que ilustrem a ilha. O poeta refere que a geração presente nada faz que a glorifique: «Dizer da pátria

²⁵ Ciclo açucareiro na Madeira nos séculos XV e XVI.

²⁶ A Ilha da Madeira é conhecida por ser a “Pérola do Atlântico” escondida no mar imenso.

²⁷ A Ilha da Madeira representava, para a circulação nos oceanos, um ponto estratégico, de um abrigo e um ponto de apoio para reparar e reabastecer as embarcações.

desdouros / não é de filho extremoso», falando só de «antigos tempos, / só do qu' é grande e famoso» (9.^a estrofe, vv. 3-4).

Portanto, neste poema é possível encontrarmos várias marcas identitárias específicas da Madeira: a «Terra de Zargo», um dos nomes pelo qual a ilha é conhecida, sendo Zarco o seu descobridor, mandado pelo rei D. Henrique realizar a viagem pelos mares; a referência à Madeira como «rainha altiva do oceano» e «oculta pérola»; «verde e florida»; a posição geográfica da ilha distante, «Ponto invisível do globo»; a grandeza dos ilhéus, que os distingue dos outros pela sua bravura passada; a ilha fora «pátria de heróis», vindo de lá, João Fernandes Vieira, insular, que fez um ato glorioso; os madeirenses como «homens de crença, fé» e de virtudes, apesar de afirmar que no presente não têm feitos gloriosos para contar.

O poema «A minha pátria, em sonhos» (pp. 125-130) é dedicado a Luís Augusto Acciaiolli²⁸, de Santana, onde o poeta faz uma descrição deste concelho situado «sobre alto monte escarpado / por seca encosta estendia / o corpo todo mirrado» (p. 126), e banhado pelo mar. A tão bela pátria, que «Humanas formas» toma, vindo às vezes pobre, «outras airosa, elegante, / vestida vem de rainha» (1.^a estrofe, vv. 5-6). Isto é, o que adorna esta freguesia são as plantações. A pátria conta grandezas do passado, com a plantação da cana-de-açúcar.

Este poema faz assim referência a Santana, «fada» e princesa do mar que encantou o Príncipe, ou seja, o mar, devido à sua beleza. Mas as suas «longas madeixas» (til) foram cortadas; os arroios secaram e os aromas desapareceram, pois, o Homem, com o desbravar da ilha a fogo, na época dos Descobrimentos, terá despojado Santana de grande parte dos seus adornos que a embelezavam, restando apenas o céu «e mar que tudo retrata» (p. 128); «Maldicto o que a virgens matas / põe fogo... e com trega mão ousa ferir... degolar... / Til», (p. 129). Aquando do desbravamento da ilha, o fogo destruiu as plantações de til que ali havia.

Refere também a humanização do espaço agreste pelo Homem com a construção de poios para a agricultura, pois «Humanas formas toma»; as suas plantações, fazem dela elegante. Sublinha a posição geográfica deste concelho virado para o mar, e por essa razão

²⁸ Luís Augusto Acciaiolli (1804-1907) foi escritor, tendo estado preso na Madeira devido à rendição das forças miguelistas, desempenhando mais tarde as funções de provedor e administrador do concelho de Santana.

apelidada de a «Princesa do Mar», sobre um alto monte, e uma encosta com escarpa. Menciona ainda as plantações de cana-de-açúcar e de til que tinha no passado.

João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos (1829-1902)

João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos nasceu no funchal a 22 junho de 1829 e morreu nesta mesma cidade, a 13 fevereiro de 1902. Foi o 1.º Visconde e o 1.º Conde de Canavial, tendo sido um dos mais ilustres escritores do Século XIX. Licenciou-se em medicina, na universidade de Montpellier, e em letras, na universidade de Caeneide. Dedicou-se a trabalhos literários e científicos e colaborou em revistas e em jornais na Madeira e em Paris. Foi um intelectual considerado sábio e patriota, num meio destituído de valores positivos. Marcaria a vida regional e os meios intelectuais do país, com a sua sensibilidade romântica, plena de emoção e versatilidade poética. Grande parte da sua vida foi dedicada à política, o que o levou a enfrentar polémicas em jornais e em folhetos. Foi governador civil e delegado geral da ilha, tendo ainda fundado a companhia fabril de açúcar madeirense.

Vejam os seus poemas presentes no primeiro volume da antologia, intitulado «A tua imagem» (pp. 15-18), datado de 1851. O eu lírico vê a donzela que ama na Natureza, «no céu, na terra, no mar» (p. 16). No céu, vê-a nas estrelas, na lua e nas nuvens. Na terra, encontra-a na flor, no prado, na folhagem, na montanha, na gruta, na penha, no vale, no monte, no bosque, na selva, nas plantas, na relva, no arroio e na fonte. No mar, vê-a tanto no mar sossegado, como no mar furioso que brama «de encontro aos penedos, / À praia, aos rochedos», (p. 17), formando montanhas, cavando abismos.

Neste poema, o leitor é confrontado com vários elementos da Natureza madeirense, que para o poeta, se apresentam como personificações da sua «donzela». Ou seja, o «eu» lírico identifica-se com a ilha de uma maneira íntima e profunda.

Em «O Adeus à pátria» (pp.129-133), o eu despede-se da sua pátria, deixando: «o clima saudoso», o «ar delicioso, / perfumado», o «ceo de azul escuro, / tão lindo sempre, o mais puro», o «sol vivo e radiante», a «clara lua brilhante, / raro em nuvens envolvida», os «montes magestosos, / altivos, alevantados, / por frescos valles viçosos / uns dos outros separados», as «belas campinas, / verdejantes, esmaltadas», e as águas cristalinas,

ressaltando a beleza da Natureza da ilha e sentindo saudades do «sol d'este paraíso / que é do atlântico a flor» (p. 131).

O eu lírico deixa a terra, partindo para outra em busca de um «porvir mais certo e seguro» (p. 131), desejando ser proveitoso para a pátria. Depois de cumprido o seu desejo, poderá voltar à sua terra, à ilha onde nasceu e foi criado e que é o «berço que na infância / meigo me embalaste» (p. 132). Trata-se de um «formoso jardim», um «theatro aprazível», que só lhe mostrou encantos. Despede-se da ilha, pois será longa a sua ausência em busca de um futuro melhor. Antes de deixar o seu «doce regaço» pede um abraço da ilha, partindo para ser digno da sua terra.

Encontramos várias marcas identitárias madeirenses, como a emigração em busca de um futuro melhor, a referência ao clima, ao ar, ao céu, aos elementos da Natureza, como os montes verdes, a referência à ilha como a flor do Atlântico, como um jardim e um anfiteatro.

João Fortunato de Oliveira (1828-1878)

João Fortunato de Oliveira nasceu no Funchal a 26 de março de 1828 e faleceu nessa mesma cidade a 6 de abril de 1878. Viveu grande parte da sua vida em Inglaterra e França, tendo adquirido conhecimento erudito e dominando bem a língua inglesa e francesa, antes de regressar à Madeira em 1863. Quando estava em França, escreveu versos que expressavam nostalgia pela sua ilha. Foi professor do Liceu e colaborou na imprensa regional em prosa e em verso. Em 1855, quando estava em França, escreveu versos onde expressa nostalgia e saudades da sua ilha.

Na antologia *Flores da Madeira*, encontram-se dois poemas da sua autoria, um em cada um dos volumes. Começaremos por analisar o poema presente no primeiro volume, intitulado «No Pico Ruivo» (pp. 99-106), datado de 1863. Neste poema, o eu descreve o Pico Ruivo como um «penhasco alteroso», «monte de nuvens coroados», «que contemplas ufano, orgulhoso, / fundo abysmo nas penhas cortado!», cuja «fresca rama te cerca viçosa, / de urze adusta que afronta o tufão» (p. 99). Nas palavras do poeta, do cimo deste Pico, a vista é deslumbrante, podendo ver-se um nascer de sol espetacular. O sujeito refere que o Pico parece «abraçar no horizonte» devido à «Branca Nuvem».

O referido Pico encontra-se «sobranceiro ás selvas e prados», «ás cristas erguidas», «aos penhascos p'ra os ceos eriçados, / ás encostas de fetos vestidas» e abraça «Céus, ribeiras, collinas e mar» (p. 100). Na segunda parte do poema, o eu faz referência à formação da ilha, a «Pérola do mar», e do Pico, que deve a sua origem a um vulcão e à ação do mar que abalou a terra. Na terceira parte, o sujeito descreve os elementos que fazem da ilha uma «pérola»: «terra donosa», (p. 101), «jardim de primavera», «estância tão primorosa», «rica de verduras, / de perfumes e doçuras», «retalhada de águas puras / que arroyos iam formar», «que matiz as vivas flores / não teciam neste solo», «era de mattas vestida, / desde a c'roa mais subida, / até a orla cingida / da vaga inquieta do mar»; «e do bosque na clareira, / rico turbante doirado / tecia a flórea giesteira» sobre o monte; «noite amena» e «relva mimosa» (p. 102).

São estas as características da ilha, «terra florida», quando Zargo a descobriu, deixando a bandeira cravada no solo. No entanto, devido à ambição do Homem, «despiu a ilha» das «galas de fada»; desprezando o «floreo encanto» da ilha. Com as chamas, as aves fugiam feridas. A Ilha da Madeira era um dos tesouros de D. Henrique, «a mais formosa, / a mais linda esmeralda» (p. 103), que era tão viçosa e elegante. Foi este rei que enviou uma armada para descobrir a ilha que, depois de desbravada a fogo, desencanta amores, despida das matas e flores e o solo «jaz sem perfume, sem verdor, sem vida» (p. 104).

O Homem desdobrou o mato, queimando tudo à sua volta; construiu levadas: «co'a mão rompendo as nuvens, / de grossas águas inundando a terra, / que em breve formam caudalosos rios» (p. 104); e cavaram «largas penhas» nos abismos. Esta terra volta ao seu esplendor, vestida com «mimosas galas», «convertida em flor dos mares». O poeta enaltece a Ilha da Madeira ao exclamar: «ó terra de viçoso encanto! / que lindo manto, que verdor, que aromas! / de frescas águas que saudosas fontes! / que altivos montes!; que frondosas comas»; «terra de suave clima». Aqui é possível encontrar uma referência relevante sobre a emergência do turismo terapêutico no Século XIX, que acolheu muitos turistas que procuravam a ilha para tratar doenças pulmonares, como a tuberculose, «que o pobre enfermo com teu ar alentas» (p. 105).

O solo da ilha é rico, como comprovam os jardins e os vergéis donosos. Quando estava em França, o poeta sentia saudades da Madeira, a sua pátria meiga, sendo a ilha a inspiração para escrever, sentindo «Mágoa intensa» (p. 106), falta da ilha, querendo a ela

voltar. O eu voltou à ilha, compondo e dedicando-lhe versos («Volvi!»). Neste poema, canta as belezas da sua ilha, tais como as montanhas, céu, ravinas e vales, mar e encostas. Encontramos uma descrição do Pico Ruivo e da paisagem que o rodeia, do clima da ilha, da História da sua descoberta, encontrando-se ainda inúmeras marcas identitárias naturais específicas da Madeira.

O poema, intitulado «Sant'Anna» (pp. 1-9), datado de 1857, presente no segundo volume da antologia, é dedicado a Luís Augusto Acciaiolu. O sujeito dirige-se-lhe como «amigo», mencionando «as lides de trabalho insano» (p. 1) e recordando os «encantos d'essa estância tão viçosa, / que, de mimos ornara a natureza, / de flores, de perfumes, de riqueza» (p. 2). Neste poema também é feita uma descrição de Santana, a pátria de Acciaiolu: «Por vales e serranias, / por entre as sebes virentes / de novelos recamados, / sobre alfombras matisadas / de mil florinhas ridentes» (p.2).

O eu lírico descreve ainda, com detalhe, uma viagem por alguns lugares em Santana, podendo o leitor fazer esta mesma viagem. De «Hastea na mão» (p. 2), caminha-se «em frente a igreja: - à direita / galguemos a senda estreita, / e no Pico descansemos», observando-se de lá «o quadro animado» (p. 3), sendo «completa grinalda / das flores mais delicadas, / em várias sazões ceifadas, / sobre um fundo d'esmeralda». De seguida, «do mirante / a fresca sombra gozemos», observando-se uma paisagem «extensa e deslumbrante / com a juba verde-escura, / erguem-se alem magestosos, / os cortados alterosos», como se da descrição de um quadro se tratasse.

O sujeito poético passa os seus dias a observar «o mar e as selvas, / cearas, hortas e relvas, / e a serra medonha, altiva, / sobre o abismo pendurada» (pp. 3-4). Acresce que, «além, na encosta dos montes», ergue-se a memória saudosa que «se assenta estância viçosa / de carvalhais e de fontes». O poeta terá passado nesse lugar uma «amena tarde» (p. 4) com o amigo, apreciando a ilha. Prossegue a sua descrição: «De dois ribeiros cingida, / lá se ergue distante a ilha, / sobre manto escuro brilha / alegre a giesta florida», e ao fundo «a serra gigante, / com sua facha de neblina, / que o Pico Ruivo domina, / com seu píncaro arrogante» (p. 4).

Para lá da «plana Assomada, / a senda estreita e perigosa» de onde se vê «fronteira encosta apprumada» (p. 5) ouve-se «lá em baixo», ao longe o murmurar da «ribeira espadanando, / por sobre rochas saltando, / entre leiras de verduras». Dali, observa

«Moinhos, casaes, pomares, / de linho os campos virentes, / agrestes silvas pendentes / por entre fundos algares, / penhas de musgo vestidas, / inhames, giestaes, cearas, /pinheiraes, rochas despidas». Trata-se, pois, uma natureza «com tão variado disvello». Contudo, apercebe-se de uma «rudeza profunda», da vida rural.

O eu desloca-se ao jardim da casa do amigo, «sobre o caminho assentado / à sombra das tuas faias / ver esse outeiro formoso / com seus adornos de maias» (p. 6). Além, «no morro distante, / assentado sobre a beira, / a cujos pés a ribeira / ruge em iras de gigante» em tempos de cheias. Naquele morro, o sujeito «no imenso profundo abismo», (p. 7) contempla «de S. Jorge a altura, / de negro mato vestida, / no cimo a igreja garrida» entre a verdura, encontrando «junto ao mar tanta ruína, / montão de casas desertas, / de canas hortas cobertas / que a altiva rocha domina». Refere ainda que daquele porto partia no passado «a riqueza, / por esse mar agitado», lembrando com «profundas mágoas» (p. 7) o jardim.

Descreve também o clima: «a sombra da magnólia» a natureza sorri em todo o lado, «no céu sem nuvens, e no mar cerúleo, / nas flores do jardim, na encosta amena / na livre endeixa que disprende aos ares, / na espessura das faias» (p. 8). Alude aqui à lenda de Machim e do seu amor por Anne d'Arfet. Santana inspira «ventura» (p. 9), despertando no poeta saudades. Refere o papinho, que na «estação florida», sente a sua canção de amor e a bonina perfumada. Termina o poema, dizendo que colheu tristezas entre as belezas de Santana.

Este poema pode ser considerado como um dos poemas da Antologia que melhor apreendeu o ambiente e o clima local de Santana, apresentando uma descrição dos lugares mais emblemáticos e dos seus arredores, revelando marcas identitárias específicas madeirenses.

João de Nóbrega Soares (1831-1890)

João de Nóbrega Soares nasceu no funchal a 11 de junho de 1831 e faleceu, nesta cidade, a 22 de setembro de 1890. Era redator da *Flor do Oceano* e colaborou com o *Diário de Notícias*. Em 1855, depois de ter emigrado para África (Ultramar Português) e para a América, voltou à ilha da Madeira, dedicando-se à literatura. A sua poesia caracteriza-se pelo sentimentalismo romântico. Além de poeta, dramaturgo e contista foi

também professor da instrução primária, escrivão e fiscalizador dos tabacos. Esteve numa colónia portuguesa, em Demerara, lia poetas ingleses da época, tendo recebido influências literárias de Wordsworth.

Analisemos a composição poética de 1866, presente no primeiro volume da antologia, intitulada «O Mar» (pp. 83-94), dedicada à Viscondessa das Nogueiras. O eu refere que ama o Mar «às horas socegadas / da manhan, quando a aragem sonora / levanta as ondas em frementes beijos», sendo o ar «mais puro, e doce a brisa, / em constante exultar de affectos castos» (p. 83). Esta lembrança traz ao poeta «mil saudades, / recordações, memorias e venturas». O mar é «eterna fórmula / de esperança e saudade, amor e vida!», (p. 84). O orvalho do céu simboliza «eternal omnipotência»; a «aragem vespertina eleva os cânticos / dos mares as alturas das esferas».

Vendo-se o nauta na «frágil barquinha» (p. 84), galgando as ondas, soprando o vento na vela partida, «bebe as vagas a barca», ficando o nauta envolvido em mágoas, «Crescem as vagas / que pelas fragas / se vão quebrar», (p. 85) e mostrando a ira e o furor do mar. A embarcação que se encontra a meio de uma tempestade no «mar imenso» (p. 86) pede a Deus que a guie e consiga enfrentar a influência dos quatro ventos. A manhã desce ao longe sobre o mar, quando o sol dissipa a tormenta, «Irrompe a Natureza alegre canto» (p. 88). As ondas são agora «harpas sonoras» e o céu solta «notas harmónicas». Por sua vez, as brisas espalham «doce volúpia» (p. 89) na maresia.

O nauta «não teme o horror» e o mar, «no seu furor», é «soberbo império», estando a «onda ingénua / em terno às algas / anda a sonir». A «fatigosa barca» (p. 91), após lutar no mar, procura amparo na costa para se abrigar. Na terra voa a aragem, «embalsamada e fresca», um aroma tão suave. Ergue-se nas águas, junto à costa «granítico penhasco, asperíssimo e branco», correm as povoações ao encontro do nauta. «Debruçada na costa saudosa, / das areias tingidas na alfombra» a barca repousa «da lide afanosa» (p. 92). Sem vida não se sente «dos mares / um carinho», sendo que «cada aroma tem seu paraíso / tem a plaga seus dons singulares» (p. 92).

A costa guarda «segredos, anseios»; enterra «reliquias perdidas», «amores traídos», «ciúmes doridos», «aves cansadas», «algas vencidas» e «medonhas ossadas»; esconde «profundas tristezas, / quando o amigo para longe se ausenta», quando o amante guarda seus afetos; pousando lá amores e esperanças. O nauta era um «ser austero, / só e triste

na paz de estreita barca» (p. 93), que canta, «co'a vista o mundo abarca», sendo os céus horizonte, «mistério», existindo na terra, o bem e o mal.

Trata-se de um poema que mostra a ligação do ilhéu madeirense com o mar, embora este seja uma entidade poderosa, que tanto pode ser calmo como mostrar a sua ira e furor. Neste poema, existem referências ao clima ameno da ilha, através do ar fresco, limpo e doce, e à costa madeirense como um porto de abrigo seguro que recebe as embarcações.

No segundo volume, o poema intitulado «Ao mar» (pp. 189-190), datado de 1872, apresenta uma barca que vai em direção ao mar, na «subtil viração / a praia beijar» (p. 189), encontrando neste mar amplo, coragem e «liberdade». Neste poema, importa ressaltar que o mar madeirense, por ser tão amplo, permite respirar «liberdade» (p. 190), nas suas águas sem fim.

José António Monteiro Teixeira (1795-1876)

José António Monteiro Teixeira, que nasceu a 27 de dezembro de 1795 e morreu nesta cidade a 31 de maio de 1876, foi um poeta e intelectual oriundo de uma família madeirense antiga e distinta. Publicou os volumes *Obras poéticas*, Tomo I e II: *Œuvres Poétiques en français*, em 1861, publicado no Funchal, e *Nouveau Recueil des poésies en français*, publicado em 1871, na mesma cidade. Estudou num dos melhores colégios de França, situado em Pau, quando a guerra se alastrava pela Europa, entre 1808 e 1814, ano em que terminou o estágio colegial em plena época das invasões napoleónicas. Conhecia a língua francesa como se fosse a sua língua pátria e tinha veia poética e predileção pela sátira.

Estudou os Clássicos e os motivos históricos em Paris, tendo-se relacionado com escritores e intelectuais da época. O seu talento foi reconhecido e apreciado, tendo granjeado fama em Paris. Foi amigo próximo de Barthelemy, de Chateaubriand, Mery e Beranger. Esteve também em Londres e na Alemanha. Em 1825, regressou ao Funchal e cultivou o género epigramático. Seguiu a escola de Nicolau Tolentino, com poesia satírica, observando e criticando a sociedade da época, não poupando os políticos liberais. Era contra a substituição da política tradicional do país por um regime figurino da Revolução Francesa, em que a moda deixou de ser apenas um adorno e passou a ser uma forma de expressão, um instrumento de luta política e um símbolo de uma nova era.

Foi uma figura de destaque no grupo dos Poetas Dissidentes, tendo sido amigo do poeta António Feliciano de Castilho. Foi vereador da Câmara Municipal do Funchal e exerceu o cargo de Cônsul da França, recusando todas as honrarias para homenageá-lo. A cidade do Funchal não terá prestado a homenagem merecida à memória deste ilustre homem, enquanto a França manifestou o seu apreço e reconhecimento pelo poeta. Na casa solarenga no Torreão, onde vivia, não existe nenhuma lápide comemorativa. A sua escrita percorria o sentimentalismo romântico, escrevendo sobre a vida íntima da ilha da Madeira, através de sátiras, mas também de dedicatórias. A este propósito, no poema da sua autoria presente no primeiro volume da antologia, intitulado «Epístola» (pp. 65-70), datado de 1852, o poeta dirige esta carta à Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, localizada no Funchal, na Pontinha, fundada no século XVIII, que tinha como função melhorar a defesa da cidade, contribuindo para a sua segurança: «Cada tiro que tu dás, / Dera pão a muitos pobres», (p. 65). Mas, os canhões da fortaleza «tocem às vezes» (p. 67), como tosem os «nossos tísicos ingleses». O poeta mostra-se descontente com a pobreza que se observa em todo o lado na ilha. A «nação forte» (Inglaterra) «ancorando como amiga» leva a pólvora existente; e as peças dos canhões foram dadas «ao credor lord Wellington» (p. 68).

Os madeirenses, como bons aliados deste país, «P'ra melhor vos hospedarem, / nossas almas desveladas / teem na Praça da Rainha Periódicas gaitadas» (atual Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses). A ilha tem pipas de vinho, cachos de banana e «ramos de freiras, feitos / com penas de patos machos» e vêm-se os estrangeiros a «correr do bordo, / cheios de filantropia, / a dar-nos quase chorando, / mil shake-hands de simpatia» (p. 69). Devido ao facto de as «finanças lusitanas» estarem depauperadas, usar pólvora estava fora de questão, razão pela qual Portugal terá aceitado Inglaterra por não ter meios para contra-atacá-la.

Este poema refere um monumento e um topónimo, respetivamente, situados no Funchal: a Fortaleza do Ilhéu e a Praça da Rainha. Foca ainda outros aspetos identitários específicos madeirenses, tais como o vinho, a banana e «ramos de freiras» (p. 68). Descreve a situação de aceitação da Inglaterra por parte de Portugal, tendo-a como aliado; portanto, na Ilha da Madeira passa a ser normal receber a visita de estrangeiros ingleses à ilha, seja para fins terapêuticos, «tísicos ingleses» (p. 67), ou por motivos de lazer.

Também é referida a hospitalidade do povo madeirense para com o estrangeiro, apesar de, segundo o poeta, o último lhe mostrar simpatia misturada com algum desprezo.

Leolinda Jardim Vieira (1841-1903)

Leolinda Jardim Vieira nasceu na Sé, no Funchal, a 11 de julho de 1841, e morreu também na Sé a 16 de julho de 1903. Era filha de João Caetano Jardim e de Maria Florinda Gonçalves. Antes de casar com o poeta João José Vieira viveu no solar na Rua da Conceição, na freguesia da Sé. Dedicou-se ao canto, à música e à poesia, seguindo a escola romântica, com o sentimentalismo comum à literatura dessa época. Colaborou no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e na *Gazeta da Madeira* e pertenceu ao círculo de amizade de Georgina Dias de Almeida. Os seus poemas foram criticados pelo Visconde do Porto da Cruz, por considerar as suas “composições, todas elas mais ou menos eivadas daquela pieguice”. Acrescenta, ainda que “não era brilhante nem inigualável esta Dama no campo da poesia...”²⁹ (Cruz, 1949, pp. 85-86).

Analisemos o poema «Num álbum» (p. 128), datado de 1857, da sua autoria, presente no segundo volume. O sujeito poético refere «nos jardins mais formosos tão lindas vegetam / alegres florinhas (p. 128), mas o Homem destrói-as. Contudo, nos montes nasce a «flor inculta / e morre ignorada / na escarpa de um outeiro» (p. 128). Refere-se também aos jardins belos da Ilha da Madeira, aos montes e ainda à escarpa de um outeiro.

Luís da Costa Pereira (1818-1893)

Luís da Costa Pereira nasceu no Funchal a 17 de agosto de 1818 e morreu em Lisboa, esquecido, a 18 de janeiro de 1893. Terá sido vítima do meio mesquinho da Ilha da Madeira. Estudou na Universidade de Coimbra, colaborou em vários jornais e na revista *O Trovador* e foi ainda matemático, astrólogo, dramaturgo, filósofo e poeta.

²⁹ Cruz, V. (1949). *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira: 2.º Período - 1820-1910*. Funchal: Câmara Municipal (pp. 85-86).

No poema presente no primeiro volume da antologia, intitulado «No álbum de M.me Cabral» (pp. 156-157), datado de 1852, o eu refere que a senhora abandonou a ilha, desprezando a «Flor do oceano» (p. 157). No segundo volume, encontra-se o poema da sua autoria intitulado «Homem, crê» (pp. 15-19), de 1852, em que o sujeito refere que todos os elementos que constituem a ilha são criações de Deus: «noites serenas» (p. 18), «montes e varjeas amenas», «mar, lago imenso de anil, / que soluça na praia arenosa», «flores que enleiam sentidos» (p. 19), e «fontes de puro cristal» (p. 19). Luís da Costa Pereira recorre, assim ao mar, elemento intrínseco à ilha, bem como à natureza que o envolve.

Luís de Ornelas Pinto Coelho (1843-1920)

Luís de Ornelas Pinto Coelho nasceu no Funchal, na freguesia de São Pedro, a 21 de fevereiro de 1843, e morreu no Funchal a 17 de março de 1920. Foi redator do *Diário de Notícias* do Funchal e um poeta distinto da sua geração. Foi um escritor romântico e lírico e republicano, que defendeu o ideal democrático e liberal. Foi ainda chefe da polícia civil do Funchal e autodidata na literatura, escritor e jornalista, que tinha propriedades em Câmara de Lobos e nos Canhas.

Começaremos por analisar os seus poemas presentes no primeiro volume da antologia. No poema «Saudades» (pp. 26-29), de 1869, que é dedicado a seu pai, vê «terra, ao longe, verdes plagas, / céu azul, brancas nuvens, densos montes» (p. 26), isto é, a Madeira, o «berço da candura» (p. 26), onde o poeta viveu a infância, sendo o seu «éden de flores», o «ninho d'amores» (p. 26). O poeta deseja morrer na sua pátria, terra onde guarda tantas memórias.

O «eu» lírico anseia «matar esta saudade» (p. 27), pois ele é filho, marido e pai, mas fora também exilado, pois andou «por terras ardentes», tendo sofrido angústias pungentes», e sobrevivido devido à lembrança dos «tempos da infância», da sua pátria. O poeta deseja «vir morrer sob este céu» (da ilha), ansiando pelos «prados relvosos», «cantos sonorosos / dos vergéis da pátria», «e as brancas noites de fadas, / e as mil estrelas» (pp. 27-28) no céu. Na sua imaginação, surgem as «fontes de cristal» (p. 28), e entre «as moitas floridas / lá nas montanhas erguidas» ouve o canto do Zagal. Deseja que a barca vá depressa, pois «o exílio é tão distante» (p. 28) e ele sente tantas saudades.

Contudo, o barco mudou de rumo, sendo ele agora um desterrado. Vive com uma dor profunda por passar tão perto da sua pátria e não poder ficar nela. Despede-se da sua terra, «meigo berço de candura», terra da sua infância, esperando que a brisa leve o seu canto de saudade e tristeza. Termina o poema com «Céu azul, brancas nuvens, verdes plagas» (p. 29), em que o chão se enche «de mil flores», considerando ser ali o seu ninho. Trata-se de um poema de temática saudosa, em que o poeta sente angústia pela falta que a ilha lhe faz por estar longe dela.

Veja-se o poema «Um canto» (pp. 110-113), datado de 1870, dedicado a Maria Rita Colaço Chiappe Cadet, que fora discípula de António Feliciano de Castilho e esteve na Madeira entre 1870 e 1875. D. Maria veio à ilha «seus cantos modular» (p. 110), «tão inspirada / nas solidões do vale», «canção tão pura». Esta poetisa veio «saudar o arrebol», (p. 111), «Descanta / entre açucenas, / mimoso rouxinol» (p. 111). É, pois, uma «ilustre poetisa, / do Bardo que suspira», «musa do Tejo ameno» que verá «nestas alturas / sorrir-te em noites belas; / Eterna primavera / inflora estas campinas. / Nos prados mil boninas, / no céu estrelas e vem ouvir na praia «segredos da ternura / d'Arfet e de Machim» (p. 112).

Termina este poema, referindo que n'este regaço / das sombras encantadas / há brisas perfumadas / que voam lá do Sul; / nos montes de granito» (p. 113), esperando que a águia faça o seu ninho na ilha. No segundo volume, encontram-se mais alguns poemas de Luís Ornelas Pinto, de que pode ser exemplo «O thisico» (pp. 11-13), datado de 1867. O poeta exprime as saudades que sente da ilha, onde a «primavera vem tocando os montes, / vestem-se as fontes de matiz, verdor» (p. 12); «tremem as selvas quando adeja o vento / com brando alento, - osculando as rosas». Encontra-se febril, à beira da morte, deixando «a vida na estação das flores» (p. 13).

Maurício Carlos de CastelBranco Manuel (1842-1910) e Carlos Acciaiolly Ferraz de Noronha (1845-1924)

Maurício Carlos de CastelBranco Manuel nasceu no Funchal cerca de 1842 e morreu nessa mesma cidade a 6 de outubro de 1910. Foi um poeta de reconhecido mérito, tendo colaborado em jornais e revistas. Por sua vez, Carlos Acciaiolly Ferraz de Noronha nasceu na freguesia de Santana a 15 de fevereiro de 1845 e faleceu a 1 de fevereiro de

1924, filho do morgado da nobre família dos Acciaiols. Foi pároco em algumas freguesias e poeta satírico.

Vejamos um poema da autoria destes dois poetas presente no primeiro volume da antologia, intitulado «Barcarola» (pp. 172-173), datado de 1863. Nessa composição poética, sobressai a temática da viagem e da saudade presente sobretudo nos versos «voga meu barco ligeiro / corre ao porto hospitaleiro, / que a saudade é funda aqui!» (p. 172). Ao aproximar-se da ilha, sente uma «doce brisa que me afagas / meu tormento enfim acabas» (p. 173), vendo «sobre o monte», «largas vestes alvejar». Encontramos ainda uma referência à brisa fresca da ilha e ao porto considerado hospitaleiro.

Marceliano Ribeiro de Mendonça (1805-1866)

Marceliano Ribeiro de Mendonça, que nasceu no Funchal a 18 de abril de 1805 e morreu a 5 de agosto de 1866, foi perseguido pela ala absolutista, razão pela qual terá procurado asilo na casa de um súbdito inglês, onde permaneceu entre 1828 e 1834, aquando da implantação do governo constitucional na ilha. Dedicou-se ao estudo e colaborou em jornais madeirenses. Foi presidente da Câmara Municipal do Funchal, secretário-geral do governo civil e um reconhecido poeta.

No poema intitulado «Adeus à pátria» (pp. 37-42), presente no segundo volume da antologia, o eu lírico observa ao longe «anilarem-se / de árvores enastradas tão saudozas» (p. 37); «as derradeiras, crespas cumeadas / das terras onde nasci». Sentia-se nas «praias do desterro», imaginava ser «do penhasco planta» (p. 38), amando as alturas, «que aos pés debruço a copa, alastro a terra, / das galas de outros climas» (p. 38), sentindo saudades da sua pátria, através da referência aos cumes elevados da ilha. É, pois, possível constatar-se uma vez mais, referências à ilha e à sua orografia, bem como ao saudosismo provocado pela mesma.

Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras (1805-1888)

Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt nasceu no Funchal a 14 de março de 1805 e faleceu em São Pedro, no Funchal, a 23 de dezembro de 1888.

Era filha de José Joaquim de Vasconcelos e de Francisca Emília Teles de Meneses. Dominava várias línguas, como francês, inglês, italiano, latim e era apreciadora de música. Casou-se, em Santa Luzia, em 1823, com Jacinto de Santana e Vasconcelos Moniz Bettencourt (1801-1870), que viria a ser 1.º Visconde das Nogueiras, em 1867.

Participou em ações filantrópicas e culturais ocorridas na ilha. Foi inspetora da Comissão Protetora da Escola Municipal de Meninas da freguesia de São Gonçalo, nomeada pela Câmara Municipal do Funchal, em 1847. Foi considerada uma das mulheres mais cultas da sua época, a “Nova Alcipe”, assim designada pelo poeta e jornalista José Justiniano de Nóbrega, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente. A sua produção poética foi publicada apenas em antologias literárias, como *Flores da Madeira* (1871 e 1872).

No poema presente no primeiro volume, intitulado, «A vigília do Senhor», (pp. 188-191), datado de 1855, o sujeito poético descreve uma procissão religiosa no Estreito de Câmara de Lobos: «Era tarde», «do tecto das choupanas saia fumo» (p. 188), «um leve sopro agitava / as folhas dos castanheiros; / corriam, cantavam ledos / os singelos pegureiros» (p. 188). Enquanto a mãe, na choça, preparava a ceia, o pai esperava sentado na porta sob o umbral. Toca o sino três vezes, todos rezam, ao som das badaladas; acabando o repique no Campanário, «vão mil fogos d’improviso / pelos ares fuzilando» (p. 189). Toda a campina brilha com «fogos mil, estalam bombas», «zurrem foguetes», «repicam sinos» (p. 189).

Quando os fogos terminaram, o céu ficou sem nuvens, o que inspira cantos de amor. Este poema descreve uma tradição religiosa no Estreito de Câmara de Lobos, que refere o costume da ceia, do tocar das badaladas do sino da igreja e o hábito de rezar. Existe também a referência à «choupana» e à «choça», que são dois termos que designam uma cabana, um tipo de casa comum nessa zona. A referência ao «castanheiro» e ao «pessegueiro» remete para árvores características da ilha, bem como o hábito de lançar «fogos», «bombas» e «foguetes» em ocasiões como esta. São, pois estes alguns dos aspetos identitários madeirenses que sobressaem neste poema.

3.2. Recorrências temáticas presentes na Antologia

As antologias têm um papel fundamental na mediação entre o texto poético e o leitor, bem como no modo como permitem relacionar a criação literária com a identidade cultural. É neste sentido que podemos afirmar que a antologia *Flores da Madeira* se relaciona diretamente com a cultura madeirense. Procuraremos, assim, neste subcapítulo incidir a nossa atenção nos temas, assuntos e/ou ideias que surgem frequentes vezes nos poemas reunidos nesta coletânea. Optamos por nos referir apenas aos temas ligados à identidade e cultura insular assim como à condição do ilhéu em relação à ilha presente nas composições poéticas analisadas no capítulo anterior (3.1).

Nesta antologia destacam-se algumas ideias que se afirmam como pontos – chave de partida para uma análise mais aprofundada sobre alguns temas associados à identidade madeirense: saudade, memória / saudade da infância, fauna e flora, beleza da ilha, exílio, emigração, despedida, ausência da ilha, apego do ilhéu à ilha, clima ameno da ilha, mitos e lendas insulares, tais como a lenda de Machim, apelido de Zargo e Marcos de Braga, poetas da ilha, pobreza, plantações agrícolas, impressões de viagem, História local, cultura, Descobrimientos, topónimos da ilha, desastres naturais, praia do Funchal, nacionalismo, éden insular, mão de obra escrava, Santana, Câmara de Lobos, labor do ilhéu, ilha-jardim, o mar, turismo terapêutico, vida rural, hospitalidade e coragem do ilhéu, ilha-mãe e procissões religiosas, costumes e tradições, cultura, gastronomia, viagem, dados geográficos, paisagem construída e natural, clima, distância / isolamento, regime de colônia, crise na ilha, pobreza, entre outros. Procuraremos, assim, analisar com mais detalhe alguns desses temas encontrados na antologia *Flores da Madeira*, relacionados com a identidade madeirense.

Um dos temas recorrentes na antologia é o tema da saudade, que tende a contribuir para fortalecer a ligação do poeta à ilha, à sua terra natal, onde se encontram as suas raízes culturais. Ligado a esta temática, alguns poetas retratam a saudade do passado / da infância, lembrando com nostalgia esse período da sua vida, um tempo que fora marcado por momentos de alegria. Também surge representada a saudade da terra natal, em que os poetas expressam o amor que nutrem pela ilha e ao mesmo tempo uma saudade e angústia crescentes, quando se encontram longe da mesma, seja por motivo de exílio, seja por motivo de emigração ou ainda, relutância em deixar a ilha. Evocam com frequência, como razões para a saudade, alguns elementos da Natureza e as pessoas que

lhes são próximas, como a mãe e a amada. Ligado a este tema, junta-se o desejo do ilhéu viajante de querer regressar à sua terra-natal, reforçando assim a sua ligação à terra de origem.

A Natureza é outro dos temas que surgem na Antologia como motivo inspirador dos poetas a partir de qual descrevem a geografia, o clima e a paisagem da Madeira, com um toque subjetivo. A partir desse tópico, o poeta apresenta a descrição das paisagens idílicas da Ilha da Madeira, criando uma visão idealizada da mesma. Descrita como um paraíso terrestre, com vales verdejantes e floridos, montanhas serenas, fontes de água limpa e fresca, canto dos pássaros, brisa do mar, entre outros elementos, o poeta sente-se cativo por essas paisagens idealizadas da ilha, escrevendo versos que mostram a paz e a beleza decorrentes dos espaços retratados da Madeira. O que significa que a natureza poderá ser entendida como um refúgio para o poeta e motivo de felicidade e de amor pela ilha. Sublinhe-se que, ao descreverem a natureza da Ilha da Madeira, os poetas desta Antologia focam elementos da identidade madeirense. Alguns poetas recorrem também a elementos da fauna e da flora madeirense, tais como pássaros e árvores de fruto, como um recurso estilístico para expressar ideias e sentimentos do sujeito poético. Ainda ligado ao tema da Natureza, alguns poetas centram a sua atenção em elementos naturais tais como o mar, o sol, ou a chuva, explorando, simultaneamente, a força e a beleza dos mesmos, para expressar sentimentos de tristeza e dor.

O tema do amor também é predominante na antologia, podendo identificar-se dois tipos de amor: o amor romântico e o amor dedicado à ilha. O amor romântico surge em alguns poemas, nas quais o sujeito poético idealiza a sua amada, associando-a a elementos da natureza, como o céu e o mar, bem como quando o poeta recorre à paisagem, como pano de fundo para expressar sentimentos amorosos. Quanto ao amor à ilha, destacam-se inúmeras referências que permitem demonstrar a saudade e as memórias da infância assim como o desejo de regressar à Pátria.

Quanto ao tema da religiosidade, também recorrente na Antologia, podemos constatar que a fé se ergue como um refúgio contra as adversidades da vida. O poeta reflete sobre a busca dos madeirenses pela proteção de Deus, sobretudo em momentos de aflição e perigo como, por exemplo, em situações de catástrofes naturais. Muitos poemas demonstram assim que a fé religiosa, em momentos difíceis, afirma-se, para o ilhéu, como conforto e esperança. Ligado a este tema, destaca-se ainda a espiritualidade presente em

alguns poemas, que se interliga com a natureza e com os mistérios da existência. Encontramos ainda uma ligação entre a beleza da natureza e a religiosidade, em que a primeira surge como uma criação divina. Alguns poetas exploram a Natureza como lugar de encontro com Deus, em que a montanha, o mar e o céu são considerados lugares de tranquilidade espiritual.

Quanto à temática da identidade, cultura, tradições e costumes, alguns poetas mostram o seu orgulho em relação à ilha. A este tema junta-se o uso de regionalismos madeirenses, referência a mitos e lendas madeirenses e aspetos sobre o povo madeirense. Interligando a religiosidade com a identidade madeirense, é possível encontrarmos em alguns poemas referências a festas religiosas e a tradições orais, tais como lendas e mitos religiosos, que moldam a visão do mundo dos ilhéus e mostram a influência da Igreja Católica sobre o povo madeirense.

A referência a acontecimentos históricos é também um tema recorrente em alguns poemas da Antologia, a partir do qual alguns poetas descrevem acontecimentos históricos ligados à ilha da Madeira, desde a sua descoberta até ao momento presente, para glorificar as conquistas e lutas do povo madeirense, ou para chamar a atenção para uma data ou período específicos. Inclui-se nesse tema referências à realidade do século XIX na Madeira, de que o turismo terapêutico poderá ser exemplo, que atraía inúmeros estrangeiros sobretudo ingleses para tratar doenças pulmonares, ou por motivos de lazer. A influência inglesa na ilha é também notada em várias composições poéticas.

Nota-se também que em alguns poemas se encontram reflexões, constituindo outro dos temas da antologia. Vários poetas refletem sobre a pobreza na ilha, assim como sobre os impactos dos Descobrimentos na natureza primitiva, entre outros, que procuraremos analisar no subcapítulo 3.3. Nesses poemas, os autores dão voz ao ponto de vista sobre determinados aspetos da ilha da Madeira.

Gostaríamos aqui de sublinhar que estes temas foram analisados anteriormente, mais concretamente, no subcapítulo 3.1, retendo-se que todos eles incidem em aspetos identitários da ilha, relacionando-se, assim, com o simbolismo insular. É de destacar ainda que «o surgimento dessas antologias revela a promoção de uma «madeirensidade» de base letrada, como sublinham os seus títulos, que integram o nome da terra ou o respetivo gentílico» (Santos, 2019, p. 785).

3.3. Confluências de visões poéticas

Decorrente da exploração dos temas presentes na antologia *Flores da Madeira*, podemos afirmar que os poetas recorrem às temáticas atrás referidas, posicionando-se segundo o ponto de vista romântico. Iremos, pois, tentar comprovar que os poemas estudados em 3.1. se focam em aspetos identitários da Ilha da Madeira, explorando um ou mais temas referidos em 3.2., expressando, através da linguagem poética, ideias e emoções subjetivas, nessa possível aproximação a uma leitura do movimento romântico. Optámos por agrupar os poemas por tema para mais facilmente se poder identificar os diversos subtemas encontrados nos mesmos.

Ao agrupar os poemas de diferentes autores dentro de cada temática propomo-nos explicar de forma sucinta o tema e tentaremos encontrar semelhanças e diferenças entre eles, tendo em conta as influências literárias e culturais que o poeta terá recebido. Assim, procuraremos identificar padrões, nuances e singularidades de cada poeta na representação da identidade madeirense, com o objetivo de identificar uma possível interseção de sentimentos e de perspetivas poéticas.

Tentaremos mostrar que ao reunir ideias e posições destes poetas acerca de aspetos identitários e culturais da Madeira a análise da identidade nesta coletânea tornar-se-á, certamente, mais completa e complexa. Os temas a considerar nesta análise, já apresentados no subcapítulo 3.2, são saudade, natureza, amor, religiosidade, identidade, cultura, tradições e costumes, acontecimentos históricos e reflexões.

No que diz respeito ao recurso ao tema da saudade destacam-se os seguintes poetas da Antologia: Alfredo César d' Oliveira, Alípio Augusto Ferreira, Eduardo Ernesto de Carvalho, Francisco Vieira, João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, João Fortunato de Oliveira, João de Nóbrega Soares, Luís d' Ornelas Pinto Coelho, Maurício Carlos de Castelbranco Manuel & Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha e Marceliano Ribeiro de Mendonça.

Dentro deste tema, julgamos pertinente distinguir os poetas que focam a sua atenção na saudade da infância e/ou saudade da pátria e os poetas que estando na ilha, irão partir ou já se encontram no mar rumo a outro lugar e manifestam o desejo de voltar, expressando saudade. Ainda dentro desta temática, iremos também considerar os poetas

que ao sentirem saudade da pátria ou da infância recordam a natureza através da fauna e flora da ilha, o mar, o céu, a amada e a família.

Alfredo César d' Oliveira no poema «Saudades» (2.º Vol., 1872 pp. 157-159) demonstra sentir saudade pela pátria, referindo aspetos da fauna e da flora, de que sente falta por se encontrar longe da ilha. Por sua vez, Alípio Augusto Ferreira em «Impressões de viagem» (2.º Vol., 1872, pp. 73-75) manifesta, ao mesmo tempo, saudades da pátria e da infância, mas sente-se pronto para partir, despedindo-se da sua ilha. Eduardo Ernesto de Carvalho em o «Proscripto» (2.º Vol., 1872, pp. 175-179) também expressa saudades da pátria e da infância, por se encontrar emigrado, e manifesta o desejo de regressar. Por sua vez, Francisco Vieira, em «Adeus» (2.º Vol., 1872, pp. 153-155), demonstra saudades da infância e da ilha. Encontra-se já na sua barca pronto para partir e despede-se da sua pátria.

João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, em «O Adeus à pátria» (1.º Vol., 1871, pp. 129-133), manifesta o sentimento de saudade da pátria, despedindo-se da ilha, que considera ser um autêntico paraíso terrestre, quando está prestes a emigrar. Por sua vez, João Fortunato de Oliveira, em «No Pico Ruivo» (1.º Vol., 1871, pp. 99-106), revela sentir saudades da pátria, ao descrever o Pico Ruivo e os seus arredores, manifestando o desejo de regressar à sua ilha. Em «Sant'anna» (2.º Vol., 1872, pp. 1-9), o poeta também manifesta saudades da sua terra, ao descrever Santana e os arredores nessa ligação que alguns poetas estabelecem com a Ilha, como o seu lugar. Também João de Nóbrega Soares, em «O mar» (1.º Vol., 1871, pp. 83-94), expressa igualmente saudades da ilha, enquanto seu espaço particular.

Luís d' Ornelas Pinto Coelho, em «Saudades» (1.º Vol., 1871, pp. 26-29), expressa saudades da sua infância vivida na Madeira e, por se encontrar exilado, demonstra o desejo de regressar à Ilha. Em «O tísico» (2.º Vol., 1872, pp. 11-13), o poeta também demonstra sentir saudades da ilha. Maurício Carlos de Castelbranco Manuel & Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha, no poema intitulado «Barcarola» (1.º Vol., 1871, pp. 172-173), manifestam saudades da pátria. Estando já na barca de regresso à Ilha, desejam chegar rapidamente à costa madeirense. Também Marceliano Ribeiro de Mendonça em «Adeus à pátria» (2.º Vol., 1872, pp. 37-42) sente já saudades da sua terra, quando se despede da Ilha, a caminho do desterro.

Dos poetas que manifestaram saudades da pátria ou da infância, entendemos que tendem a estar ligados profundamente à terra onde nasceram e cresceram. Expressam mágoa e sofrimento ao se verem obrigados a deixar a ilha, seja em busca de melhores condições de vida, seja por serem forçados a deixar a ilha e a família, rumo ao degredo ou exílio em outra terra. Entre partir ou ficar, o leitor retém destes poemas a dificuldade expressada pelo poeta ao ter de deixar aquele que considera ser um paraíso terrestre, sendo a despedida muito difícil para o ilhéu que está habituado a ver o mar.

Quanto à natureza, encontramos este tema associado em alguns dos poetas mencionados no tema da saudade e ainda em outros não mencionados nesse tópico, dos quais destacamos Alfredo César d'Oliveira, Alípio Augusto Ferreira, Januário Justiniano de Nóbrega, João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, João Fortunato de Oliveira, João de Nóbrega Soares, Luís d'Ornelas Pinto Coelho e Marceliano Ribeiro de Mendonça. Ainda sobre este tema, cremos ser importante sublinhar os poetas que descrevem as paisagens da ilha, os que se referem à beleza e força dos elementos naturais, como o mar, o céu e a terra, os poetas que consideram a ilha como um refúgio para a sua alma e os que consideram a natureza um lugar de encontro com Deus. É de destacar ainda aqueles que dedicam a sua poesia à natureza da ilha para expressar amor romântico.

Alfredo César d'Oliveira, em «Saudades» (2.º Vol., 1872, pp. 157-159), descreve a beleza de alguns elementos da natureza, considerando-a um refúgio. Também Alípio Augusto Ferreira, em «Impressões de viagem» (2.º Vol., 1872, pp. 73-75), recorre à natureza como pano de fundo para expressar amor romântico. Januário Justiniano de Nóbrega em «A oração do poeta» (1.º Vol., 1871, pp. 6-11) descreve as paisagens naturais idílicas da ilha, em que a natureza se apresenta como um refúgio e a pátria um paraíso terrestre. Recorrendo à natureza para expressar amor romântico, este poeta refere que a beleza natural da ilha se deve ao Deus Criador.

Também no poema «O lago do trovador» (1.º Vol., 1871 pp. 30-33), o poeta Januário Justiniano de Nóbrega considera uma vez mais a natureza como um refúgio. Refere a beleza dos elementos naturais da ilha, tais como o céu e o mar, sendo a sua poesia inspirada pela natureza e dedicado à mesma. Em «Amor e pejo» (2.º Vol., 1872, pp. 51-53), o poeta recorre à natureza como cenário particular para expressar amor romântico. Em «Não sei cantar assim» (2.º Vol., 1872, pp. 81-85), o poeta considera a ilha um paraíso terrestre, mostrando que a natureza serve como lugar de encontro com Deus. Refere ainda

que a Nova Alcipe, a Viscondessa das Nogueiras, dedica igualmente a sua poesia à natureza, mostrando também o seu amor à pátria.

Em «A minha pátria, em sonhos» (2.º Vol., 1872, pp. 125-130), o poeta Januário Justiniano de Nóbrega descreve o concelho de Santana e a paisagem humanizada e paisagem natural desse concelho, considerando a natureza um refúgio para a alma. O poeta personifica a natureza como sendo uma mulher, referindo a beleza dos elementos naturais da ilha. João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos em «A tua imagem» (1.º Vol., 1871, pp. 15-18) idealiza ainda a amada, recorrendo a elementos da natureza para expressar o seu amor por ela. Retrata a beleza e força dos elementos naturais, em particular, o mar, céu e terra.

Em «O Adeus à pátria» (1.º Vol., 1871, pp. 129-133), o poeta recorre novamente à natureza como um refúgio para a alma, apresentando a ilha como um paraíso terrestre. João Fortunato de Oliveira, em «No Pico Ruivo» (1.º Vol., 1871, pp. 99-106), descreve as paisagens idílicas do pico mais alto da Madeira e dos seus arredores e considera a ilha um paraíso terrestre e a Natureza um escape para sua alma. Em «Sant'anna» (2.º Vol., 1872, pp. 1-9), o poeta descreve as paisagens dessa região e os seus arredores, confessando ser um paraíso terrestre e um refúgio para o poeta. Refere-se também a elementos da fauna e da flora madeirense. João de Nóbrega Soares em «O mar» (1.º Vol., 1871, pp. 83-94) retrata a beleza e força dos elementos naturais, como o mar, o céu e, uma vez mais, a natureza como um refúgio espiritual para o poeta. Em «Ao mar» (2.º Vol., 1872, pp. 189-190), o poeta destaca e enaltece a beleza do mar madeirense, descrevendo-o como «eterna fórmula de esperança e saudade, amor e vida!» (p. 85).

Luís de Ornelas Pinto Coelho, em «Saudades» (1.º Vol., 1871, pp. 26-29), considera a natureza um refúgio para a alma e a ilha como o seu paraíso terrestre. Em «Um canto» (1.º Vol., 1871, pp. 110-113), refere que a poetisa Maria Rita Colaço Chiappe Cadet³⁰ dedica a sua poesia à ilha, paraíso terrestre, louvando a natureza. Em «O tísico» (2.º Vol., 1872, pp. 11-13), o poeta serve-se da natureza para expressar amor romântico. Por sua vez, Marceliano Ribeiro de Mendonça em «Adeus à pátria» (2.º Vol., 1872, pp.

³⁰ Poetisa, romancista, contista e dramaturga portuguesa, que nasceu em 1836 e faleceu a 5 de dezembro de 1885.

37-42) considera a natureza, a que recorre para expressar amor romântico, o seu refúgio, destacando a beleza natural do céu da ilha.

Dos poetas ligados ao tema da natureza é, pois, possível constatar que todos mostram sentir uma ligação profunda à ilha, mostrando o seu amor e predileção por esse lugar, ao descreverem com emoção os elementos naturais da ilha. Mostram que a ilha faz parte deles, sentindo-se ligados através de uma relação com o lugar, «cordão umbilical», revelando assim que, para os ilhéus, a ilha é como uma mãe.

A maioria dos poetas que recorre aos temas anteriores como matéria-prima para os seus textos, e que a seguir elencamos, também recorrem ao tema do amor: Alfredo César d' Oliveira, Alípio Augusto Ferreira, Eduardo Ernesto de Carvalho, Francisco Vieira, Januário Justiniano de Nóbrega, João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, João Fortunato de Oliveira, João de Nóbrega Soares, Leolinda Jardim Vieira, Luís d'Ornelas Pinto Coelho, Maurício Carlos de Castelbranco Manuel & Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha e Marceliano Ribeiro de Mendonça. É de salientar que na abordagem deste tema nos propomos distinguir os poetas que aludem ao amor romântico daqueles que demonstram o amor à Ilha através da saudade ou da alusão a elementos da natureza.

Alfredo César d'Oliveira em «Saudades» (2.º Vol., 1872., pp. 157-159) demonstra o seu amor à terra natal. Também Alípio Augusto Ferreira em «Impressões de viagem» (2.º Vol., 1872, pp. 73-75) traduz o seu apego à pátria, mas também amor romântico. Eduardo Ernesto de Carvalho, em «Proscrito» (2.º Vol., 1872, pp. 175-179), mostra o seu amor à Ilha, de que sente falta por estar longe. Francisco Vieira em «Adeus» (2.º Vol., 1872, pp. 153-155) demonstra afeto à ilha e expressa a falta que esta lhe faz. Januário Justiniano de Nóbrega, em «A oração do poeta» (1.º Vol., 1851, pp. 6-11), expressa igualmente o seu amor à Madeira, através de referências à natureza, mas também através da expressão de amor à amada. Em «O lago do trovador» (1.º Vol., 1871, pp. 30-33), o poeta demonstra o seu amor à ilha ao lhe dedicar a sua poesia.

Em «Amor e pejo» (2.º Vol., 1872, pp. 51-53), o poeta expressa o amor romântico. Em «Não sei cantar assim» (2.º Vol., 1872, pp. 81-85), expressa amor à ilha, dedicando-lhe os seus versos poéticos. Em «A minha pátria, em sonhos» (2.º Vol., 1872, pp. 125-130), demonstra esse mesmo amor à ilha, ao referir-se a Santana. João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos em «A tua imagem» (1.º Vol., 1871, pp. 15-18) expressa amor à

amada. No poema «O Adeus à pátria» (1.º Vol., 1871, pp. 129-133) mostra o seu amor à ilha, ao ter dificuldade em deixá-la. João Fortunato de Oliveira em «No Pico Ruivo» (1.º Vol., 1871, pp. 99-106) mostra essa admiração pela ilha ao descrever o Pico Ruivo e os seus arredores com emoção, assim como em «Sant'anna» (2.º Vol., 1872, pp. 1-9), ao descrever esse lugar e os seus arredores.

João de Nóbrega Soares, em «O mar» (1.º Vol., 1871, pp. 83-94), ao retratar o mar da ilha, demonstra o seu afeto à mesma, e «Ao mar» (2.º Vol., 1872, pp. 189-190), também mostra o seu amor à Ilha ao lhe dedicar este seu poema. Leolinda Jardim Vieira em «Num álbum» (1.º Vol., 1871, p. 128) também expressa o amor profundo que sente pela ilha. Luís de Ornelas Pinto Coelho em «Saudades» (1.º Vol., 1871, pp. 26-29) mostra do mesmo modo o seu amor à Madeira ao confessar sentir saudades dela. Em «Um canto» (1.º Vol., 1871, pp. 110-113), o amor à ilha é comprovado através da dedicação da escrita poética à mesma. Em «O tísico» (2.º Vol., 1872, pp. 11-13), o poeta expressa amor romântico à ilha. Maurício Carlos de Castelbranco Manuel & Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha, em «Barcarola» (1.º Vol., 1871, pp. 172-173), expressam também amor à ilha, tal como Marceliano Ribeiro de Mendonça em «Adeus à pátria» (2.º Vol., 1872, pp. 37-42).

Dos poetas ligados ao tema do amor, consideramos poder afirmar que todos demonstram afeto à ilha e alguns também à amada, expressando esse amor de diversas formas, a maioria deles através do recurso à descrição das paisagens naturais da ilha.

No que diz respeito ao recurso do tema da religiosidade nas suas composições, listamos os seguintes poetas: Eduardo Ernesto de Carvalho, Januário Justiniano de Nóbrega, João Fortunato de Oliveira, João de Nóbrega Soares, Luís da Costa Pereira, Luís de Ornelas Pinto Coelho e Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt (Viscondessa das Nogueiras). Distinguimos aqui os poetas que referem que a ilha foi obra divina daqueles que mencionam a fé do ilhéu, pedindo proteção a Deus aquando de catástrofes naturais ou outras calamidades, por considerarem a Ilha como um lugar de proximidade e de encontro com Deus.

Eduardo Ernesto de Carvalho, em «Proscripto» (2.º Vol., 1872, pp. 175-179), recorre à fé como refúgio contra as adversidades da vida, neste caso particular, por se encontrar emigrado numa terra distante, razão pela qual pede proteção divina. Januário

Justiniano de Nóbrega, em «A oração do poeta» (1.º Vol., 1871, pp. 6-11), refere a fé como recurso contra as adversidades da vida e pede proteção a Deus. Considera que a beleza natural da ilha se deve à criação divina. Em «O soldado do Mindelo» (1.º Vol., 1871, pp. 45-51), é possível encontrar o soldado a pedir proteção divina. Já em «O naufrágio» (1.º Vol., 1871, pp. 118-125), é uma mãe que pede proteção divina para os ilhéus, constatando-se aqui o recurso à fé contra as adversidades da vida.

Em «A viúva e o órfão» (1.º Vol., 1871, pp. 164-166), encontramos referência aos asilos da mendicidade e da orfandade que foram criados devido à influência da igreja cristã sobre o ilhéu. Em «O pobre escravo» (2.º Vol., 1872, pp. 21-29), o poeta mostra o ilhéu a pedir proteção divina, recorrendo à fé como refúgio contra as adversidades da vida e ainda a indicação de crenças religiosas para afastar o «Diabo», tais como o uso de hissopo e caldeirinha. Em «O nome sacro» (2.º Vol., 1872, pp. 67-69), o poeta refere o amor a Deus, a fé como refúgio contra calamidades da vida e a proteção divina. Em «Não sei cantar assim» (2.º Vol., 1872, pp. 81-85), o poeta refere a natureza como um lugar de encontro com Deus. Por sua vez, no poema «O que foste! O que és!» (2.º Vol., 1872, pp. 93-96), encontramos referida a fé em Deus e a influência da igreja cristã sobre o ilhéu.

João Fortunato de Oliveira, em «No Pico Ruivo» (1.º Vol., 1871, pp. 99-106), refere que foi Deus quem criou a ilha. Já João de Nóbrega Soares em «O mar» (1.º Vol., 1871, pp. 83-94) retrata o nauta numa tempestade no mar a pedir proteção divina, auxiliando-se da fé para chegar ao porto em segurança. Luís da Costa Pereira, em «Homem crê» (2.º Vol., 1872, pp. 15-19), refere que a natureza foi criada por Deus, aludindo à fé católica e ao sofrimento de Deus. Luís de Ornelas Pinto Coelho em «O tísico» (2.º Vol., 1872, pp. 11-13) apresenta a fé contra as adversidades da vida e o pedido de proteção divina. Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras, em «A vigília do Senhor» (1.º Vol., 1871, pp. 188-191), demonstra que a beleza do céu se deve a Deus. Descreve uma festa religiosa em Câmara de Lobos e menciona a crença e a fé em Deus.

No que diz respeito à abordagem desta temática, podemos reter que os poetas demonstram a sua ligação a Deus, o que permite ao leitor aferir que a religião católica estava enraizada no pensamento e no quotidiano do ilhéu madeirense.

Sobre identidade, cultura, tradições e costumes, constatamos a existência de diversos poetas que refletem, na sua produção, acerca deste tema, nomeadamente Alípio Augusto Ferreira, Francisco Vieira, Januário Justiniano de Nóbrega, João de Nóbrega Soares, José António Monteiro Teixeira, Luís de Ornelas Pinto Coelho e Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt (Viscondessa das Nogueiras). Ainda sobre este tema, destacamos ainda alguns poetas que focam a sua atenção sobre produtos regionais, casas tradicionais, o povo madeirense, lendas e mitos regionais, entre outros.

A título de exemplo, podemos mencionar Alípio Augusto Ferreira que, em «Carta» (1.º Vol., 1871, pp. 107-109), opta pelo regionalismo madeirense «semilha» para se referir a batata. Destaca ainda a vida atarefada no campo com as plantações da batata e da vinha e sobre a lâmpada a gás. Neste poema, observamos também a referência a *O Crepúsculo*³¹, um jornal madeirense, que divulga a produção de poetas madeirenses. Por sua vez, Francisco Vieira em «Adeus» (2.º Vol., 1872, pp. 153-155) refere a choça, um tipo de casa madeirense. Januário Justiniano de Nóbrega, em «O lago do trovador» (1.º Vol., 1871, pp. 30-33), dedica a sua poesia à Ilha da Madeira. Em «O soldado do Mindelo» (1.º Vol., 1871, pp. 45-51), refere ainda a coragem do madeirense e a afirmação da sua identidade tendo em conta as origens deste soldado e a luta pela sua pátria.

Em «Apelido de Zargo» (1.º Vol., 1871, pp. 78-82), surge a referência a João Gonçalves de Zarco e à descoberta da ilha. Em «O naufrágio» (1.º Vol., 1871, pp. 118-125), o poeta representa a hospitalidade e abnegação heróica do povo madeirense, que arrisca a vida pelos seus semelhantes. Em «A viúva e o órfão» (1.º Vol., 1871, pp. 164-166), é feita referência aos asilos da mendicidade e da orfandade na Madeira, como já tivemos oportunidade de referir. Em «O pobre escravo» (2.º Vol., 1872, pp. 21-29) consta uma referência à lenda insular de Marcos de Braga, o valente, e em «Não sei cantar assim» (2.º Vol., 1872, pp. 81-85), é feita menção à poetisa Viscondessa das Nogueiras, que dedica a sua escrita à ilha.

João de Nóbrega Soares em «O mar» (1.º Vol., 1871, pp. 83-94) faz referência à hospitalidade do porto madeirense e José António Monteiro Teixeira, em «Epístola» (1.º Vol., 1871, pp. 65-70), traduz a busca por uma identidade madeirense. Faz referência à Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, localizada no Funchal, na Pontinha,

³¹ Periódico literário quinzenal (1856).

como símbolo de defesa da cidade. Refere a Praça da Rainha, (Avenida do Mar) e alguns produtos regionais madeirenses, tais como vinho, banana e ramos de freiras com penas de patos machos, bem como a hospitalidade do povo madeirense para com os estrangeiros.

Luís d' Ornelas Pinto Coelho em «Um canto» (1.º Vol., 1871, pp. 110-113) faz alusão à lenda de Anne d' Arfet e de Machim e a poetisa Maria Rita Colaço Chiappe Cadet dedica a sua poesia à ilha: «Tu vens ouvir a vaga / na praia onde murmura / segredos de ternura / d' Arfet e de Machim» (p. 112). Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras, em «A vigília do Senhor» (1.º Vol., 1871, pp. 188-191), descreve a festa religiosa em Câmara de Lobos, referindo a choupana e a choça, dois termos que designam um tipo característico de casa madeirense, os castanheiros e os pessegueiros, árvores de fruto comuns na ilha, e a tradição de lançar bombas, foguetes e fogo de artifício em ocasiões especiais, como festas religiosas.

Sublinhemos, em forma de síntese, que os poetas apresentam diversos aspetos no que diz respeito a este tema, que nos parecem revelantes para entendermos algumas particularidades da Madeira, tais como o regionalismo «semilha», as plantações da batata e do vinho no campo, a lâmpada a gás, *O Crepúsculo*, jornal madeirense, a choça e a choupana, tipos de casa madeirense, a coragem do madeirense e a afirmação da identidade insular, a referência a João Gonçalves de Zargo, a hospitalidade e abnegação heróica dos madeirenses, asilos da mendicidade e dos órfãos, a lenda insular de Marcos de Braga, o porto madeirense, a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, a Praça da Rainha, inúmeros produtos regionais, a lenda de Machim, a festa religiosa em Câmara de Lobos, árvores de fruto e o fogo de artifício aquando das festas e arraiais.

No que diz respeito a acontecimentos históricos, destacam-se alguns poetas que focam a sua atenção neste tema, tais como Januário Justiniano de Nóbrega, João Fortunato de Oliveira, José António Monteiro Teixeira e Luís de Ornelas Pinto Coelho. Neste tema, distingue-se também a época do descobrimento da Madeira e da sua colonização, catástrofes naturais, turismo terapêutico e influência inglesa na ilha, entre outros.

Januário Justiniano de Nóbrega, em «A oração do poeta» (1.º Vol., 1871, pp. 6-11), refere que a ilha já foi um império de grande riqueza, aludindo ao ciclo do açúcar e do vinho. Em «O soldado do Mindelo» (1.º Vol., 1871, pp. 45-51), o poeta alude ao

acontecimento histórico do desembarque do Mindelo. Em «Apelido de Zargo» (1.º Vol., 1871, pp. 78-82), retoma o período da História das lutas entre cristãos e mouros no cerco de Tânger, destacando-se a figura histórica Zargo, que descobriu a ilha da Madeira. Em «O naufrágio» (1.º Vol., 1871, pp. 118-125), o poeta parece descrever um naufrágio que ocorreu no mar da Madeira. Em «O pobre escravo» (2.º Vol., 1872, pp. 21-29), há ainda uma menção à visita do rei D. João³², o Piedoso, à ilha, e à data do fim da escravatura.

Em «O que foste! O que és!» (2.º Vol., 1872, pp. 93-96), o poeta refere acontecimentos históricos relativos à época dos Descobrimentos, nomeadamente da Madeira, que deve a sua descoberta ao infante D. Henrique, tendo sido a ilha um ponto estratégico e importante para Portugal. Menciona a implantação da cruz cristã em solo madeirense e vários madeirenses que se destacaram em África, como é o caso de João Fernandes Vieira³³, (nobre) patricio da Ilha, que terá expulsado os holandeses de Pernambuco, cuja capital é Olinda, pondo fim a uma guerra que durou mais de sete anos. Aponta ainda que foi nomeado, em 1658, governador e capitão-General de Angola. Por sua vez, em «A minha pátria, em sonhos» (2.º Vol., 1872, pp. 125-130), o poeta refere que no passado, em Santana, havia plantações da cana-sacarina e que os Homens, na época da colonização, desbravaram a ilha a fogo.

João Fortunato de Oliveira, em «No Pico Ruivo» (1.º Vol., 1871, pp. 99-106), aponta acontecimentos históricos do período dos Descobrimentos como, por exemplo, quando Zarco descobriu a ilha, colocando a bandeira no solo e quando a Madeira foi desbravada a fogo. Faz ainda referência ao turismo terapêutico, no século XIX. De igual modo, José António Monteiro Teixeira em «Epístola» (1.º Vol., 1871, pp. 65-70) faz menção ao turismo terapêutico e à influência inglesa no século XIX, assim como Luís de Ornelas Pinto Coelho que, em «O tísico» (2.º Vol., 1872, pp. 11-13), alude ao turismo terapêutico na Madeira.

Como já tentámos demonstrar, na Antologia *Flores da Madeira* há diversos poetas que mencionam a fase da descoberta da Madeira nas suas produções e outros que se dedicaram a apresentar outros temas relevantes e também relacionados com a História da Ilha, tais como a visita do rei D. João, o Piedoso, à Madeira, a menção à figura histórica,

³² D. João III o décimo quinto rei de Portugal, apelidado de «o Piedoso», era religioso, reinou de 1521 a 1557.

³³ Francisco de Ornelas nasceu no Funchal em 1610 e faleceu em Olinda, a 10 de janeiro de 1681. Foi militar e senhor de engenho português.

João Fernandes Vieira, a produção da cana-de açúcar, a ocorrência de um naufrágio na ilha e o turismo terapêutico.

No que diz respeito ao tema reflexões, destacam-se poetas como Alípio Augusto Ferreira, Januário Justiniano de Nóbrega, João de Nóbrega Soares, José António Monteiro Teixeira e Luís da Costa Pereira, entre outros, que refletiram sobre a pobreza na ilha, a emigração, o reconhecimento dos poetas madeirenses, a escravatura, a impotência do Homem em relação ao mar e a influência inglesa na ilha.

Alípio Augusto Ferreira, em «Carta» (1.º Vol., 1871, pp. 107-109), reflete sobre o facto de na zona onde vive não haver nenhum assinante do jornal *O Crepúsculo*, devido à vida atarefada e à falta de dinheiro para poder assinar o jornal, destacando desse modo, a pobreza na ilha. Afirma ainda que escreve contos, mas que não é reconhecido o valor da sua escrita. Januário Justiniano de Nóbrega em «A oração do poeta» (1.º Vol., 1871, pp. 6-11) discorre sobre a pobreza na ilha e sobre a falta de amor à pátria. Em «O lago do trovador» (1.º Vol., 1871, pp. 30-33), o poeta tece considerações sobre a falta de visibilidade do poeta madeirense na ilha, não sendo valorizado pela escrita. Em «Apelido de Zargo» (1.º Vol., 1850, pp. 78-82), é apresentada uma reflexão sobre como a fé em momentos difíceis pode conduzir à vitória.

O poema «O naufrágio» (1.º Vol., 1871, pp. 118-125) de Januário Justiniano de Nóbrega mostra ao leitor a impotência do Homem perante a força e violência do mar. Em «A viúva e o órfão» (1.º Vol., 1871, pp. 164-166), surge uma reflexão sobre a situação das mulheres viúvas na época que, sem o marido, não tinham forma de sustentar os filhos. Dedicavam-se ao bordado, não recebendo um salário justo por essa profissão. No poema «O pobre escravo» (2.º Vol., 1872, pp. 21-29), é mostrada a perseguição feita a um escravo, considerado pelos residentes da época como o «Diabo», aproximando-se de uma leitura racista. No final do poema, temos a profecia do escravo, a de que o fim da escravatura chegaria, passando a ser, a partir de então, considerado igual ao homem branco. Por sua vez, em «A minha pátria, em sonhos» (2.º Vol., 1872, pp. 125-130), está patente uma reflexão sobre as consequências devastadoras que os Descobrimentos provocaram na Natureza da ilha.

João Fortunato de Oliveira, em «No Pico Ruivo» (1.º Vol., 1871, pp. 99-106), também reflete sobre as consequências dos Descobrimentos na natureza e em

«Sant’anna» (2.º Vol., 1872, pp. 1-9) destaca a pobreza na ilha. Já José António Monteiro Teixeira, em «Epístola» (1.º Vol., 1871, pp. 65-70), reflete sobre a pobreza e influência inglesa na ilha e sobre o facto de Portugal estar na bancarrota e precisar da ajuda da nação inglesa. Faz também menção aos ingleses que vêm à ilha, por motivos de doença ou por lazer, e que mostram superioridade perante os madeirenses. Luís da Costa Pereira em «No álbum de M.me Cabral» (1.º Vol., 1871, pp. 156-157) refere que a mulher abandonou a sua ilha ao decidir emigrar.

Nesta temática, os poetas refletem sobre um conjunto de questões relevantes do século XIX na Madeira, tais como a pobreza na ilha, a falta de amor à pátria, o não reconhecimento do valor do poeta, a força da fé em momentos de crise, a impotência do Homem perante o mar, a situação precária das mulheres viúvas, racismo e escravatura, consequências dos Descobrimentos na natureza, a influência inglesa e a bancarrota do Estado Português, a visita de estrangeiros à ilha e a emigração de madeirenses.

Ao agrupar os poemas por temáticas, constatamos ser possível encontrar diversos temas recorrentes no mesmo poema. Por essa razão, afigura-se-nos, por vezes, complexo incluir esse poema num único tema, devido ao seu conteúdo. Contudo, ao analisarmos por exemplo, apenas o tema da religiosidade em *Flores da Madeira*, veremos a lista de poemas que se encontram nesse tema, só estudando neles o que se refere a esse tema. Com este critério que optámos por seguir, julgamos conseguir tornar mais acessível o teor da mensagem que os poetas transmitem na sua escrita. Apesar da existência de vários temas num mesmo poema parece-nos, pois, possível afirmar que traduzem a identidade cultural madeirense.

Conclusão

Com esta dissertação, tentámos cumprir os objetivos a que nos propusemos inicialmente, nomeadamente, demonstrar uma possível relação entre literatura e identidade a partir de *Flores da Madeira*, uma antologia poética coligida por José Leite Monteiro e Alfredo César d'Oliveira, no século XIX, cujas composições focam a sua atenção em aspetos da identidade madeirense. Procurámos, assim, através da análise dos textos poéticos constatar que a maioria dos poetas dirigem um canto à Ilha da Madeira, refletindo sobre a condição e a identidade insular e sobre a ligação dos ilhéus madeirenses à sua terra natal e ao mar. O que entendemos a partir dos poemas analisados é a ideia de que nascer e viver numa ilha tende a marcar profundamente o ilhéu, pois aquilo que é, o modo como pensa, age e reage resulta do facto de ter nascido e vivido no espaço fechado de uma ilha, rodeada pelo oceano, carregando memórias e experiências pessoais da infância e da vida. Cumpre-nos também salientar que alguns poetas descreveram a ilha de forma abrangente, sendo na natureza selvagem que, frequentes vezes, os poetas encontram a beleza natural da ilha, com a qual estabelecem na maioria dos poemas analisados uma ligação natural, tendo em conta não só as paisagens humanizadas como também as naturais. A realidade exótica tende a dominar o pincel do artista que pinta a beleza que o cerca, apelando também ao leitor para redescobrir o lugar insular, já que esse quadro natural e humano faz parte da identidade dos madeirenses.

Assim, no primeiro capítulo, foi nosso propósito apresentar a contextualização da Madeira no século XIX, referindo as novas conformações sociais na época para tentar demonstrar como o simbolismo insular se reflete na literatura madeirense. No segundo capítulo, apresentámos alguma da poesia produzida na Ilha, no século XIX, tendo tido em consideração o ultrarromantismo madeirense e, em particular, a influência de Soares de Passos. A referência aos principais poetas ultrarromânticos madeirenses presentes na antologia analisada e a menção à importância das antologias poéticas na Madeira no século XIX constitui, pois, um meio para a divulgação dos referidos poetas. No terceiro e último capítulo da nossa dissertação procurámos analisar os poemas selecionados da coletânea *Flores da Madeira*, bem como os seus poetas, destacando marcas e temas insulares aí presentes assim como o entrecruzamento da visão dos poetas, com base nos temas presentes na antologia.

A partir da nossa análise, podemos pois constatar a existência de uma ligação entre literatura e geografia, já que as paisagens literárias perpassadas pelo olhar do poeta permitem dar a ver uma descrição mais detalhada de contextos sociais, culturais e identitários. Foi nesse sentido que tentámos demonstrar a existência de uma clara ligação entre espaço, lugar e experiência, tendo os sentidos, sobretudo visão e o tato, um papel crucial, gerando sentimentos mais profundos no poeta. O que significa que a literatura tende a expor as marcas identitárias de um dado lugar e de uma dada realidade, neste caso específico, a insular, já que a Madeira se ergue como o centro da atenção dos poetas desta antologia, que dedicaram a escrita à sua Ilha.

Como procurámos demonstrar, a literatura permite relatar a identidade dos lugares, os lugares em si e o que estes têm de especificidade madeirense. Através da contemplação da paisagem, a mesma pode assumir vários padrões e diferentes significados consoante o ponto de vista. Então, alguns dos poetas da coletânea traduzem a importância do meio, servindo-se de memórias do lugar, transmitindo a identidade do mesmo. O espaço, enquanto cartografia literária, é um elemento alcançável ao ser humano, em que o mapa assume o papel de conduzir o olhar diretamente para os lugares e os destinos literários aí contemplados.

Após a análise de aspetos identitários da ilha da Madeira nos poemas bem como o percurso efetuado pelos poetas, podemos afirmar que a antologia poética *Flores da Madeira* apresenta um retrato da ilha da Madeira, da sua História, a partir da descrição de alguns usos e costumes, formas de organização do povo, do comércio, da fauna, da flora, ou seja, da descrição de diversos lugares da Ilha e das suas gentes. Ou seja, trata-se de uma representação dos itinerários, de maneira a formar ideias exatas sobre um dado lugar ou sobre alguns aspetos, como por exemplo, a descoberta da Madeira. Daí termos encontrado algumas descrições, de modo a visualizarmos o lugar, como o caso do Pico Ruivo ou Santana, em que, com base na descrição apresentada, o leitor alcança uma imagem mental do lugar.

Podemos, assim, concluir que a literatura contribui para uma maior compreensão de um lugar/região representado, assim como da sua identidade. No caso particular das antologias, gostaríamos de sublinhar que estas se apresentam como arquivo, ou seja, como lugares de memória. No caso particular da antologia que constitui objeto de

estudo, a Antologia *Flores da Madeira* ergue-se como memória da Ilha da Madeira dotada de sentido crítico, traduzido pelo conjunto dos poetas madeirenses que a integram.

Referências Bibliográficas/Net gráficas

Corpus:

Oliveira, A. C. & Monteiro, J. L. (1871). *Flores da Madeira: poesia de diversos autores madeirenses*. Vol. 1. Funchal: Tipographia da Imprensa Livre- Hathi Trust. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c093289423&seq=7>

Oliveira, A. C. & Monteiro, J. L. (1872). *Flores da Madeira: poesia de diversos autores madeirenses*. Vol. 2. Funchal: Tipographia da Imprensa Livre- Hathi Trust. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nnc1.1000190934&seq=7>

Bibliografia Passiva:

Antunes, L. M. (2021). «Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira», Franco, J. E. & Trindade, C. (2021). *Que saber(es) para o Século XXI?: História, Cultura e Ciência na Madeira*. Lisboa: Esfera do Caos Editores. (pp. 403-412)..

Bettencourt, A. C., Dantas., Z. F., Araújo, M. H. & Luís, V. (2018). *Fotografias da Madeira de Aloísio César de Bettencourt (1872-1895)*. Funchal: DRC, ABM & Photographia- Museu «Vicentes».

Braga, T. (1986). *História da Literatura Portuguesa: O ultra- romantismo*. Vol. VI. Portugal: publicações Europa-América.

Cardoso, A. (1968). *O Fenómeno económico-social da emigração madeirense*. Coimbra: Junta Geral do Funchal.

Carvalho, H., Urbano, B. & Pimentel, D. (2006). *Pontos Luminosos, Açores e Madeira*. Porto: Campo das Letras.

Carita, R. (2019). «A sociedade madeirense no século XIX». *História da Madeira, séc. XIX: O caminho do liberalismo*. Funchal: Imprensa Académica. (pp. 237-276).

Chaves, D. N. (2020). *Questões de identidade insular na Macaronésia*. Açores: Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM- Centro de Humanidades.

Clode, L. P. (1983). *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: edição da Caixa Económica do Funchal.

Clode, L. P. (1956). «Poetas madeirenses: alguns subsídios para uma Antologia». *Revista das Artes e da História da Madeira*. Nº 24. Funchal. (pp. 18-22).

Cruz, V. (1951). *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira: 2.º Período – 1820-1910*. Funchal: Câmara Municipal.

Cruz, V. (1953). *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira: 3.º Período – 1910-1952*. Funchal: Câmara Municipal.

Gomes, A. F. (1953). «Algumas notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira»». *Das Artes e da História da Madeira*. Vol. III. Nº 14. Funchal.

Gomes, A. F. (1953). «Algumas notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira»». *Das Artes e da História da Madeira*. Vol. III. Nº 15. Funchal.

Gomes, A. F. (1958). «Januário Justiniano de Nóbrega. Poeta e Jornalista, 1824-1866». *Das Artes e da História da Madeira*. Vol. V. Nº 28. Funchal.

Guerra, J. V. & Barros, F. (2010). *Funchal 500 anos: Momentos e documentos da História da nossa cidade*. Funchal: ARM.

Machado, A. M. (1986). *Les Romantismes au Portugal: Modeles etrangers et orientations nationaux*. Lisboa: Fondation Calouste Gulbenkian.

Marino, L. (1960). *Musa insular*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Marino, L. (1970). *Panorama literário do Arquipélago da Madeira*. Vol. 1-16. Funchal.

Matos, D. e Carita, R. (1997). *Roteiro Histórico e Cultural da Cidade do Funchal*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

Moisés, M. (1ª Ed. 1969 & 8ª Ed. 1987). *A análise literária*. São Paulo: Cultrix.

Moisés, M. (1ª Ed. 1967 & 10ª Ed. 1987). *A criação literária: Poesia*. São Paulo: Cultrix.

Moisés, M. (1994). *A literatura portuguesa em perspectiva: romantismo e realismo*. São Paulo: Atlas.

Moniz, A. I. (2017). «A ilha que trago dentro de mim». Veríssimo, N. & Burnay, C. D. (2021). *A condição de Ilhéu*. Lisboa: Universidade Católica. (pp. 91-95).

Moniz, A. I. (2021). «Ilhas, identidade e sujeito insular». Coelho, L. M. (2021). *Insularidades: Rotas, Gentes, Lugares*. Porto: Edições Afrontamento. (pp. 45-55).

Monteiro T. J. A. (1848/1849). *Obras Poéticas*, tomo I e II. Funchal: Tipografia de Viana Júnior.

Monteiro T. J. A. (1861). *Œuvres Poétiques en français*. Madeira: Typographia de B.F.L. Machado.

Monterey, G. (1976). *Câmara de Lobos (Ilha da Madeira)*. Porto: Edição do autor.

Nepomuceno, R. (2008). *A Madeira vista por escritores portugueses (século XIX e XXI)*. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.

Pestana, C. A. (1985). *A Madeira, cultura e paisagem*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura. (pp. 19-26 & 37-42).

Reis, C. & Pires, M. N. (1995). *História crítica da literatura portuguesa: O Romantismo*. Lisboa: Editorial Verbo.

Ribeiro, J. A. (2002). *Santana: Memórias de uma freguesia*. Santana: Junta Freguesia de Santana.

Ribeiro, O. (1985). *A Ilha da Madeira até meados do século XX: Estudo geográfico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Richard, J. P. (1970). *Études sur le romantisme*. Paris: Editions du seuil.

Rodrigues, J. A. B. (2011). *A Madeira através de gravuras- século XIX: Um contributo para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado em Estudos Regionais e Locais. Universidade da Madeira.

Silva, A. R. M. (1994). *Apontamentos sobre o quotidiano Madeirense (1750-1900)*. Lisboa: Editorial Caminho.

Silva, F. A. (1950). «Poetas Madeirenses: Alguns subsídios para uma antologia». *Revista das Artes e da História da Madeira* (N.º 24). Funchal.

Silva, F. A., & Meneses, C. A. (1984). *Elucidário Madeirense*. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura - Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Teixeira, M. (2005). *Tendências da Literatura na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX*. Funchal: CEHA. (pp. 9-53).

Veríssimo, N. & Burnay, C. D. (2021). *A condição de ilhéu*. Lisboa: Universidade Católica.

Vieira, A. (1998). *Do Éden à Arca de Noé*. Funchal: O Liberal.

Vieira, A. (2010), «As Ilhas: da Nissologia à Nesologia». *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, vol. 2. Funchal: Secretaria Regional de Educação e Cultura, pp. 16-21.

Conteúdos online:

Antunes, L. M. (2010). «A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspetos». Lamas, N. C. (2010). (Pro) Posições Culturais. Joinville: Editora Univille. (pp. 189-199). <http://hdl.handle.net/10400.13/4421>

Barrento, J. (2012) «Identidade e Literatura: o «Eu», o «Outro», o «Há». *Revista Diacrítica*. n.º 26. março. Lisboa. <https://scielo.pt/pdf/dia/v26n3/v26n3a02.pdf>

Codeço, B.L.M. (2007). «Literatura e construção da identidade». *Revista psicopedagógica*. Vol. 24. N.º 74. São Paulo. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200002

Fernandes, B. (2011). *Literatura e Identidade: poesia de representação em busca de uma cidadania negada*. Doutoramento em Pós-colonialismos e Cidadania Global. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. <https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n6/documentos/04-BrunoFernandes.pdf>

Henriques, E. B. (2009). *Distância e conexão insularidade: relações culturais e sentido de lugar no espaço da Macaronésia*. Lisboa: IAC. https://www.academia.edu/27079742/Distância_e_Conexão_Insularidade_relções_culturais_e_sentido_de_lugar_no_espço_da_Macaronésia

Macedo, L. S. A. (19, fevereiro. 2021). «Entre a voz e a pluma: textos madeirenses de autoria feminina (do século XV à 1.ª metade do século XX)». *A Pátria: Jornal da Comunidade Científica da Língua Portuguesa*. Funchal: Ponteditora. (pp. 1-25). <https://hdl.handle.net/10316/93160>

McCall, G., “Nissology: A proposal for consideration”, *Journal of The Pacific Society*, n.º63-64, vol. 17, 2-3, pp. 93-106, 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291049492_Nissology_The_study_of_islands (consultado a 12 de outubro de 2020).

Macedo, L. S. A. M. (2019). *Dicionário (incompleto) de escritoras madeirenses e de textos de autoria feminina*. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/89420/1/Dicionario-incompleto-de-escritoras-madeirenses-e-de-textos-de-autora-feminina-2019.pdf>

Moniz, A. I. (2017). «Literatura e insularidade- Lugar e local, região e parcela: um exemplo». *RUA-L*. N.º 6. (pp. 51-61). <http://hdl.handle.net/10400.13/3804>

Nascimento, J. C. (2010). «O ensino de Literatura na educação de jovens e adultos». Guarabira. [http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1420/1/PDF%20-%20Jair%20Cruz%20do%20Nascimento.pdf#:~:text=Nos%20apontamentos%20de%20Moisés%20\(1987%2C%20p.%2044\)%20a%20expressão%20literária%2C%20\[&text=%20constitui%20uma%20forma%20de%20conhecer%20o,ou%20não%2C%20persegue%20durante%20toda%20a%20existência.](http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1420/1/PDF%20-%20Jair%20Cruz%20do%20Nascimento.pdf#:~:text=Nos%20apontamentos%20de%20Moisés%20(1987%2C%20p.%2044)%20a%20expressão%20literária%2C%20[&text=%20constitui%20uma%20forma%20de%20conhecer%20o,ou%20não%2C%20persegue%20durante%20toda%20a%20existência.)

Pavanelo, L. M. (maio. 2009). «Soares de Passos, Álvares de Azevedo e as diversas faces do ultra-romantismo». *Revista Crioula*. N.º 5. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2009.54945>

Santos, T. P. (2008). «Gerações, Antologias e outras afinidades literárias: A construção de uma Identidade Cultural na Madeira». (2006-2008). *Dedalus: A ilha e os mapas da cultura*. N.º 11-12. Lisboa: Edições cosmos. (pp. 559-581). <https://revistadedalus.pt/ddalus/index.php/dedalus/issue/view/13>

Santos, T. P. (2019). «A Lírica Madeirense Contemporânea: folheando os cadernos da poesia que o têm registado (1952-2016)». *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*. N° 1. (pp. 781-805). Funchal: ABM.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9058755>

(s.a.). *Concise handbook of the Island of Madeira* (1881). London.

(s.a.). *Azores and Madeira* (1920), London: H.M. Stationery office.

Apêndices

Temas e motivos encontrados nos poemas dos poetas analisados no sub-capítulo 3.1.

Poeta	Título do poema	Tema(s) e motivo (s)
Alfredo César d'Oliveira	«Saudades» (2.º Vol., s.d., pp. 157-159)	Saudade da terra natal, fauna, Natureza, beleza dos elementos naturais (sol) e Natureza como refúgio para poeta
Alípio Augusto Ferreira	«Carta» (1.º Vol., 1865, pp. 107-109)	Regionalismos, costumes e plantações agrícolas
-	«Impressões de viagem» (2.º Vol., 6/9/1869, pp. 73-75)	Saudade do passado e da pátria, idealização da amada, recorrendo a elementos naturais, Natureza como pano de fundo para expressar amor romântico e despedida
Eduardo Ernesto de Carvalho	«Proscripto» (2.º Vol., s.d., pp. 175-179)	Saudade da pátria e do passado, diáspora, fé como refúgio contra as adversidades da vida e proteção de Deus
Francisco Vieira	«Adeus» (2.º Vol., s.d., pp. 153-155)	Saudade da infância e da pátria e diáspora
Januário Justiniano de Nóbrega	«A oração do poeta» (1.º Vol., 1851, pp. 6-11)	Natureza, descrição das paisagens idílicas da ilha, paraíso terrestre,

		Natureza como refúgio para o poeta, beleza dos elementos naturais (céu, sol), amor à ilha, fauna, proteção de Deus, fé como refúgio contra adversidades, beleza natural da ilha realizada por criação divina, acontecimentos históricos e Natureza para expressar amor romântico
-	«O lago do trovador» (1.º Vol., 1851, pp. 30-33)	Natureza como refúgio para o poeta, beleza dos elementos naturais: céu e sol, Natureza, poesia e canto da Natureza
-	«O soldado do Mindelo» (1.º Vol., 1854, pp. 45-51)	Acontecimentos históricos, afirmação da identidade madeirense, coragem do ilhéu, saudade da pátria e proteção de Deus
-	«Apelido de Zargo» (1.º Vol., 1850, pp. 78-82)	Acontecimentos históricos, lenda insular de Zargo e paraíso terrestre
-	«O naufrágio» (1.º Vol., 1865, pp. 118-125)	Força e beleza dos elementos naturais: mar e céu, pequenez do Homem, fé como refúgio contra as adversidades da

		vida, proteção divina, hospitalidade e coragem do ilhéu e desastres naturais: naufrágio
-	«A viúva e o órfão» (1.º Vol., 1859, pp. 164-166)	Saudade do amado, situação das mulheres viúvas e do filho e influência da igreja católica: asilos
-	«O pobre escravo» (2.º Vol., s/d., pp. 21-29)	Lenda insular de Marcos de Braga, <i>o valente</i> , influência da igreja católica no ilhéu, escravatura, proteção divina, fé como refúgio, crença religiosa: afastar o Diabo com hissopo e caldeirinha, lenda religiosa: bruxa com novelo, regionalismo e visita do rei
-	«Amor e pejo» (2.º Vol., 1847, pp. 51-53)	Amor romântico: Natureza como pano de fundo para expressar amor romântico
-	«O nome sacro» (2.º Vol., s.d., pp. 67-69)	Amor a Deus, fé como refúgio contra adversidades da vida e proteção divina
-	«Não sei cantar assim» (2.º Vol., s.d., pp. 81-85)	Paraíso terrestre, espiritualidade e Natureza, Natureza como

		lugar de encontro com Deus, amor à pátria, poesia e canto da Natureza
-	«O que foste! O que és!» (2.º Vol., s.d., pp. 93-96)	Acontecimentos históricos do passado: desde Descoberta até presente, paraíso terrestre, coragem do ilhéu, influência da igreja católica sobre ilhéu e fé religiosa
-	«A minha pátria, em sonhos» (2.º Vol., s.d., pp. 125-130)	Descrição do concelho de Santana, Natureza como refúgio para o poeta, paisagem humanizada e natural, passado e presente, Descobrimientos: consequências da ação do Homem na Natureza e personificação da Natureza- mulher, beleza dos elementos naturais
João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos	«A tua imagem» (1.º Vol., 1851, pp. 15-18)	Amor romântico, Idealização da amada com elementos da Natureza, Natureza para expressar amor romântico e beleza e força dos elementos naturais: mar, céu, terra

-	«O Adeus à pátria» (1. ^o Vol., s.d., pp. 129-133)	Saudade da pátria, emigração, paraíso terrestre, Natureza como refúgio para o poeta e saudade da infância
João Fortunato de Oliveira	«No Pico Ruivo» (1. ^o Vol., 1863, pp. 99-106)	Descrição do Pico e arredores, descrição das paisagens idílicas, paraíso terrestre, Natureza como refúgio para poeta, Deus criou ilha: Natureza, passado, descrição de acontecimentos históricos: Descobertas, consequências dos Descobrimentos na Natureza, flora, levadas, saudade da pátria e desejo de regressar
-	«Sant'anna» (2. ^o Vol., 1857, pp. 1-9)	Descrição de Santana e arredores, descrição das paisagens idílicas, paraíso terrestre, Natureza como refúgio para poeta, passado, saudade do passado, pobreza / riqueza do passado, saudade da ilha e fauna e flora
João de Nóbrega Soares	«O mar» (1. ^o Vol., 1866, pp. 83-94)	Beleza e força dos elementos naturais: mar, vento, sol; saudades da

		ilha, Natureza como refúgio para poeta, fé como refúgio contra adversidades, proteção de Deus, espiritualidade e Natureza, porto hospitaleiro, mistério e imensidão do mar
-	«Ao mar» (2.º Vol., 1872, pp. 189-190)	Beleza dos elementos naturais: mar, imensidão do mar- liberdade e distância
José António Monteiro Teixeira	«Epístola» (1.º Vol., 1852, pp. 65-70)	Defesa da cidade, pobreza, turismo terapêutico, influência inglesa, busca por identidade própria e tradições
Leolinda Jardim Vieira	«Num álbum» (1.º Vol., 1857, p. 128)	Amor à ilha
Luíz da Costa Pereira	«No álbum de M.me Cabral» (1.º Vol., 1852, pp. 156-157)	emigração
-	«Homem crê» (2.º Vol., 1852, pp. 15-19)	Criação da Natureza por Deus, fé católica e sofrimentos de Deus
Luíz de Ornellas Pinto Coelho	«Saudades» (1.º Vol., 1869, pp. 26-29)	Saudade da pátria, saudade da infância e passado, diáspora, saudade da Natureza, Natureza como refúgio

		para o poeta, paraíso terrestre e exílio
-	«Um canto» (1.º Vol., 1870, pp. 110-113)	Poesia e canto da Natureza, paraíso terrestre e lenda dos amores de Anne d'Arfet e Machim
-	«O tísico» (2.º Vol., 1867, pp. 11-13)	Turismo terapêutico, fé como refúgio contra adversidades, proteção de Deus, saudade da ilha, morte e Natureza para expressar amor romântico
Maurício Carlos de Castelbranco Manoel & Carlos Acciaioly Ferraz de Noronha	«Barcarola» (1.º Vol., 1863, pp. 172-173)	Saudade da pátria
Marcelliano Ribeiro de Mendonça	«Adeus à pátria» (2.º Vol., pp. 37-42)	Saudade da pátria, Natureza, diáspora, Natureza como refúgio para o poeta, beleza dos elementos naturais: sol, exílio, despedida e Natureza como pano de fundo para expressar amor
Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras	«A vigília do Senhor» (1.º Vol., 1855, pp. 188-191)	Descrição de uma festa religiosa em Câmara de Lobos, fé em Deus, árvores de fruto,

		tradições e costumes e criação divina
--	--	--

FLORES DA MADEIRA

POESIAS

DE

DIVERSOS AUTHORES MADEIRENSES

COLLIGIDAS

POR

JOSE LEITE MONTEIRO
E
ALFREDO CESAR D'OLIVEIRA.

FUNCHAL

TYP. DA IMPRENSA LIVRE

Rua do Perú—47.

1874.

FLORES DA MADEIRA

POESIAS

DE

DIVERSOS AUTHORES MADEIRENSES

COLLIGIDAS

POR

Alfredo Cesar d'Oliveira

E

Jose Leite Monteiro

segunda serie



FUNCHAL.

TYP. DA *Imprensa Livre*

Rua da Mouraria—19.

1879